UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Um lugar para chamar de "Meu"

Estudo sobre relação afetiva com o lugar de Moradores da praia de Pipa-RN.

Sâmia Thais Barros Feijó de Medeiros

NATAL-RN
SET-2005

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Sâmia Thaís Barros Feijó de Medeiros

Um Lugar para chamar de "Meu"

Estudo sobre relação afetiva com o lugar de moradores da praia de Pipa-RN.

Dissertação orientada pela professora Dra. Gleice Azambuja Elali e apresentada para a obtenção do título de mestre em Psicologia.

NATAL
2005

Catalogação da Publicação na Fonte. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial Especializada do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA.

Medeiros, Sâmia Thaís Barros Feijó de .
Um lugar para chamar de "meu" / Sâmia Thaís Barros Feijó de Medeiros. – Natal, RN, 2005.
169 f.

Orientadora: Profa. Dr. Gleice Azambuja Elali.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Ambiental.

1. Psicologia Ambiental – Dissertação. 2. Afetividade – Lugar – Moradores – Praia de Pipa (RN). 3. Amor – Dissertação. 4. Afiliação – Dissertação. 5. Praia de Pipa (RN) – Dissertação. I. Elali, Gleice Azambuza. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA CDU 159.9:316.6(043.3)

Um lugar para chamar de "Meu"
Estudo sobre relação afetiva com o lugar dos moradores da praia de Pipa-RN.

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

A dissertação "Um lugar para chamar de 'Meu': estudo sobre a relação afetiva com o lugar dos moradores da praia de Pipa-RN", elaborada por "Sâmia Thaís Barros Feijó de Medeiros", foi considerada aprovada por todos os membros da Banca Examinadora e aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, como requisito parcial à obtenção do título de MESTRE EM PSICOLOGIA.

Natal, RN, ___ de _____ de 200__

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Gleice Azambuja Elali (Orientadora) _____

Profa. Dra. Isolda Günther _____

Prof. Dr. José Queiroz Pinheiro _____

Um lugar para chamar de "Meu"
Estudo sobre relação afetiva com o lugar dos moradores da praia de Pipa-RN.

Ao meu filho, Arthur Feijó de Medeiros.

Agradecimentos

À Deus, pela vida maravilhosa e pela bênção de ser mãe;

Aos amigos espirituais, pela presença e apoio em momentos difíceis;

Aos meus pais, Fernanda e Paulo Heider, que me proporcionaram tudo o que sou hoje;

Ao meu marido, Sílvio Augusto, pela companhia, compreensão e participação em tudo o que faço;

Ao nosso filho, Arthur, que mesmo apertadinho no ventre, permitiu que eu concluísse esta dissertação, compartilhando os sentimentos de alegria e apreensão ao longo desses meses;

À professora e orientadora Gleice Elali, pela dedicação, alegria e principalmente incentivo;

Ao professor José Pinheiro, pelo aprendizado e bons momentos no Programa de Pós-Graduação em Psicologia;

À amiga Violeta Quevedo, pela delicadeza, exemplo de perseverança e por compartilharmos juntas esse momento especial em nossas vidas acadêmicas;

À minha sogra, Maria Cândida, pelo apoio e conforto em momentos difíceis;

Aos meus colegas de trabalho da Caixa Econômica Federal, demais professores, funcionários e colegas do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRN.

Sumário

Lista de Siglas 8

Lista de figuras e tabelas 9

Resumo 11

Abstract 12

Abrindo as malas 13

Viagens Anteriores 15

É possível viajar sem sair de casa? 17

Cada coisa em seu lugar 19

1. Preparando a bagagem 22

1.1. Percepção ambiental: um importante guia de viagem 22

1.1.1. Os mecanismos perceptivos 28

1.1.2. Algumas reflexões sobre o conceito de lugar 34

1.2. Não há lugar como o nosso lar 39

2. Um lugar para chamar de "Meu" 48

2.1. Lugar Meu, Seu e Nosso 52

3. Pipa: um lugar no/do mundo 68

3.1. Um passeio pelo Passado 70

3.2. Um passeio pelo Presente 74

4. Definindo abordagens e instrumentos 83

4.1. Multimétodos 83

4.1.1. Observação naturalística 84

4.1.2. Entrevistas 85

4.1.3. Documentação gráfica e fotográfica 92

5. Pipa: um mar de emoções ***93***

5.1. Caracterização dos Participantes 95

5.2. Uma Pipa que não volta mais... 100

5.3. Por baixo dos véus, adereços e enfeites, uma Pipa natural 107

5.4. A Menina dos Olhos 116

5.5. Aprendendo com os sentimentos: Amor, Apego e Afiliação 130

5.6. Revendo Conceitos, Idéias e Sentimentos 143

Afinal, que(m) é de quem? ***152***

Os referenciais da viagem ***156***

Apêndices ***161***

Apêndice A: Modelo do roteiro de entrevista exploratória 161

Apêndice B: Modelo do roteiro de entrevista 162

Apêndice C: Exemplo de entrevista 163

Lista de Siglas

AL = Apego ao lugar

AE = Apropriação do Espaço

SL = Sentimento de Lugar

SR = Satisfação Residencial

SC = Sentimento de Comunidade

IL = Identidade do lugar

DL = Dependência do lugar

ISU = Identidade Social Urbana

TP = Topofilia

FT = Funcionamento Territorial

NEP = Núcleo Ecológico de Pipa

Lista de figuras e tabelas

Figuras:

01 - Esquema de Percepção Ambiental, 22

02 - Estruturas de referência espacial, 32

03 - A dialética do lar, 43

04 - Esquema de indicação dos sujeitos, 91

05 - Localização de Pipa no Rio Grande do Norte, 69

06 - Localização e acessos de Pipa, com relação à Natal, 70

07 - Lagoa Guaraíras em Tibau do Sul, 70

08 - Praias de Pipa, 71

09 - Costa recostada, 71

10 - Pedra que deu nome a Pipa, 72

11 - Labirinto de madeira para pegar peixes, conhecido como "curral", 72

12 - Ladeira do Sanharão/Galhardo, 74

13 - Configuração espacial longilínea de Pipa, 76

14 - Construção de *flats* à beira-mar, 77

15 - Chapadão, 78

16 - Diversidade de culturas convivendo em Pipa, 79

17 - Diversidade de culturas convivendo em Pipa, 79

18 - Tipologia das novas moradias, 81

19 - Presença de *resorts*, 81

20 - Pedestres e veículos dividem o mesmo espaço nas ruas, 81

21 - Esgotos lançados nas ruas, 82

22 - Engarrafamento em dia de grande movimento, 82

23 - Construções irregulares em cima da falésia, 83

24 - Construções irregulares em cima da falésia, 83

25 - Caracterização dos participantes por sexo, 96

26 - Caracterização dos participantes pela idade, 96

27 - Caracterização dos participantes pela atividade econômica, 97

28 - Caracterização dos participantes pela naturalidade, 97

29 - Caracterização dos participantes pelo tempo de moradia, 97

30 - Caracterização dos participantes pelo tipo de moradia, 98

31 - Pobreza de detalhes na percepção do ambiente e com ênfase na topografia, 108

32 - Representação dos elementos naturais de Pipa, 109

33 - Pipa representada por casas de taipa, 117

34 - Ênfase nos elementos turísticos do ambiente, 118

35 - Ênfase nos elementos turísticos do ambiente, 118

36 - Atrativos para turistas noruegueses, 119

37 - Sentimentos com relação a Pipa, 142

38 - Situações afetivas dos entrevistados, 144

39 - Relação dos moradores apegados e suas atividades econômicas, 151

40 - Relação dos moradores apegados com idade, 151

41 - Relação dos moradores apegados com o tempo de residência, 152

42 - Formas de relacionamento afetivo com Pipa, 153

Tabelas:

01 - Características dos participantes da pesquisa exploratória, 87

02 - Características individuais dos participantes, 95

03 - Distribuição dos entrevistados quanto aos sentimentos com Pipa, 141

04 - Distribuição dos entrevistados quanto às situações afetivas com Pipa, 144

Resumo

Os afazeres e as exigências físicas e sociais cotidianas fazem com que sintamos cada vez mais a necessidade de estar num ambiente familiar e restaurador, com os quais frequentemente estabelecemos vínculos emocionais. A interação com locais de descanso e lazer, exemplificados na literatura em Psicologia Ambiental por ambientes residenciais e recreativos, permite que exercitemos nossas potencialidades e fortaleçamos nossa identidade (pessoal e coletiva). Partindo deste pressuposto, esta dissertação tem como objetivo estudar a relação afetiva com o lugar de moradores da praia de Pipa-RN, que passou de vila de pescadores a ponto turístico trazendo muitas mudanças para a população local. Para tanto, utilizamos observação comportamental, entrevistas e documentação gráfica e fotográfica com 30 sujeitos selecionados por uma rede de indicações, atendendo ao critério "amar Pipa". Após a sistematização das respostas, identificamos três super-categorias: 1) Amor, caracterizado pela forte representatividade que um ambiente tem para o indivíduo, sem, necessariamente, existência de vínculo afetivo, podendo ser mantido à distância e dissociado do desejo de estar presente; 2) Apego, traduzido pela dificuldade em se deixar o lugar, um vínculo que pode ser intermediado por investimentos financeiros pessoais ou expectativa de benefícios no futuro; 3) Afiliação, que se refere ao sentimento de pertença ao lugar e sua comunidade, compartilhando de sua história, cultura, hábitos, etc., independentemente do local de nascimento. Estas super-categorias não são excludentes, ao contrário, podem formar combinações, as quais denominamos de situações, que variaram do 01 (indivíduo envolvido com nenhuma das três) ao 07 (indivíduo envolvido com as três); não houve a combinação Apego e Afiliação. Estes resultados revelaram que dentro do arcabouço das relações afetivas com o lugar, há inúmeras possibilidades de interação pessoa-ambiente, determinadas pelas características físico-ambientais e pela avaliação que o indivíduo faz dele. Com esta pequena contribuição ao tema, esperamos iluminar perspectivas de pesquisas futuras, especialmente envolvendo a relação afetiva com lugares e a adoção de condutas pró-ambientais, como uma questão de preservação de ecossistemas e qualidade de vida dos usuários.

Palavras-chave: Relação Afetiva com o lugar; Amor; Apego; Afiliação; Praia de Pipa-RN.

Abstract

The chores and the daily physical and social demands make us feel more and more the need to be in a familiar and restoring environment, with which we frequently establish emotional bonds. The interaction with places for resting and leisure, exemplified in the Environmental Psychology literature as recreational and home environments, allow us to exercise our potentials and to strengthen our (personal and collective) identity. Bearing this in mind, this dissertation has as aim to study the relation of affection between the place and the inhabitants of the community of Pipa-RN, which has turned from fishermen's village into tourist destination, bringing with it many changes to the local population. To accomplish that, we made use of behavioral observations, interviews, and graphic and photographic documentation with 30 subjects selected through a network of indications, attending to the criterion "loving Pipa". After analysis and systematization of the answers, we identified three super-categories: 1) Love, characterized by the strong representation that an environment has upon an individual without, necessarily, there being an affective link, allowing it to be nurtured from a distance and dissociated from the desire to be present; 2) Attachment, demonstrated by the difficulty in leaving the place, a bond that can be mediated by personal financial investments or expectation of future benefits; 3) Affiliation, which refers to the feeling of belonging to the place and its community, sharing its history, culture, habits, etc., independent from the place of birth. These super-categories are not exclusive, on the contrary, they can form combinations which we denominate as situations, that could vary from 01 (individual involved with none of the three) to 07 (individual involved with the three); there wasn't the combination between Attachment and Affiliation. These results showed that within the framework of relations of affection with the place, there are countless possibilities of interaction individual-environment, determined by the physical-environmental characteristics and by the assessment that each individual makes of it. With this small contribution to the theme, we hope to enlighten the perspectives for future research, especially involving the relation of affection for places and the adoption of pro-environmental conducts, as a question of preservation of the ecosystems and of the quality of life of the inhabitants.

Key words: Affective Relationship with Places; Love; Attachment; Afiliation; Pipa's Beach-RN.

Abrindo as malas

Iniciamos esta introdução abrindo as malas para iniciar uma viagem, mostrando ao leitor, antes de tudo, que elas não estão vazias, ao contrário, estão cheias, de expectativas, ansiedade, alegria, coragem e recordações de pequenas viagens feitas em passado recente. Sendo assim, este capítulo se propõe a falar um pouco sobre a autora: quem é, de onde vem e para onde pretende ir, de modo a contextualizar a aventura empreendida na elaboração dessa dissertação.

Entretanto, abrir as malas apenas não é o suficiente. Temos que preparar a bagagem, selecionar o que nos será útil, os instrumentos de orientação para que não nos percamos nos vários percursos da viagem. Para manter-nos orientados, há algumas precauções: uma é a consciência do nosso objetivo, que é o de estudar os tipos de relação afetiva ao lugar, nesse caso, a praia de Pipa-RN; outra, é a linguagem a ser adotada, simples e objetiva, embora, algumas vezes, com alguma (ou bastante) emoção; e uma terceira é a tentativa de construção de um caminho a ser percorrido (corpo teórico) até o nosso destino, procurando descrevê-lo passo a passo.

Dentre tantos temas relacionados e empregados amplamente na literatura em Psicologia Ambiental, selecionamos alguns que consideramos pertinentes ao contexto estudado, como aqueles que relacionam a afetividade ao lugar com a construção e/ou manutenção da identidade individual e/ou coletiva, como uma questão de sobrevivência e de qualidade de vida (Low & Altman, 1992; Manzo, 2003; Proshansky, 1978; Twigger & Uzzell, 1996 e Valera, 1997). Tal abordagem procura contemplar a dinâmica da vida humana nos seus aspectos temporais e espaciais, como por exemplo, a importância que um lugar teve em determinado momento da vida de alguém (após casamento ou separação, por exemplo), e o que uma simples mudança geográfica, pode representar para auto-estima e manutenção do *self* do indivíduo.

Neste aspecto, destacam-se como temas afins: 1) a percepção ambiental, pela necessidade de avaliação do ambiente, frente às necessidades e anseios do indivíduo, o conceito de lugar, que pressupõe uma experiência espacial e atribuição de significado ao

entorno (percepção do lugar); 2) peculiaridades de ambientes residenciais[1], pelo valor sentimental e unidade territorial que são para nós; e 3) conceitos envolvidos com a relação afetiva com lugares, tais como Satisfação Residencial (SR), Apropriação do Espaço (AE), Apego ao Lugar (AL), e outros. Definido isto, resta preparar a bagagem.

Como o próprio título diz, buscamos "um lugar para chamar de meu", ou seja, um lugar onde possamos satisfazer as nossas vontades e necessidades, desenvolver nossas potencialidades, expressar-nos e sentir-nos totalmente à vontade para ser quem somos. Antes que partamos, é preciso esclarecer: para que um lugar possa ter essa propriedade é necessário que, dentre outros aspectos, ele ajude a fortalecer a identidade pessoal ou grupal, a oferecer boas condições à nossa sobrevivência e a proporcionar bem estar psicológico. Isso indica que estamos tratando do ambiente não apenas em termos físicos, mas também em suas dimensões social, econômica, política e cultural.

Como é em ambientes residenciais que gastamos boa parte nosso tempo, e principalmente, aquelas horas destinadas ao descanso, lazer, e à família, avaliar que um lugar pode nos trazer muitos benefícios, pode tornar-se um importante primeiro passo para pensar em morar nele.

Neste âmbito surgiu o interesse em investigar como moradores se sentem com relação ao seu ambiente residencial, tendo como base alguns estudos já realizados por pesquisadores na área da Psicologia Ambiental contemporânea, especificamente Amérigo (1998), Manzo (2003), Ruiz, Villodres e Vilela (1997), e Villodres e Ruiz (1997). Mas, não poderiam ser nem moradores, nem ambientes quaisquer: escolhemos um local com características e história peculiares, situado a cerca de 90km da capital do estado do Rio Grande do Norte, a praia de Pipa no município de Tibau do Sul. Os motivos dessa escolha serão melhor detalhados a seguir.

O objetivo desse trabalho é estudar, de forma detalhada, e basicamente qualitativa, o apego ao lugar de moradores da praia de Pipa-RN. A nossa viagem se justifica porque a busca pelo nosso lugar, mais do que uma aventura, é uma necessidade vital para a qualidade de vida.

---

[1] Na literatura em Psicologia Ambiental, o termo original utilizado é *Home Environments*, que contém

Viagens Anteriores

Apenas se pode escolher um novo destino, depois de saber por onde já passamos. Por isso, neste item, falaremos sobre pequenas viagens realizadas anteriormente. São recordações essenciais à nova jornada.

Arquitetura e Urbanismo é a minha profissão, entretanto, isto não quer dizer que réguas, prancheta, compasso e computador são meus únicos instrumentos de trabalho. Durante o período como estudante de graduação em Arquitetura e Urbanismo, preocupava-me em tentar compreender de que maneira os criadores de espaços poderiam estar influenciando a percepção dos usuários, quanto a eles mesmos e quanto aos ambientes nos quais se inserem em suas atividades cotidianas. Não se tratava apenas do interesse pela relevância da interação pessoa-ambiente, enfatizada em algumas disciplinas, e sim da intenção de construir um modo de agir/atuar profissionalmente consciente do seu papel dentro desta relação. Algumas das respostas vieram no contato com a Psicologia Ambiental: 1) pela compreensão dos diferentes estímulos ambientais ao comportamento humano, ajudando a construir formas de pensar e usar o espaço e 2) pelo emprego de alguns conceitos e abordagens importantes na área, como *behavior settings* (Barker, 1968; Wicker, 1979), aglomeração (Hombrados, 1998), avaliação do ambiente construído (Sommer, 1979). Compreendendo que essas noções complementavam meus estudos, voltei-me para a interação pessoa-ambiente, buscando discutir como o arquiteto pode contribuir para a qualidade de vida das pessoas e para a sobrevivência e preservação do planeta.

No campo teórico da Arquitetura e Urbanismo, a interação pessoa-ambiente é pouco investigada de modo sistemático, pois, embora esse tema se encontre inserido nas entrelinhas das propostas, ainda predomina a preocupação tradicional com questões relativas à forma e à função do edifício, sendo o arquiteto o "dono" das decisões projetuais.

Assim, assumindo a minha parcela "alternativa" dentro dessa área profissional, encontrei na Psicologia Ambiental um campo fértil em conceitos, teorias e metodologias a

---

um significado mais amplo e emocional do que a nossa tradução para o português.

serem estudados e investigados, com a liberdade de, caso necessário, em vez de firmar previamente um rígido compromisso teórico-metodológico, tentar construí-lo ao longo do próprio trabalho. Isto se deve ao fato da Psicologia Ambiental ser uma área bastante jovem que, entre suas principais características, supõe a multi e a interdisciplinaridade. Pesquisadores e cientistas de diversas áreas de conhecimento, psicólogos, cientistas sociais, antropólogos, arquitetos, urbanistas e *designers* em geral, têm dado sua contribuição aos estudos da relação ambiente-comportamento. Além disso, como os conceitos e métodos, além de serem bastante amplos, estão sendo construídos e integrados entre si, muitas das pesquisas ainda são exploratórias, abordando uma grande diversidade de temas e contextos.

Por outro lado, a questão da cidadania também vem se impondo como um tema socialmente importante, refletindo-se na conscientização e participação das pessoas para a melhoria da qualidade de vida. Na atividade do arquiteto, isso se traduz na valorização da participação do usuário no processo de produção do seu espaço. Com a crescente complexidade da sociedade (como, por exemplo, o surgimento de novas necessidades geradas pelo desenvolvimento tecnológico), o grande desafio do profissional do *design* é desenvolver metodologias capazes de gerar resultados satisfatórios do ponto de vista dos usuários (Sommer, 1979), acrescentando aos valores tradicionais do desenho (forma, função, volumetria), os valores oriundos da participação cidadã (bem-estar físico e psicológico, facilidade no desempenho de atividades cotidianas, preservação do interesse coletivo). Assim, além de obter-se maior êxito com o desenho final (a partir da riqueza de informações que o subsidiaram) proporcionar maior vida útil à edificação (ou fração urbana trabalhada), devido ao envolvimento, a história, ou o processo de identificação construído entre usuários e seu espaço, ainda que em nível gráfico, o que pode significar uma relação de maior afetividade e cuidado.

Mais recentemente, minha inquietação tem sido canalizada para a questão da sustentabilidade, pois a preservação de seres vivos e recursos naturais não-renováveis do planeta não é apenas um aspecto intrínseco à qualidade de vida das pessoas, mas configura-se como um fator imprescindível para a manutenção da vida como hoje conhecemos, inclusive a nossa, numa relação de completa interdependência pessoa-ambiente.

Dentro deste contexto, deve-se enfatizar que a preservação de um lugar implica, necessariamente, na manutenção da identidade social e ambiental da comunidade, através da sobrevivência de elementos fundamentais para a construção da sua história e cultura, ou seja, a preservação do ecossistema não é apenas uma questão de sobrevivência (o que não seria pouco), mas, é, também, uma questão de continuidade da identidade pessoal, social e ambiental, fatores também intimamente relacionados à qualidade de vida.

Em meio ao atual processo de valorização da cidadania como um meio de alcançar a sustentabilidade, nos últimos anos, as pesquisas especialmente voltadas para esta questão têm emergido nas mais diversas áreas de conhecimento. E, dentro deste amplo contexto, cada área realiza uma leitura específica e complementar do tema, envolvendo indivíduos, grupos sociais, o ambiente e o processo de construção de um novo paradigma ambiental.

Espero contribuir com esta tarefa, pois, como arquiteta e especialista em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Feijó, 2005), tive a oportunidade de estudar os dois lados da mesma moeda, focos destas duas áreas de conhecimento: ambiente e indivíduos, respectivamente. Nesse sentido, o trabalho em Psicologia Ambiental é uma estimulante e prazerosa tentativa de articulação desse conhecimento, uma tentativa de utilização da bagagem acumulada com tanto carinho e cuidado ao longo desses anos.

É possível viajar sem sair de casa?

Antes de iniciar essa viagem, é imprescindível ainda pontuar um fato que não poderia deixar de ser registrado, até como uma avaliação pessoal: minha própria presença no universo estudado.

A escolha por Pipa além de responder a uma necessidade de se estudar as relações afetivas com o lugar em um contexto específico, também possui um cunho pessoal, pois essa praia fez parte da minha vida durante alguns anos. Meu pai conheceu Pipa por intermédio de um amigo e, apaixonado pelo local, em 1983, comprou o seu terreno à beira-mar. A casa foi concluída um ano depois, mesmo com as dificuldades no transporte de materiais e o acesso ao local, feito por uma estrada precária e praticamente inacessível em períodos chuvosos.

Depois disso, a nossa família passou a veranear em Pipa. Nessa época, a grande parte das casas de veranistas situava-se à beira-mar e nas proximidades da igreja, onde eu costumava brincar com meus amigos. Nossos encontros eram anuais, no veraneio em Pipa, embora, com o passar do tempo, alguns tenham ido morar lá definitivamente e outros tenham deixado de ir.

A explosão turística da década de 90 causou impactos também para nós: iniciaram-se as instalações de barracas à beira da praia e em frente às casas de veranistas, o fluxo de veículos aumentou e ainda tinham os chamados "farofeiros", grupos que chegavam à praia, com mantimentos para passar o dia inteiro, e se instalavam nas casas desocupadas. Pipa foi deixando de ser aquela praia tranqüila, nativa, e passando a ser agitada, suja e insegura, o que levou alguns veranistas a venderem suas casas.

Sentindo a falta de meus amigos, e evoluindo para novas fases da vida (vestibular, faculdade, casamento, etc.), minhas idas à Pipa diminuíram, tanto em quantidade anual, quanto em duração, impedidas por atividades acadêmicas, profissionais e pessoais. Dessa forma, pude acompanhar boa parte das mudanças ocorridas no cenário físico e social de Pipa, entretanto, meu envolvimento foi parcial, limitado, à da praia e aos meus vizinhos, de forma que, conheço - e sou conhecida - por muitos nativos, mas nunca tivemos grande aproximação. Obviamente, essa á a minha experiência particular; há outros tipos de relação entre moradores nativos e veranistas, estreitas e duradouras.

Em meio a tantos rostos desconhecidos nas ruas, a presença dos antigos veranistas é percebida como um conforto, um elemento conhecido e familiar do lugar: de "forasteiros" passamos a ser vistos como "de casa", e alguns foram elevados ao patamar de quase "locais", como os nativos costumam chamar.

Enfim, ressalto que, apesar da importância que Pipa teve, e ainda tem, em minha vida, hoje sinto que minha presença e influência junto a outros moradores é pouco significativa, tanto pelos motivos acima expostos, como pelo fato dos moradores mais antigos terem mudado para áreas mais afastadas. Obviamente, no entanto, meu envolvimento pessoal com o lugar transparece na própria linguagem do texto, permeado por um certo ar de saudosismo de uma época inocente e harmoniosa da minha vida.

Cada coisa em seu lugar

Como sugerido, o primeiro capítulo, intitulado "Preparando a bagagem", propõe-se à seleção e discussão de conceitos e idéias que componham um corpo teórico – ou tentativa de construção de um, como sugerem alguns autores (Bow & Buys, 2003; Low & Altman, 1992; Rapoport, 1985) – coerente ao tema abordado. Como ponto de partida, abordamos a percepção ambiental de forma mais ampla, abordando a literatura em Psicologia Ambiental e Arquitetura, como demonstra o item "1.1- Percepção Ambiental". Neste, destacamos a importância da visão no processo de percepção e construção da imagem mental, como fonte primordial de informações espaciais, embora se torne fatigada com o tempo, hábito e monotonia do entorno. Nesse sentido, a percepção de visitantes, ou moradores recém-alocados, somada à de moradores antigos, pode ser de grande valia no estudo da percepção de determinados ambientes.

Nesse item destacamos os mecanismos perceptivos humanos e diferenças perceptivas entre indivíduos, subitem "1.1.1- Mecanismos Perceptivos"; e a percepção do lugar, partindo de um conceito prototípico de espaço e chegando a definições mais subjetivas utilizadas na literatura em Arquitetura e Psicologia Ambiental subitem "1.1.2- Reflexões sobre Lugar". Este tem como principal contribuição o entendimento de que, a definição de lugar empregada na dissertação, abrange além de aspectos físicos do ambiente, uma série de questões relacionadas ao indivíduo, suas preferências, idéias e crenças, pressupondo uma interação pessoa-ambiente mais próxima, tanto no sentido cognitivo, quanto afetivo.

Dentro do contexto dos lugares, abordamos os ambientes residenciais, pelo forte significado emocional que têm na vida das pessoas, item "1.2- Não há lugar como o nosso lar", principalmente por serem, por excelência, o ambiente primário de interação pessoa-ambiente (Rapoport, 1985). Além disso, também há os significados psicológico, econômico e social, normalmente associados a pessoas e seus lares – ou a falta dele – como sugerem alguns autores (Moore & Kellett, 1998).

Nos aproximando um pouco mais do ponto central do trabalho, no capítulo seguinte, "2- Um Lugar para chamar de 'Meu'", discutimos a relação afetiva pessoa-ambiente a partir de três percepções: 1) com uma representatividade positiva, 2) com relevância insignificante

e 3) com uma representatividade negativa. Nesse contexto, ainda falamos brevemente de alguns pressupostos pessoais e ambientais para o envolvimento afetivo com o lugar. Em seguida, são expostos e discutidos os principais conceitos utilizados na literatura em Psicologia Ambiental e suas inter-relações, no item "2.1- Lugar Meu, Seu e Nosso". A grande quantidade de termos faz com que alguns autores defendam diferenças sutis entre eles, principalmente quanto a sua amplitude e permeabilidade. Mesmo que as diferenças e semelhanças nem sempre estejam claras dentro de um contexto amplo, como é a relação emocional pessoa-ambiente, o conhecimento destas terminologias é de fundamental importância para o estudo das relações afetivas com o lugar.

O capítulo 3- "Pipa, um lugar no/do mundo", descreve o universo de estudo, a praia de Pipa sob duas óticas: a do passado, e a do presente. Para tanto utilizamos informações de estudos anteriores (Araújo, 2002; Rocha Neto, 1997), da mídia em geral, e principalmente, os relatos de moradores, e a constatação *in loco*.

Contemplando os aspectos metodológicos dessa pesquisa, o capítulo "4- Definindo abordagens e instrumentos", fala basicamente da utilização de multimétodos nas pesquisas em Psicologia Ambiental (item "4.1- Multimétodos"). Nesse contexto, adotamos os seguintes métodos e técnicas: observação comportamental (subitem 4.1.1), entrevistas (subitem 4.1.2) e documentação gráfica e fotográfica (subitem 4.1.3).

Os resultados obtidos com a aplicação do instrumento de pesquisa foram descritos no capítulo "5- Pipa: um mar de emoções", iniciando por relatar o clima em que foram realizadas as entrevistas; continuando por abordar o sentimento saudosista de alguns entrevistados, especialmente os idosos, que enfatizaram aspectos do passado de Pipa, relacionando-os a sua própria história de vida; contemplamos, em seguida, uma Pipa nua, despida de todo o glamour que a cerca, discorrendo sobre depoimentos que ressaltaram os elementos naturais do lugar, sua paisagem e seu povo; seguindo com a abordagem de uma percepção contrária à anterior, um lugar para "se vencer na vida", enfatizando suas potencialidades turísticas e as oportunidades - ou ilusões - de melhoria de vida e/ou enriquecimento rápido pelo turismo. Após uma análise mais centrada na percepção dos moradores sobre o seu ambiente, discutimos os sentimentos envolvidos de Amor, Apego e Afiliação, relatados e definidos pelos respondentes; e, finalizando o capítulo, tecemos

algumas considerações acerca desses resultados com as idéias e conceitos estudados na literatura específica.

No último capítulo, "Afinal, quem é de quem?", traçamos uma retrospectiva desta dissertação, retomando os principais resultados encontrados e refletindo sobre a trajetória do trabalho. Além de uma autocrítica, relacionamos os caminhos de pesquisa sugeridos pela literatura, com possibilidades de continuidade ao trabalho aqui desenvolvido.

1. Preparando a bagagem

1.1. Percepção ambiental: um importante guia de viagem

Estudar a percepção ambiental no contexto da Psicologia Ambiental é considerá-la, ao mesmo tempo, um ponto de partida e chegada, pois, as informações que nos chegam através de nossos sentidos são permanentemente alteradas e alimentadas pelas nossas próprias ações e as de outros, num processo recíproco e cíclico. Nesse sentido, Del Rio (1999) esboçou um esquema teórico do processo perceptivo (Figura 01), que constitui uma tentativa para facilitar a compreensão do fenômeno em função do ciclo sensação, motivação, cognição, avaliação e conduta. Referindo-se aos mesmos aspectos como "Circuito Psicológico da Experiência Ambiental", Pinheiro (1998) esclarece que essa não é uma seqüência rígida, de modo que a ordem dos termos é função do momento, da situação e do indivíduo envolvido.

Figura 01: Esquema teórico do processo perceptivo (adaptado de Del Rio, 1999).

A percepção ambiental é, portanto, um processo mental de interação pessoa-ambiente, que tem como base mecanismos perceptivos e cognitivos. Os primeiros são dirigidos pelos cinco sentidos, sendo a visão a que mais se destaca; os segundos são aqueles que compreendem a inteligência além das informações oriundas dos sentidos, sendo, portanto, contribuições ativas do sujeito ao processo perceptivo (Moore & Gooledge, 1976, citados por Del Rio, 1999). Por isso, não se deve considerar o termo "percepção ambiental" associado apenas ao espaço físico em si, mas também às ações e intenções humanas ou não-humanas impressas nele, uma vez que estas são realizadas a partir de propósitos específicos, valores e significados inerentes a uma determinada cultura.

Tais impressões ou signos, como Ferrara (1999) os denominou, são elementos essenciais na análise do ambiente, porque podem ser provas substanciais das inter-ações humanas no meio em que vivem (como por exemplo, uso de gradis em janelas externas, depósito de lixo em locais inapropriados e etc.), corroborando a afirmação de Silva (1991), segundo a qual o lugar é, antes de tudo, uma construção social. Apesar das marcas de nossas ações no ambiente serem inevitáveis, porque a busca do ser humano em satisfazer suas necessidades é incessante, elas nem sempre são visíveis a todos, ou por serem inacessíveis a alguns, ou por estarmos habituados a elas, como acontece com moradores de uma localidade acostumados a suas peculiaridades (Ferrara, 1999).

Neste sentido, surge o desafio para os pesquisadores que trabalham com a percepção ambiental de atentar para o fato de que há tanto informações superficiais, claramente ou imediatamente perceptíveis, quanto mediadas por signos, que requerem uma avaliação mais detalhada, geralmente envolvendo outros meios de coleta de dados. A partir disto, a autora supracitada destaca dois tipos de percepção ambiental: visual e informacional. No primeiro, o ambiente pode ser objetivamente flagrado (através das suas cores, formas, texturas, etc.) e a sua objetividade é proporcional à familiaridade do indivíduo com o ambiente; já no segundo, o ambiente não pode ser objetivamente flagrado, mas a percepção é mediada por signos que traduzem uma realidade ambiental que existe, mas que pode se tornar ilegível e invisível devido à força do hábito.

Sendo assim, podemos afirmar que a opinião de visitantes, ou de moradores recém-alocados, pode ser bastante enriquecedora ao estudo de determinado ambiente, já que tais signos ainda não foram totalmente camuflados pelo cotidiano, ao contrário, podem despertar-lhes mais atenção, por se contraporem a outros, pertencentes aos seus locais de origem. Entretanto, as diferenças perceptivas entre moradores e visitantes vão além da percepção de signos, sendo evidentes também nas várias formas de expressão desse conhecimento. Tuan (1974) afirma que visitantes podem facilmente enunciar um ambiente, realizando uma avaliação essencialmente estética, baseada na visão seletiva e em critérios formais de beleza, um ponto de vista que traduz uma experiência ambiental sem adaptação ao meio. Já o morador ou nativo demonstra maior dificuldade em descrever seu ambiente residencial,

suas descrições são complexas e cheias de sentimentos, muitas vezes contraditórios. Neste caso, seus comportamentos podem ser os melhores tradutores de sua percepção (Tuan, 1974).

Se a cidade se comunica com o observador através das marcas ou signos (Ferrara, 1999) impressos no ambiente, Kohlsdorf (1995), defende que este processo ocorre através dos seus aspectos morfológicos, como localização, forma e condições de edificações, vias e traçado urbano, vegetação, etc. Sendo assim, a morfologia de uma cidade, ou fração dela, pode contar um pouco da sua história, onde surgiu e como se desenvolveu, pressupor relações sociais, etc., interpretações que ajudam a construção de uma identidade local. Nesta comunicação, os aspectos ambientais são enfatizados, ficando o observador em segundo plano, assumindo, então, o papel de leitor desse ambiente.

A forma urbana foi inicialmente discutida por Lynch (1999), para quem a estruturação físico-espacial é um dos principais requisitos para a construção de modelos mentais espaciais. Para o autor, a percepção ambiental está diretamente relacionada ao modo como o espaço físico se apresenta ao observador, não apenas quanto as suas formas, mas principalmente quanto a sua carga de significados explícitos ou implícitos, congregando as duas formas de percepção ambiental definidas por Ferrara (1999): visual e informacional respectivamente. Através desta leitura, construímos uma imagem mental, seguindo um processo que passa pela legibilidade, imageabilidade e, por último, identidade do lugar, utilizando elementos do cenário, tais como marcos (referenciais da paisagem), nós (convergência de vias de acesso), bordas, limites e distritos, como guias neste processo.

A legibilidade se refere à qualidade visual da paisagem, ou, "a facilidade com que suas partes podem ser reconhecidas e organizadas num modelo coerente" (Lynch, 1999, p.03), estando relacionada à percepção mais imediata e superficial das informações espaciais; a partir dela é que se desenvolvem os demais conceitos. Se uma paisagem pode ser lida com certa clareza, ela se comunica com o observador, transmitindo significados e sensações.

> (...) legibilidade é uma característica num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em qualquer observador dado. É aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas, poderosamente estruturadas e extremamente úteis do ambiente. (Lynch, 1999, p. 11).

Este conceito remete, também, à relatividade da percepção, à possibilidade de um mesmo elemento espacial ser apreciado de formas diferentes por pessoas diferentes, ou até por um mesmo indivíduo, em diferentes períodos de tempo, ou de vida, ou de estado emocional. A cada momento, algo de novo pode ser percebido no ambiente, ampliando o nosso repertório de significados espaciais e sociais, e contribuindo para a construção da imagem ambiental.

Um outro conceito apresentado por Lynch (1999) é o de identidade, enquanto conseqüência, ou produto da percepção, ressaltando-se ainda que, para a construção da imagem, a estrutura e o significado estão sempre presentes. Assim, a identificação de um objeto implica sua diferenciação de outros, sua individualidade ou unicidade; além disso, a imagem deve incluir a relação espacial entre o objeto e o observador, que corresponderia à estruturação da imagem ambiental. E mais, o objeto deve guardar algum significado para o observador, seja ele prático ou emocional.

Entretanto, o trajeto percorrido pela percepção humana para alcançar a estruturação da identidade de um objeto não é linear, mecânico ou padrão, sendo assim demonstrado neste trabalho apenas para facilitar o entendimento do leitor quanto a uma conseqüência natural da observação e da percepção ambiental, tratada por Lynch (1999).

Com menor ênfase nos aspectos morfológicos do ambiente e dando mais atenção à relação pessoa-ambiente, destacamos Cullen (1983) e Jones (1982), cujos discursos se baseiam nas sensações e percepções de uma figura central, representada pelo observador. Assumimos, assim, um papel importante dentro do conjunto do qual fazemos parte, mas, somos insignificantes sozinhos ou deslocados. Desta forma, o ambiente não pode ser encarado como mais uma tela estática onde apenas assistimos fragmentos espaciais, mas passa a ser uma cena da vida que levamos e participamos, continuamente, no tempo e no espaço.

A idéia principal de Cullen (1983) é que a cidade seja tanto mais surpreendente e emocionante quanto possível, de modo que um transeunte se sinta constantemente desafiado pelo ambiente a desvendar novos caminhos, novas descobertas, cenas inusitadas. Para tanto, o autor supracitado, afirma que há três fatores a se observar: ótica, local e conteúdo. A ótica tem como base a idéia de "visão serial", ou seja, um conjunto de fragmentos do ambiente, como se fossem fotografias, reveladas subitamente, a medida que se percorre um

determinado trajeto. É uma sucessão de cenas ambientais. Algumas vezes, elas podem ser inesperadas ou alheias ao entorno mais abrangente, mas, nem por isso, menos interessantes.

O fator local refere-se às nossas reações perante a nossa posição no espaço, acrescentando à ótica o aspecto temporal. É o que nos faz pensar: "agora estou aqui fora", logo em seguida: "estou entrando", e enfim, "estou dentro". É uma relação mantida, no tempo e no espaço, entre observadores e o ambiente, ou seja, a cada momento e a cada passo o transeunte experimenta, e pode antecipar, novas sensações e expectativas quanto ao que pode encontrar à frente. Por fim, o fator conteúdo, como o próprio nome supõe, relaciona-se com "a própria extensão da cidade: sua cor, textura, escala, estilo natureza, personalidade e tudo o que a individualiza." (Cullen, 1983, p. 11), em outras palavras, o que Lynch (1999) chamaria de identidade do lugar.

Para Cullen (1983), o fato de estar tão envolvido nas relações espaciais, faz da emoção e da alegria companhias constantes em qualquer caminho pela cidade. Tal entusiasmo é evidente em suas palavras:

> Uma cidade é algo mais do que o somatório de seus habitantes: é uma unidade geradora de um excedente de bem-estar e de facilidades que leva a maioria das pessoas a preferirem – independentemente de outras razões – viver em comunidade a viverem isoladas. (Cullen, 1983, p.13)

> A emoção e a animação que procuramos nas cidades não surgem automaticamente das soluções científicas fornecidas pelos homens da técnica. Aceitam-se naturalmente essas soluções, mas sem permitir que atuem como vínculo, porque elas se baseiam em médias (climáticas, comportamentais, de segurança, etc.), ou melhor, no aproveitamento ótimo delas. (Cullen, 1983, p. 98)

Desta forma, o grande atrativo das cidades está na relação entre as pessoas, e entre estas e seus ambientes de convívio, relações que modificam continuamente o espaço urbano, sendo um convite permanente a experiência ambiental e uma fonte inesgotável de estímulo e prazer. Para tanto, a percepção de um ambiente deve ir muito além dos dados estatísticos e dos nomes de ruas, ele deve ser visto na sua integridade, com emoção e significado que eclodem da apreciação do conjunto.

A idéia de "integridade espacial" é corroborada por Jones (1982), ao falar da representação mental espacial de sociedades medievais, afirmando que as pessoas daquela época pareciam ser mais conscientes da relação de interdependência que os regia, do que

nós. O ser humano não é visto como figura central, e sim como um componente de um sistema funcional, embora a percepção do conjunto fosse muitas vezes favorecida por necessidades pessoais cotidianas, como por exemplo, a contagem dos ciclos menstruais e as gestações pelas fases da lua, a possibilidade de sucesso em um plantio pelas condições ambientais percebidas (dias de chuva e sol, verão e inverno, noite e dia e etc.). Para este autor, a vivência consciente dessas relações constitui um ponto chave para o processo de percepção ambiental e a tomada de atitudes com relação ao meio ambiente, pois a noção do conjunto permitia-lhes conhecer melhor os efeitos em cadeia e as conseqüências desastrosas de ações irresponsáveis.

A parcela "social" da percepção ambiental é melhor contemplada por Valera (1997) e o conceito de "Identidade Social Urbana", definido como a forma com que indivíduos usam (ou se apropriam de) características ambientais para a construção social da categoria urbana como importante requisito de identidade social (Valera, 1997).

Desta forma, a percepção ambiental é multifacetada, respondendo a uma série de questões inerentes ao processo perceptivo, como por exemplo, a história pessoal com o ambiente, local de moradia, características étnicas e econômicas e etc., que certamente motivam e direcionam a atenção do observador para determinado aspecto que lhes for mais saliente ou conveniente. Neste contexto, a percepção ambiental é composta por seis dimensões (territorial, psicossocial, temporal, condutual, social e ideológica) que serão melhor comentadas em capítulo adiante.

Aos poucos, percebemos que saímos de uma leitura despretensiosa do espaço, como em fotografias, passamos pela experimentação, locomovemos através dele e lendo mais profundamente as entrelinhas de cada cantinho, para enfim chegarmos à construção de uma identidade rica e coerente do ambiente - e de nós mesmos, conforme destacou Valera (1997). Naturalmente, os autores supracitados desenharam uma trajetória no sentido espaço-lugar para descrever o processo de percepção ambiental, pois, considerando-se a percepção um exercício, quanto mais usamos nossos órgãos sensoriais, mais eles se tornam apurados (Tuan, 1974).

A importância de se perceber mais e melhor as informações do ambiente, seja por uma leitura objetiva, ou por uma mediada por signos, é que, podemos exercer a cidadania,

pondo em prática leis, cobrando decisões de políticos, interagindo com pessoas e o meio ambiente de forma responsável e etc. Além disso, a percepção fatigada põe em risco a capacidade restaurativa dos ambientes (Korpela, 1992; Tuan, 1974), atributo essencial para a qualidade de vida dos cidadãos. E, para compreender melhor como essa percepção é construída, damos um passo adiante e investigamos os mecanismos perceptivos: por que meios essas informações nos chegam à mente e como ela é trabalhada.

1.1.1. Os mecanismos perceptivos

Estruturar e identificar o ambiente, ou ainda, construir uma imagem mental dele, é uma necessidade vital para todos os animais que se locomovem (Lynch, 1999), caso contrário, poderiam ser presas fáceis de seus predadores, ou ainda, enfrentar outras dificuldades como encontrar comida e abrigo. (Pinker, 1998).

Sob este ponto de vista, e considerando que temos mantido essa necessidade vital ao longo da nossa evolução biológica – de primatas vivendo nas copas das árvores a uma sociedade civilizada vivendo em grandes e caóticos centros urbanos – o bom entendimento do ambiente é um fator de fundamental importância para a qualidade de vida de seus usuários, não apenas para a satisfação de suas necessidades cotidianas, mas porque a orientação espacial trás consigo a sensação de proteção, segurança e bem-estar psicológico (Kaplan & Kaplan, 1989). Opostamente, a sensação de "estar perdido", mais do que "uma incerteza geográfica", corresponde a um sentimento de vulnerabilidade, desproteção, caos, um grande desconforto físico e mental.

Os efeitos de situações como esta podem ser tão sérios, que alguns autores como Carpman e Grant (2002) têm dedicado seus estudos ao sentimento de orientação espacial, e o que pode ocorrer com as pessoas quando se sentem perdidas. Em ambientes urbanos, eles partem de uma avaliação de locais de uso público, quanto à legibilidade de informações arquitetônicas, operacionais e comportamentais, utilizando o conceito de *wayfinding*, ou seja, a capacidade de se compreender um determinado ambiente. Não saber onde se está e qual é o melhor caminho a ser percorrido até o local desejado, mais do que um mal-estar

psicológico, pode trazer conseqüências físicas (como taquicardia, tonturas, aumento da pressão arterial, etc.) e sociais (como a perda de um compromisso importante, ou de um vôo, ou até a vida de alguém, se o motorista não for capaz de chegar ao hospital a tempo de salvá-la).

Para evitar este sentimento de "desorientação", nossa espécie desenvolveu vários indicadores sensoriais: os visuais (envolvendo cores, formas, luz e sombra e etc.), o olfato, a audição, o tato (inclusive sensação térmica), a sinestesia, vários tipos de linguagem (gráfica, verbal e não-verbal) e até a sensibilidade a campos elétricos ou magnéticos. Nesse sentido, é interessante comentar que a percepção desses campos é, muitas vezes, confundida com fatores intuitivos individuais (o que não os exclui deste processo), já que são informações captadas por mecanismos humanos ainda pouco conhecidos, ou pelo menos, de forma menos consciente. Apesar de muitos pesquisadores desconsiderarem este tipo de indicador, ele vem adquirindo destaque cada vez maior tanto no campo da Psicologia, quanto fora dele, tendo como base os estudos da percepção, principalmente através da observação da vida cotidiana.

A importância dada a esta parcela "intuitiva" da percepção ambiental, data da antiguidade, utilizada, por exemplo, quando as sociedades nômades escolhiam os locais para se estabelecerem temporariamente (Bueno, 1995). Segundo este autor, ao chegar a um espaço desconhecido, o grupo soltava os animais e observava a sua movimentação no ambiente por algum tempo. O lugar no qual os bichos permanecessem e descansassem era escolhido para erguer as tendas e demais instalações humanas. O uso desse expediente indica a necessidade de atentar para fatores que não podem ser percebidos pelos nossos cinco sentidos e até para elementos não diretamente visíveis, geradores de campos eletromagnéticos, tais como corrente de água subterrânea e existência de determinados tipos de minérios nas proximidades. Além disso, em muitos casos esse tipo de percepção acaba exercendo uma grande influência no processo de construção da imagem mental do lugar, primeiramente por despertar sentimentos inesperados, e depois pelo próprio desconhecimento de suas origens, o que acaba por lhes conferir um toque "místico", "mágico" ou algo ocasionado por uma "energia especial", algo inexplicável, que, sem dúvida, exerce um grande fascínio nas pessoas. Há uma energia, por assim dizer, holística, que caracteriza todo um ambiente, marcada por sentimentos e estímulos peculiares, como por

exemplo, aquelas que nos inspiram leveza, descanso e relaxamento em alguns lugares e outras que nos convidam ao movimento, divertimento e euforia, sem que consigamos explicar claramente o porquê.

Apesar de muitos autores concordarem que todos os sentidos têm participação relevante no processo de percepção ambiental, a literatura em Psicologia Ambiental e Arquitetura dá grande ênfase à visão, muitas vezes analisada isoladamente, como o sentido mais aguçado, exato e explorado que temos. Talvez por isso, depositemos maior confiança nas sensações visuais, o que pode ser claramente vivenciado no cotidiano através de ditados populares como: "eu só acredito vendo", "o que os olhos não vêem, o coração não sente", e outros. Por causa disto, durante muitos anos, formularam-se teorias e conceitos baseados unicamente na visão, como quando se acreditava que os patos nasciam da lama, por constatar, apenas visualmente, claro, que patos existiam e se multiplicavam em ambientes enlameados (Teoria da abiogênese).

Embora essa supremacia da visão permaneça até os dias atuais, com a perpetuação do pensamento "ver para crer", os ilusionistas nos desafiam ao indagar: "você acredita em mim, ou em seus olhos?" Isso mostra que podemos ser enganados pelos nossos próprios olhos a todo instante (Pinker, 1998). Exemplos disto são os estereogramas, ilustrações tridimensionais criadas metodicamente a partir de figuras repetidas no plano, para confundir a nossa mente. Nestes casos, a ordem das figuras projetadas em cada retina cria uma falsa impressão de ver-se em profundidade, como se cada projeção fosse imagem de um mesmo objeto do mundo real. Além disto, como a imagem projetada na retina é sempre inversa (de ponta-cabeça) da sua matriz, surge um problema a resolver, cuja solução depende da intervenção dos outros sentidos. Ou seja, tudo isto para concluir que os nossos olhos já não são estruturas tão confiáveis quanto pensávamos e que por esta razão ela deve ser analisada sempre conjuntamente com percepções geradas por outros meios.

Bryant, Nancy e Tversky (1992), por exemplo, realizaram estudos com narrativas de cenas espaciais, pedindo que seus sujeitos respondessem a questões relacionadas à localização, direção e sentido de objetos mencionados nestas descrições. Eles concluíram que indivíduos utilizavam várias fontes de *inputs* para tentar preencher "lacunas" na percepção e responder a tais questões, já que não tiveram acesso visual a nenhuma cena descrita. Sendo

assim, os sujeitos tiveram que criar um modelo mental espacial, a partir do que foi lido, para acessar informações como a localização relativa e direção dos objetos da cena.

Em outro trabalho, Bryant (1992) sugeriu que pessoas utilizam um modelo chamado *Spatial Representation System (SRS)* ou Sistema de Representação Espacial (SRE) para organizar informações espaciais a cerca de um ambiente. Tal organização depende do tipo de perspectiva adotada pelo observador durante a percepção ambiental, dando origem a três tipos de estruturas de referência espacial: externa, egocêntrica e alocêntrica. No primeiro caso, na perspectiva externa, não há um personagem principal, e cada objeto é relatado segundo um outro ao seu redor (Figura 02). Sob este ponto de vista, o observador se posiciona à frente dos objetos, de forma que tenha todos no seu campo de visão, e quando questionado sobre posições e direções destes, sempre respondem, também, com referência a outros objetos vizinhos, mesmo que esta relação não estivesse explícita na narrativa.

No segundo caso, a narrativa é em primeira pessoa e o observador é o elemento central da cena (Figura 02), dispondo de todos os outros objetos à sua volta, e localizando-os segundo os três eixos de seu próprio corpo: cabeça-pé, esquerda-direita e costas-frente. Por causa da integração com o próprio corpo e da sua assimetria perceptiva (por exemplo, entre costas e frente), o acesso a informações, sob este ponto de vista, foi mais fácil e rápido para a maioria dos sujeitos. Na perspectiva alocêntrica, a narrativa é feita em terceira pessoa (sem implicações para personagens animados e inanimados), o que faz com que o leitor tome duas posições ao mesmo tempo (Figura 02): visualize o personagem principal como centro da disposição espacial, e também tome o seu lugar quando induzido a responder questões relativas aos objetos mencionados, já que a assimetria do corpo humano torna mais fácil a distinção do que está a nossa frente, do que está atrás, do que está a nossa cabeça e aos nossos pés.

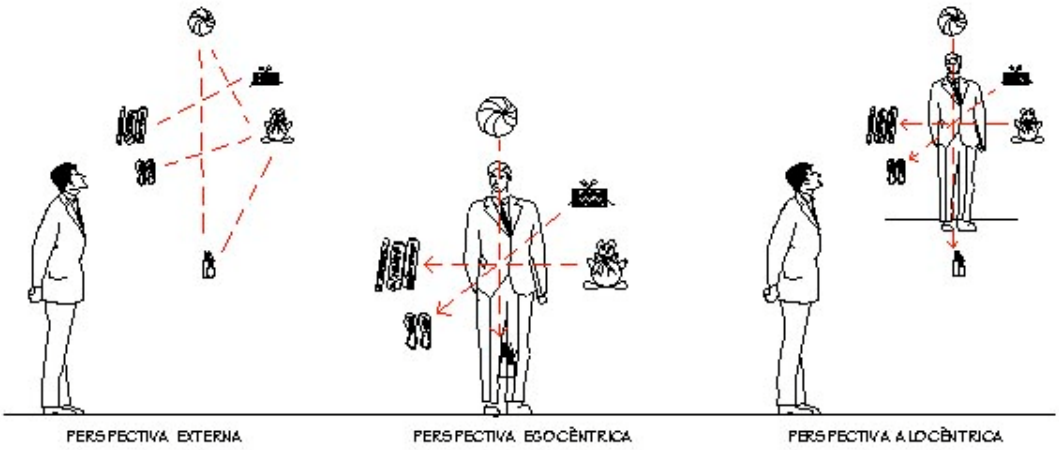

Figura 02: Três estruturas de representação espacial (trabalhada pela autora).

Apesar de terem desenvolvido experimentos com informações textuais, esses autores concluíram que o SRE também é válido quando se trabalha com cenas visuais, pois as pessoas estruturam e organizam as informações espaciais, de qualquer natureza, de modo que possam acessá-las com mais facilidade posteriormente. Assim, eles argumentam que a percepção ambiental depende de vários outros fatores, além dos estímulos visuais, tais como posicionamento do observador num ambiente, o grau de importância dos objetos à sua volta, como ele se percebe e percebe outros dentro do contexto analisado, ou seja, a percepção é um processo bastante subjetivo.

Perceber o ambiente sob o ponto de vista externo parece ser relativamente mais difícil, pois a perspectiva ambiental adotada, não utilizam as assimetrias do corpo humano como referência espacial. Além disso, apesar de cada objeto se relacionar com o seu entorno, suas diferenças são evidenciadas quando apreciados em conjunto. Assim, um objeto isoladamente pode impor sua "autoridade visual" no cenário espacial, refletindo-se na identificação pelo observador daquele mais colorido; daquele mais alto; do mais onipotente, etc., dentro de um determinado cenário.

Apesar do nosso contexto cultural e histórico em supervalorizar a visão em detrimento dos demais sentidos, o nosso cérebro costuma trabalhar arduamente com informações captadas pelo olfato, audição, tato e com nosso banco de dados pessoais, para solucionar os

problemas impostos pelos olhos (Pinker, 1998). Tal diálogo não é consciente, de modo que apenas compartilhamos do produto final acabado, a imagem mental, que atende às nossas necessidades mais imediatas. Assim, quando dizemos que "uma imagem vale mais do que mil palavras" estamos apenas indicando que uma informação básica percebida pelos olhos nos diz muita coisa, sobretudo por ser capaz de elucidar outros tipos de percepção menos latentes armazenadas em nossa mente, provavelmente criadas a partir de outros sentidos. Neste sentido, as palavras de Cullen (1983) vêm corroborar tal idéia: "(...) a visão tem o poder de invocar as nossas experiências com todo o seu corolário de emoções, facto do qual se pode tirar proveito para criar situações de fruição extremamente intensas." (Cullen, 1983, p.10).

De fato, o meio ambiente suscita reações emocionais em quem o observa ou se locomove dentro dele, dependentemente ou não da sua vontade, o que corrobora o fato de utilizarmos outras formas de *inputs* para avaliar o ambiente a nossa volta, e adotarmos determinados tipos de reações dentro dele (Tuan, 1983). Por isso, experimentar intensamente as imagens que nos chegam à retina é o ponto central dos estudos de Cullen (1983), que dentre os demais autores estudados, atribuiu maior carga sentimental à paisagem percebida. Para ele, o dinamismo do cenário deve surpreender quem a percebe, tornando-se um estímulo diário para quem se locomove pelo espaço e decifra seus significados e caminhos. Assim, embora a percepção seja algo inato ao ser humano, ela pode, e deve, ser estimulante: "Quando uma cidade não tem emoção, ela passa despercebida; é uma cidade incaracterística e amorfa" (Cullen, 1983, p.11).

Entretanto, quando o autor supracitado se refere à "estímulo", há dois aspectos a se considerar: primeiro, subentende-se que o estímulo principal, ou o gerador, é o visual já que foi com base nele que o autor formulou o principal conceito de sua obra: a "visão serial"; e segundo, é a partir da imagem que temos na retina que, então, os nossos outros sentidos são estimulados, sugerindo que as informações geradas por outros meios são dependentes e menos importantes do que as originadas pela visão.

Por outro lado, os mecanismos de percepção ambiental, não estão apenas voltados para o ambiente em si, mas também para as pessoas que nele moram ou se vinculam, direta ou indiretamente. Para falar um pouco sobre a percepção social, dentro do processo de percepção ambiental, destacamos Pisani e Rizzon (1994). Segundo eles, somos capazes de

inferir uma grande quantidade de informações a respeito de alguém, sua personalidade, preferências, hábitos, status social, etc., apenas a partir de um estímulo visual. Mas neste processo, outras informações oriundas de outros sentidos são de fundamental importância para a elaboração dessas hipóteses levantadas previamente, e para a permanente construção da imagem da pessoa, assim como ocorre com a imagem ambiental. Ao longo desse processo, enquadramos o indivíduo em determinados grupos sociais, criamos expectativas e avaliamos nossos comportamentos perante ele. Além de confrontar nossas hipóteses com essas informações, também as confrontamos com o conjunto de dados que temos armazenado durante as experiências vividas anteriormente, sendo um processo ininterrupto de construção do conhecimento.

Tendo esclarecido as diferentes abordagens da percepção ambiental na literatura de Psicologia Ambiental e Arquitetura, segundo as estruturas de referência espacial propostas pelo SRE: externa, egocêntrica e alocêntrica (Bryant, 1992), devemos lembrar que o principal legado deste capítulo para os próximos é a compreensão de que, apesar de utilizarem pontos de vistas diferentes em suas abordagens, os autores direcionam seus estudos à descrição de um caminho imaginário percorrido por nós durante o processo de percepção (Figura 01): a forma como o ambiente aos poucos é desvendado, que mecanismos utilizamos para isso e a imagem mental construída durante a experiência humana no ambiente,

Na base desta caminhada está a experiência ambiental, que além de ser pré-requisito para a percepção, é um dos principais suportes para a transformação do espaço em lugar, ou melhor, para a construção da identidade de um lugar.

1.1.2. Algumas reflexões sobre o conceito de lugar

É difícil falar sobre a Percepção Ambiental sem inserir a discussão espaço-lugar nesse contexto, sendo complicado até mesmo separá-la num outro subitem, já que a percepção é um processo gradual de aquisição de conhecimento, de forma que, quanto mais observamos e experienciamos um determinado ambiente, mais ele se torna familiar e cheio de significados, ou seja, mais ele se torna um lugar para nós. Sendo assim, este subitem tem o intuito de discorrer um pouco sobre várias definições para o termo lugar, empregadas por diferentes

áreas de conhecimento, tais como Educação, Filosofia, Arquitetura, Geografia e Psicologia. Para tanto, partiremos de uma noção espacial genérica ou prototípica, já que não se pode falar de lugar sem falar de espaço, e, inserindo relações e estabelecendo comunicações, vamos nos aproximando da idéia de lugar.

Para definir "espaço", há um universo de respostas divididas - ou complementadas - entre várias áreas de conhecimento. Entretanto, uma espontaneamente plausível ou aceita pelas pessoas durante muito tempo é a que espaço é um vazio, finito ou infinito, que pode ser preenchido com coisas. É uma entidade auto-suficiente, independente e que está permanentemente "pronta", "acabada", como um mero receptáculo de objetos soltos à esmo. Se espaço é de fato isto, ele está presente em todos os cantos imagináveis, do nosso armário ao planeta Terra e sua existência, portanto, independe de qualquer outra.

Nesse sentido, Tuan (1983) define espaço como um ambiente com o qual ainda não estamos familiarizados, um ambiente desconhecido, que convida à exploração e à aventura, motivações resultantes de relações, de certa forma percebidas, e significados que existem (não são ausentes como pressupõe a definição prototípica acima), mas ainda não são muito claras para o observador, que tenta, instintivamente, decifrá-las. Este esforço permanente de entendimento, permitiu que desenvolvêssemos nossos sentidos ao longo da evolução (de primatas vivendo nas copas das árvores a seres humanos vivendo em grandes e caóticos centros urbanos), de modo a tornar possível nossa sobrevivência num meio inóspito (Pinker, 1998; Tuan, 1983). Embora não corramos mais o risco de sermos devorados por predadores, os nossos sentidos continuam trabalhando arduamente para satisfazer necessidades físico-biológicas e psicológicas dos seres humanos, já que o bom conhecimento de um ambiente torna cômoda e segura a locomoção e realização de atividades diárias, imprescindíveis ao nosso bem-estar. Assim, o lugar foi definido como "centros aos quais atribuímos valor e são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação." (Tuan, 1983, p.04), e numa dimensão mais psicológica, "o lugar é segurança; o espaço é liberdade." (Tuan, 1983, p.03).

Outros autores também refutam a idéia de espaço como um mero receptáculo, contextualizando espacialmente as relações entre objetos e pessoa-ambiente (Arnheim, 1977; Cullen, 1983; Jones, 1982; Kohlsdorf, 1996; Lynch, 1999; Valera, 1997). Eles comungam da

idéia de que o espaço não pode ser vazio porque é uma entidade repleta de significados e emoções, que variam em maior e menor grau, dependendo da nossa capacidade em percebê-las, baseadas em nossas experiências pregressas, valores e crenças.

Para Arnheim (1977), por exemplo, a existência de corpos materiais, como edifícios num cenário urbano, gera vetores de forças visuais dentro do ambiente (como de atração e repulsão) que preenchem o espaço, facilitando sua percepção. Assim, este deixaria de ser uma entidade pronta, passando a ser algo criado e modificado continuamente por planejadores urbanos, e usuários em geral, a fim de transmitir significados e sensações a quem o observa. A partir disto, o espaço também não pode ser uma entidade vazia e independente, já que sua existência depende da relação entre coisas no espaço, aliás, o espaço é a própria relação.

Esta concepção é corroborada por Kohlsdorf (1996) e Cullen (1983) que indicam que tal relação, se harmônica ou legível, permite-nos compreender a linguagem da cidade, saber onde estamos e para onde vamos, dando a idéia de movimento e experimentação do cenário observado.

Se a experiência é um ponto central na transformação do espaço em lugar, Jones (1982) a utiliza muito bem, dentro do propósito do ensino de Ciências. Para ele, seus estudantes aprenderiam mais e melhor se pudessem relacionar teorias e conceitos da Física (o espaço é um deles) a acontecimentos cotidianos de suas vidas, como uma metáfora. Nesse sentido, ele pontua como sociedades medievais puderam se beneficiar de suas crenças e experiências diárias com o meio em que viviam, desenvolvendo uma noção de sistemas funcionais. Segundo o autor, as pessoas daquela época tinham consciência da relação de interdependência entre todos os elementos do espaço, sendo capazes, até mesmo de compreender a existência de diversos sistemas menores, dentro de outros maiores, e assim por diante. Através da experiência cotidiana, sua participação no todo também era considerada, e praticada de forma relativamente consciente, de modo que uma fragmentação do espaço não fazia sentido, pois um sistema precisaria de todas as suas peças para funcionar perfeitamente. Assim, não existiria espaços e sim um grande lugar, onde todos chamavam e respondiam por todos, numa enorme teia de relacionamentos e interdependência.

A idéia de que vivemos num único grande sistema, no qual coexistem outros menores interligados e interdependentes entre si também é atualmente corroborada em várias áreas de conhecimento, como por exemplo, por Ittelson, Proshansky, Rivlin e Winckel (1974), por Wicker (1979) e sua definição de *behavior settings*, e por Le Cobusier, que utilizou esse conhecimento para o desenvolvimento de um sistema de medidas chamado *The Modulor* (Le Corbusier, 1961).

Em algumas situações, aspectos como dentro e fora, por exemplo, não delimitam espaços diferentes, mas dimensões de um mesmo lugar. Onde estaria o limite entre ambos? Se tomarmos o nosso próprio organismo, o que configuraria o interior e o exterior? A nossa pele? A nossa boca? Ou os nossos olhos? Quando comemos, a partir de que ponto o alimento deixa de ser do exterior e passa a constituir o interior? E o que enxergamos? Está tão distante, mas ao mesmo tempo está dentro de nós, nas nossas retinas, nas nossas mentes.

Outro problema de se conceber o espaço de forma fragmentária é quando construímos uma imagem mental dele e o recheamos com todas as informações que formos capazes de captar pelos nossos sentidos. Esta representação mental, apesar de construída sob bases reais, possui tantas características e sentimentos pessoais, que pode torná-la de grande significância para nós, de tal forma que mesmo com o passar do tempo e possíveis alterações físicas, eles jamais se perdem, tornam-se imortais (Jodelet, 2001). Alguns autores os chamam de espaços simbólicos (Chawla, 1992; Marcus, 1992; Valera, 1997).

Na literatura não há consenso nas definições para o termo "lugar", que não são fechados e conclusivos (Low & Altman, 1992), ao contrário, cada autor os conceitua de acordo com o seu objeto de estudo. Por exemplo, para Belk (1992), lugar se referem a possessões (objetos ou similares aos quais se possa atribuir um sentimento de posse), podendo ser uma área apropriada, ou espacialmente delimitada como um território; enquanto que para Marcus (1992) e Chawla (1992) lugar guarda pouco dos atributos físicos em si, mas muito do seu caráter simbólico. A primeira estuda como adultos empregam características de ambientes vividos na infância, em suas vidas cotidianas, e a segunda, como pessoas se lembram e relatam esses lugares. Há, ainda, autores que relacionam o conceito de lugar a rituais de uma comunidade, tornando o espaço mais familiar (Lawrence, 1992; Saile, 1985), ou a aspectos sociais e antropológicos (Pelow, 1992).

Outros, ainda, empregam terminologias diferentes, como *paisagem*, para evidenciar ambientes cotidianos, rotineiros, onde vivemos momentos bons e ruins, mas marcantes (Riley, 1992), ou para traduzir a idéia das dinâmicas físico-espacial, social e temporal, resumidas num único cenário, como na definição abaixo:

> Ao se pensar na estrutura da personalidade do lugar, a paisagem assume especial destaque, pois é precisamente dela que nos chega muito da percepção. Como externalidade, resulta sempre do casamento do que uma sociedade herda e se apropria com aquilo que suas necessidades praticam. Ou seja, é o conjunto de formas num dado momento e por isso mesmo algo que está sendo sempre refeito na mesma matriz. (...) Nesse sentido, é preciso reconhecer uma multiplicidade de formas e tempos presentes na paisagem. Geomorfologia, vegetação, sistema hidrográfico, arquitetura, publicidade e outras entidades paisagísticas possuem tempo e dinâmicas próprios. (Yázigi, 2001, p.34).

A esse quadro há autores que acrescentam outro conceito, o de *região*: "um conjunto de lugares onde as diferenças internas entre esses lugares são menores que as existentes entre eles e qualquer elemento de outro conjunto de lugares" (Corrêa, 1991, citado por Yázigi, 2001, p.32), ou simplesmente resumido como uma realidade objetiva, ou um ecossistema (Yázigi, 2001). Isso amplia o conceito de lugar, com base na insuficiência de definições para o entendimento nas escalas do cotidiano, definindo-o basicamente como a personalidade, ou a alma de um ambiente: "Reconheço o lugar como uma arrumação que produz o singular, mas estimo que de modo algum se poderá entendê-lo ou trabalhá-lo sem a consideração da extensão de seus sistemas. Ele tem uma personalidade sim, mas não é sujeito." (Yázigi, 2001, p.38).

Com base nessa argumentação, ou em oposição a ela, tem-se o "não-lugar", que seriam aqueles ambientes sem uma unicidade, uma identidade própria, geralmente espaços públicos, de rápida circulação (aeroportos, rodoviárias, estações de metrô, e pelos meios de transporte), e também grandes cadeias de hotéis e supermercados (Auge, 1994). Segundo este autor, o usuário do não-lugar mantém com este uma relação contratual representada por símbolos de modernidade (bilhete de metrô ou avião, cartões de crédito ou telefônico, passaporte, etc.), símbolos que permitem o acesso, autorizam deslocamentos impessoais. Embora esses ambientes possam ser entendidos pelos usuários, isto não parece ser suficiente para torná-lo um lugar; o critério da identidade, ou personalidade, também defendida por Yázigi (2001), parece ser fundamental para esta concepção.

Neste ponto, é possível visualizar basicamente duas dimensões do lugar: a cognitiva, pela familiaridade com o ambiente; e a afetiva, pelos sentimentos que decorrem dessa familiaridade, ou da relação mais íntima entre pessoa e seu meio. Desta forma, se pudéssemos criar uma escala de importância, a concepção prototípica de espaço se encontraria na situação mais preliminar, desprovida de ambas dimensões, em seguida, estaria o lugar percebido pelas relações espaciais, ou seja, damos um passo a frente e já conseguimos decifrá-lo, entendê-lo. Mais adiante, estaria aquela concepção de lugar em que as duas dimensões são contempladas, não apenas o entendimento, mas a consciência ou sentimento de vínculo entre seus componentes, derivada da proximidade e familiaridade com o ambiente. Entretanto, cabe frisar que este precisa ser um processo natural e espontâneo, pois a imposição de determinadas padrões (como pretenderam planejadores modernistas), típicos de sistemas funcionais, pode limitar a amplitude da experiência humana, prejudicando sua identificação com o lugar:

> O próprio Le Corbusier, com todo o seu funcionalismo, reconheceu que a alma de uma cidade depende de tudo aquilo que ela tem de fantasioso e não funcional. Não cabe ao planejador fabricar este mundo rico e expressivo, mas reconhecer sua dimensão para não destruí-lo. (Yázigi, 2001, p.30).

Por fim, conseguimos ir além, perceber coisas, construir conceitos, sentir o espaço, viver as relações, evidenciamos uma outra dimensão neste processo, a afetiva, o que nos possibilita construir/manter uma identidade e estabelecer vínculos com o lugar.

1.2. Não há lugar como o nosso lar

Ao longo de nossas vidas, experienciamos uma infinidade de locais, parte das quais passa a ser percebida como lugar: a escola, o parquinho do condomínio, a casa dos avós, etc. Mas nenhum terá tanta influência para nós quanto a nossa própria casa. Tamanha é a sua importância, que facilmente nos deparamos com expressões no nosso dia-a-dia como "sinta-se em casa", "o melhor de viajar é voltar para casa", "o lar é onde nosso coração está", e muitas outras, que nos remetem a um lugar acolhedor e repleto de significados e sentimentos.

Por isso, dentre todos os lugares de convivência humana, os ambientes residenciais são únicos, singulares, e demasiadamente ricos do ponto de vista dos estudos da Psicologia Ambiental, pela contribuição de significado e identidade à vida das pessoas (Amérigo, 1998). Também é fácil perceber que em nossas casas, e até nas suas adjacências, desenvolvemos comportamentos não muito comuns em outros locais, derivados do desejo ou esforço em ter/manter controle sobre as atividades e relações ali ocorridas, de forma a permitir aquelas que nos forem convenientes e inibir as que julgarmos ameaçadoras. Além disso, Rapoport (1985) indica que a moradia: 1) representam a maior parte dos espaços construídos e 2) são, por excelência, o cenário primário das relações pessoa-ambiente.

Entretanto, tal riqueza reflete a complexidade de se estudar os ambientes residenciais, em virtude das várias possibilidades de abordagem, desde a satisfação residencial (Amérigo & Aragonés, 1990), com ênfase nos aspectos físico-espaciais do lugar, à adoção de condutas territoriais (Taylor & Brower, 1985), destacando características comportamentais típicas desses ambientes. Rapoport (1985) também relata uma dificuldade em estudá-los, tanto pela escassez de teorias (que explicam o fenômeno), como de modelos (que descrevem como as coisas funcionam) e estruturas conceituais cumulativas e integradas.

Por isso, é importante frisar que essa dissertação não pretende aderir a uma ou outra abordagem, ou tentar construir um modelo ou teoria, até porque, embora muito importante no contexto estudado, os ambientes residenciais não se constituem no objeto central deste trabalho. Consideramos tais lugares como cenários únicos, peculiares e favorecedores da criação de vínculo afetivo, não apenas pelas suas características físico-estruturais, mas principalmente pela qualidade das relações que se desenvolvem dentro dele. Além disso, como o processo de vinculação afetiva deve ser algo natural e espontâneo, procuraremos dar ênfase à percepção que o usuário tem de seu ambiente, no que o torna um lugar, sendo, portanto, uma concepção subjetiva que não se pode ser previamente delineada.

Entretanto, sabemos de antemão que o conceito de "lar" está intimamente relacionado à noção de pertencer, estar ligado, conectado a alguma coisa ou alguém, segundo o termo original "*home environments*", traduzido pela literatura brasileira para "ambientes residenciais". Isto porque a palavra *home* não remete apenas à residência, casa, mas também à família, pátria, origem, raízes (Michaelis, 1989), o que amplia a idéia originada pelo termo

em português, "ambientes residenciais". Sendo assim, podemos explorar a noção de lar com toda a sua complexidade de significados e dimensões, como também recortá-la quando for mais conveniente, por exemplo, fisicamente, o lar pode se referir à área adjacente à moradia, calçadas, jardins, ruas, blocos, etc., ou por onde mais se estendam as características de lar concebidas por alguém. Assim, não há uma unidade rígida de análise, dependendo das relações mantidas entre vizinhos e do contexto envolvido, uma ou outra característica ou dimensão do lar (e a casa é apenas uma delas) tende a se sobressair sobre as demais (Rapoport, 1985).

Alguns autores (Dovey, 1985; Werner, Altman & Oxley, 1985) tentam traçar diferenças conceituais entre "casa" e "lar", baseados em propriedades temporais e nas relações que ocorrem dentro desses ambientes. Para Dovey (1985), por exemplo, a casa é definida como um objeto, uma parte do ambiente; enquanto que o lar é uma relação baseada em significado e emoção entre moradores e moradia, é também um tipo de experiência pessoa-ambiente que ocorre dentro da casa. Mais tarde, a mesma autora resume: "lar é um sistema de relações ordenadas com o lugar, altamente complexo, uma ordem que nos orienta no espaço, tempo e sociedade." (Dovey, 1985, p.39)

Como ordem espacial, a autora reinterpreta o conceito de espaço, através de uma perspectiva fenomenológica, fazendo a distinção entre espaço conceitual e espaço vivido, e construindo um paralelo entre casa e lar. O primeiro seria "geométrico, abstrato e objetivamente mesurável, um tipo de contexto dentro do qual coisas, pessoas e lugares existem" (Dovey, 1985, p.35), e o segundo, uma experiência espacial que os fenomenologistas chamam de "estar-no-mundo" (Dovey, 1985), estando profundamente enraizado na idéia de movimento dos nossos corpos pelo espaço, baseado nos três eixos: cabeça-pé, frente-trás e esquerda-direita (Bryant, Nancy & Tversky, 1992; Dovey, 1985; Tuan, 1983). Apesar disso, casa e lar também podem ser tratados como sinônimos, mas apenas quando envolvem um sentimento de propriedade (Dovey, 1985).

O lar também pode ser um território espacialmente demarcado através de limites físicos e simbólicos, que asseguram que moradores podem ter certo controle sobre o acesso e comportamentos dentro dele, ao mesmo tempo que desenvolvem um sentimento de responsabilidade (Dovey, 1985). Entretanto, Taylor e Brower (1985) defendem que esses

limites não são claros porque se trata da interseção entre o ambiente público e o privado, já que o lar não termina na porta da frente de nossas casas. É neste cenário que estão guardadas muitas das ambigüidades do tema, evidenciando a dialética que permeia a experiência do lar: espaço público *versus* privado, social/coletivo *versus* individual, pessoal *versus* compartilhado, etc. (Figura 03).

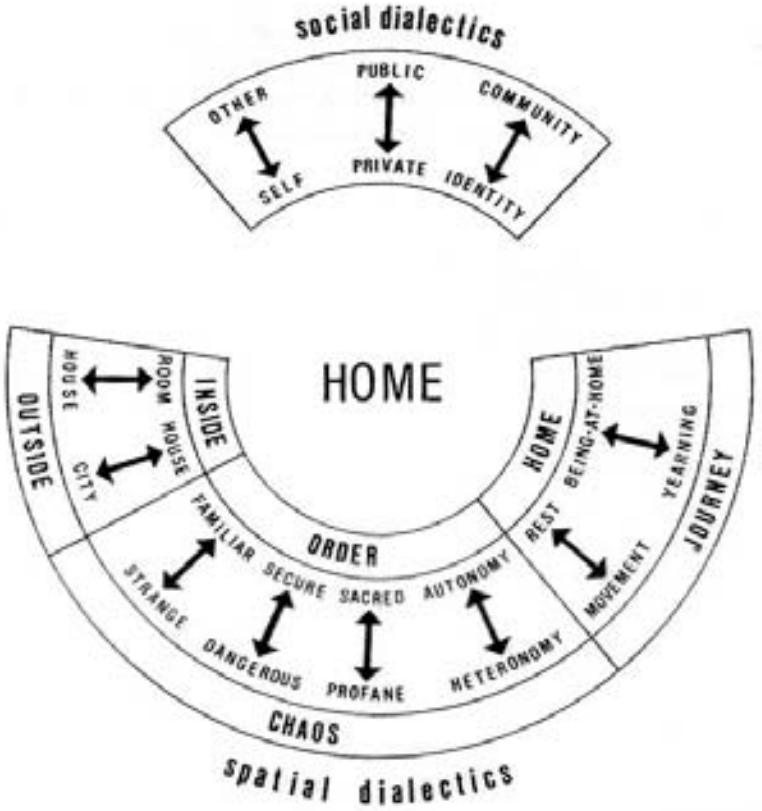

Figura 03: A dialética do lar.
Fonte: Dovey, 1985, p.45.

Sendo uma demarcação territorial, o lar envolve relações sociais, como afirmam Taylor e Brower (1985), que trabalham com o conceito de "Funcionamento Territorial[2] (FT)", definido como um "sistema de atitudes, sentimentos e comportamentos interligados, através do qual se tem acesso a espaços particulares e às atividades que se desenvolvem dentro deles." (Taylor & Brower, 1985, p.185). Alguns elementos do sistema são:

[2] Tradução do termo original *Territorial Functioning* (Taylor & Brower, 1985).

- Atitudes: Responsabilidade, percepção de controle;
- Comportamento: Resposta a intrusos ou intrusos potenciais exercendo controle sobre atividades no território;
- Marcos: Signos, embelezamentos, e assim por diante, que podem ser entendidos como canais não-verbais de comunicação, que informam quais comportamentos são adequados para aquele ambiente.

Segundo as regras do FT, quanto maior o controle na área residencial, maior é a responsabilidade em manter a harmonia entre moradores e moradia. Neste contexto, comportamentos que incluem esforços de manutenção e embelezamento, são tão relevantes quanto ações que indicam propriedade, defesa, ou afirmação de controle. Portanto, os moradores juntos travam uma luta constante para ocupar e demarcar o território, com intuito de preservar o bem-estar dentro de suas propriedades (residências mais adjacências), pois, tudo o que ocorre fora delas também influencia na qualidade de vida que se tem dentro.

O Funcionamento Territorial é, portanto, um sistema aberto, de modo que as funções, propriedades e responsabilidades adquirem nova ordem quando outras relações sociais são absorvidas. Nesse sentido, a FT assemelha-se à noção de *behavior setting*, tanto pela existência de padrões ordenados de atividades e comportamentos dentro do ambiente residencial, como da capacidade de auto-defesa quando há uma ameaça e/ou de se reordenar quando um daqueles padrões é quebrado (Taylor & Brower, 1985).

Sendo assim, há três tipos de respostas à ameaças:

I. <u>Expansão ou reafirmação:</u> refere-se à luta pelo território, visando o aumento do controle. Neste caso, os moradores se unem, mesmo que temporariamente, oficializando um grupo com um objetivo específico, como por exemplo, diminuir a criminalidade do bloco ou rua, tomando medidas de caráter pessoal (vigilância, manter o grupo informado, etc.) e institucional (contatar a polícia ou outra autoridade quando necessário).

II. <u>Defesa:</u> Estabelecer barreiras defensivas entre a área onde o controle desejado é menor do que o real e a área adjacente, através de instrumentos mecânicos ou físicos (sistema de alarme, cão de guarda, paredes altas, etc.). Normalmente, este tipo de resposta deve apenas ser adotado depois que a expansão ou reafirmação tem falhado, por se tratar de

um mecanismo mais dispendioso e que coloca o morador entre a utilização/ disponibilidade de recursos financeiros e a responsabilidade/ comprometimento individual com o objetivo do grupo. Por isso, esta resposta do TF pode levar a uma menor regulação de comportamentos e a deterioração dos laços sociais.

III. Retirada: Caracteriza-se pela não tentativa ou esforço em eliminar a ameaça, ao contrário, o morador perde o território, ou parte dele, e o controle sobre ele. Por exemplo, quando há vandalismo na área em frente à residência e o morador opta por redefini-la como uma extensão da calçada ou rua (espaço público) do que tê-la como extensão de sua própria casa (espaço privado), diminuindo, ou eliminando, assim, a responsabilidade sobre o que acontece naquela área.

Taylor e Brower (1985) destacam que a sensação de controle sobre o ambiente onde se vive é uma busca constante dos indivíduos. Entretanto, o lar não é uma experiência obrigatória ou inevitável nos ambientes residenciais, é, antes de tudo uma escolha; um ambiente imposto tem poucas chances de ser tido logo como um lar, de forma que as pessoas normalmente selecionam seus *habitats*, confrontando as características ambientais percebidas com seus ideais, necessidades e objetivos (Rapoport, 1985).

Ele é igualmente uma construção porque envolve um processo cíclico e contínuo de interação pessoa-ambiente, através da modificação do ambiente físico (embelezamento, adaptação, otimização) e das pessoas e suas relações, em virtude de tais alterações, para o estabelecimento de um ambiente como lar (Saile, 1985). Este processo envolve, portanto, um ritual físico e social de transformação:

> Lentamente ela está se tornando nossa casa. Com cada nova camada de tinta, cada caixa aberta, cada azulejo colocado dentro do lugar, nós começamos a sentir nossa presença no seu passado... nós tratamos a casa, a casa que está lentamente se tornando nossa, em algum aspecto. Nós, depois de tudo, mudamos para dentro dela. Ela pode ser nossa nova casa, mas nós somos seus novos moradores... sim, outras famílias moraram aqui, outras vidas foram vividas fora daqui. Mas agora é a nossa vez. Nós renovamos sua estrutura, fazemos mudanças. Lentamente ela está se tornando nossa casa. (Goodman, 1982, citado por Saile, 1985, p.87)

Para Saile (1985) os seres humanos precisam de rituais, como celebrações (aniversários, casamentos, etc.) e rotinas diárias no lar, que se diferenciam de uma série de atividades exteriores a ele, como as do escritório ou das férias, para reforçar o sentimento de lar. Por isso este é um processo de construção e convivência cíclica e rítmica, à medida que a

cada ano (ou período de tempo) os mesmos rituais se repetem, tornando os laços ainda mais fortes. Além disso, a realização/repetição desses eventos enriquece a nossa experiência com o ambiente, tornando alguns momentos inesquecíveis, de modo que sentimos mais facilidade em relatar características ambientais de nossa casa quando relembramos eventos habituais ou ocasiões especiais ocorridos dentro dela (Bossard & Boll, 1950, citado por Saile, 1985).

E, mesmo quando a interação com o ambiente residencial gera um sentimento de lar, este nem sempre reflete uma experiência positiva, pois, embora normalmente estes relatos sejam repletos de orgulho e sentimento de apego aos rituais e ambientes envolvidos (Saile, 1985), o lar pode remeter a lembranças não tão prazeirosas quanto aquelas supostas por alguns autores. Sem dúvida, este é um dos grandes problemas em abordar esta questão, o fato de tratarem o lar, como, necessariamente, sinônimo de proteção, segurança, conforto (Manzo, 2003), ou analisado num contexto romântico e estático (Moore & Kellett, 1998), o que, sem dúvida torna tendenciosa a investigação. Saile (1985) concorda que apenas o ambiente físico da casa não define a experiência da existência do lar, que, na sua concepção, é definido como o ambiente do dia-a-dia; entretanto, discorda de outros autores (Amérigo, 1998; Dovey, 1985; Moore & Kellett, 1998; Rapoport, 1985; Saile, 1985; Taylor & Brower, 1985; Werner, Altman & Oxley, 1985), quando afirma que o lar não deve ter obrigatoriamente uma conotação emocional, principalmente positiva, pois, o que diriam as mulheres que sofrem violência doméstica por seus maridos e crianças abusadas por parentes dentro de casa?

Outra falha apontada por Rapoport (1985) nas abordagens de ambientes residenciais é o fato de apenas o estudarem com as pessoas já morando nele, mas há uma questão anterior a essa que é como esses indivíduos chegaram lá, um processo que passa, com certeza, pela escolha do lugar "ideal". Aliás, ele frisa que sempre há escolhas, mesmo se considerando uma série de limitações como condições econômicas, facilidade/habilidade de adaptação, avaliação do mercado de trabalho e de serviços, preconceito, discriminação e até proibição, pois se você mora lá, é porque algum aspecto daquele ambiente lhe chamou a atenção e, por alguma avaliação, você o escolheu por isso (Rapoport, 1985).

Além disso, existem algumas situações que parecem contrariar a idéia anterior, pois, nestes casos, apenas teria havido escolha, se houvesse lar, ou seja, podemos nos ver obrigados a "escolher" uma moradia, sem que esta seja o que imaginamos ser o nosso lar

(Rapoport, 1985). Ás vezes, as pessoas se encontram em situações consideradas provisórias (temporadas em hotéis ou similares), inevitáveis (quando decorrem de algum tipo de tragédia, como contaminação ambiental, desmoronamento e outras perdas) ou por convicção política (sem-terra brasileiros), levando-os a morarem nas ruas ou assentamentos informais.

Discussões como esta colocam em questão o próprio conceito de lar: este seria sinônimo de lugar/abrigo, o (único) que se tem – ou se pode ter naquele momento? Um lugar para onde se pode voltar para dormir e se proteger de intempéries? Ou seria mais do que isso, o morador deve sentir afinidade e afeto com o lugar onde mora?

Nesse sentido, Moore e Kellett (1998) resolveram investigar qual o conceito de lar, e o seu processo de construção, de pessoas que não moram em lugares convencionalmente tidos como tal, como os descritos nas situações acima. Eles revelaram que o sentimento de lar significa mais do que simplesmente "ter um teto sobre a cabeça", refletindo uma condição social e econômica, de modo que se constrói um estereótipo para aquelas pessoas que não tem onde morar, um lar propriamente dito. De fato, e especialmente no Brasil, onde a desigualdade econômica é enorme, esses indivíduos são marginalizados e estigmatizados pela sociedade. Sendo assim, a construção do conceito de lar aparece como tentativa de superar suas condições de relativa exclusão (Moore & Kellett, 1998), já que 55% dos seus entrevistados se declararam não se sentirem – ou não se considerarem – "sem-teto[3]". Eis alguns dos argumentos para tal convicção:

> Eu não me sinto sem-teto, não. Porque essa palavra"sem-teto" para mim significa alguém que mora nas ruas que dorme no chão, que não tem até mesmo um lençol ou nada. Aqui é a minha segunda casa. Eu me sinto confortável aqui. (Entrevistada, citada por Moore & Kellet, 1998, p.148)

> Eu não sou sem-teto porque eu tenho um lugar para ficar. Existem pessoas que não têm nem isso. Aqui eu posso cozinhar, assistir televisão, então, eu não acho que eu sou sem-teto. (Entrevistado, citado por Moore & Kellet, 1998, p.148)

Na situação oposta, os autores supracitados encontraram:

> Sim, porque eu não tenho um lar, tenho? Eu moro aqui, mas esse não é realmente meu lar. Eu não poderia trazer as pessoas aqui e dizer: 'Aqui é onde eu moro e é o meu *flat*.. (Entrevistada, citada por Moore & Kellet, 1998, p.148)

> Eu sinto como se estivesse escalando uma pedra. Esse não será meu lar até que eu possa fazer o lugar ser o que eu quero que ele seja. (Entrevistado, citado por Moore & Kellet, 1998, p.148)

---

[3] Tradução do termo original *homeless* (Moore & Kellett, 1998).

Para essas pessoas ter um teto não é o suficiente para eles se sentirem em casa, pois eles procuram qualidades pessoais (liberdade e controle), qualidades físicas (segurança) e qualidades sociais (ter amigos nas proximidades) bem como o senso de propriedade, que podem fazer o lugar parecer um lar para os mesmos (Moore & Kellett, 1998).

Ainda assim, um lar imposto não está condenado a ser visto para sempre da mesma maneira, ao contrário, a convivência com o ambiente pode aumentar a congruência, ou diminuir a incongruência, entre o que é percebido e o que é desejado (Rapoport, 1985). Neste processo algumas daquelas dimensões se tornam mais salientes do que outras, sendo o resultado, também, de características e motivações pessoais em direção ao ambiente.

Chawla (1992) diz que os romanos foram os grandes responsáveis por isso, pois transferiram imagens do paraíso para dentro de casa, como por exemplo, figuras celestiais e do descanso final. Assim, pouco a pouco, o lar ia se transformando no céu, no paraíso.

Enfim, retomando o argumento inicial desse capítulo, para investigar a relação afetiva com lugares em ambientes residenciais, precisamos compreender que: 1) o conceito de lar é utilizado frequentemente como uma metáfora, um lugar de proteção, bem estar e etc., mesmo que nem sempre corresponda à realidade, ou que todos concordem (Moore, 2000), e 2) "o lar é um conceito extraordinariamente maleável" (Riley, 1992, p.25), que pode abranger idéias positivas e negativas, mas certamente, é nele que depositamos nossas emoções e expectativas e desenvolvemos laços afetivos que podem durar por toda a vida.

2. Um lugar para chamar de "Meu"

Depois de falar sobre a percepção ambiental, a transformação do espaço em lugar e a peculiaridade do ambiente residencial, entramos agora no cerne do trabalho, a relação afetiva com lugares. Constitui-se de sentimentos, disposições de ânimo, emoções, etc., que as pessoas associam aos locais que nascem, vivem e atuam, os quais também estão relacionados com outras pessoas que vivem e atuam naqueles locais (Giuliani, 2004).

Certamente em algum momento de nossas vidas nos sentimos insatisfeitos, tristes e até contrariados quando, numa determinada situação, somos obrigados a deixar (por um período relativamente longo ou em definitivo) um lugar de que gostamos. Isso acontece porque somos, naturalmente, predispostos a formar vínculos emocionais com os ambientes, sejam eles relacionados à experiência presente, passada (lugares de infância) e algumas vezes futura (o lugar que sonhamos, ou onde gostaríamos de ir/voltar). Tal predisposição está associada ao fato desses laços contribuírem para definir nossa identidade, dar sentido à vida e enriquecê-la com valores, metas e significado (Giuliani, 2004; Twigger-Ross & Uzzell, 1996).

Por isso, podemos afirmar que a relação afetiva com o meio ambiente é única, diferindo de outras (como com objetos e pessoas, por exemplo), por que, além de envolver o nosso instinto ancestral com relação à demarcação de território (Taylor & Brower, 1985), o ambiente frequentemente é percebido como fundamental para o estabelecimento do nosso bem-estar físico e psicológico.

Este tema começou a ser trabalhado com maior freqüência na literatura em Psicologia Ambiental a partir da década de 80, abordando especialmente o lar e a vizinhança. Apenas na década de 90 o interesse dos pesquisadores passou a voltar-se para os aspectos afetivos do relacionamento pessoa-ambiente (Giuliani, 2004), gerando linhas de investigação variadas, desde preferências e satisfação residencial (Amérigo & Aragonés, 1990; Chawla, 1992), até o sentimento de mulheres com relação a seus lares (Ahrentzen, 1992) entre outros.

O pouco tempo de surgimento da área e a diversidade de pesquisas realizadas também ficam evidentes nas diversas terminologias empregadas (sentimento de lugar, apego, afiliação, dependência, etc., que serão melhor discutidas adiante), o que dificulta uma

investigação cumulativa e sistemática do tema. "Esta variedade de termos parece indicar não tanto uma diversidade de conceitos, mas sim uma imprecisão na identificação do fenômeno" (Guiliani, 2004, p.91). Apesar desta dificuldade, de uma forma geral, podemos vislumbrar três grandes possibilidades para a relação afetiva pessoa-ambiente: a positiva, a neutra e a negativa, cujas principais características serão descritas a seguir:

a) **Situação 01: Relação Positiva**

Nesse caso, como o termo sugere, o ambiente possui uma representatividade positiva para os usuários: traz boas recordações, estimula o bem-estar físico e psicológico, assume um aspecto importante na construção e manutenção do *self*, ou constitui uma condição necessária à sobrevivência (Twigger-Ross & Uzzell, 1996). Tal situação também pode ser explicada pela existência de uma co-relação satisfatória entre as potencialidades e/ou características do ambiente e as necessidades e/ou objetivos do indivíduo (Manzo, 2003; Rapoport, 1985).

A literatura na área divide os preditores, para a relação afetiva positiva com lugares, em ambientais e sócio-demográficos:

- Preditores ambientais: alguns ambientes são destacados como potencialmente estimulantes ao desenvolvimento de vínculo afetivo, sobretudo, os residenciais (comentados anteriormente), os recreativos, pela natureza das atividades e relações que ocorrem neles (Johnson, 1998) e os naturais, que além de estimulantes visuais (Bow & Buys, 2003), proporcionam uma espécie de ligação instintiva com um passado remoto no qual vivíamos em áreas selvagens (Johnson, 1998).

  Analisando as qualidades atribuídas a ambientes, Corraliza (1987) as dividiu em três dimensões: 1) as descritoras, que expressam características do ambiente, permitindo ao indivíduo responder como é o lugar; 2) as que expressam facetas ou partes do ambiente, sendo as características mais salientes dele; e 3) as que caracterizam a experiência emocional no ambiente, ou seja, o impacto emocional do indivíduo quando exposto ao lugar, ou a parte dele. Posteriormente, o mesmo autor indicou haver outros fatores ou qualidades afetivas do ambiente, que predispõem o indivíduo a uma relação mais íntima com o lugar, tais como silêncio, as dimensões (grande/ pequeno), a complexidade, o povoamento/ densidade e a sensação de conforto. Por sua vez, Cullen

(1983) e Ferrara (1999) alertaram para o aspecto de "não passar desapercebido", indicando que um local estimulante, exótico e surpreendente poderia facilmente instigar a afetividade das pessoas com relação a ele.

- Preditores sócio-demográficos: Dentre os vários pesquisadores que se dedicaram ao estudo de tais preditores, Ruiz, Villodres e Vilela (1998) destacaram o tempo de residência, a posição no ciclo vital e a classe social como os principais preditores de apego pela comunidade. Os autores indicam ainda que as variáveis mais relacionadas com o apego ao lugar são: ser proprietário da moradia, no sentido positivo, e ter filhos, em sentido negativo, embora admitam a influência de outros aspectos, exemplificando com a pesquisa de Gerson, Stueve e Fischer (1977), segundo a qual, quando se controla o nível da qualidade física, as influências da classe social e do tempo de residência desaparecem. Além disso, as pessoas casadas e com mais idade parecem ter mais apego ao local de residência (Ruiz, Villodres & Vilela, 1998). As primeiras pela estabilidade financeira e emocional que tal ambiente representa, e as segundas pela restrição de movimentos e locomoção que a própria idade proporciona, tornando-as mais dependentes de um local familiar.

Segundo a perspectiva transacional (Altman & Low, 1992), não há separação entre pessoa/comunidade e ambiente, de forma que, em algumas situações, esses preditores podem ser vistos como pertencentes ao ambiente, e em outras, como relativos à coletividade, ou ainda, a ambos. Além disso, conforme visto em capítulo anterior, para a criação de laços emocionais com o lugar a questão da escolha está em primeiro lugar (Rapoport, 1985), pois corresponde a uma avaliação individual feita através do confronto entre necessidades/objetivos pessoais e características/potencialidades do ambiente, ou seja, configurando-se como um exemplo nítido da impossibilidade de segregação pessoa-ambiente.

Em termos práticos, ela pode ser diagnosticada pela afinidade, identidade, empatia, desejo e/ou necessidade de estar em um lugar, de modo que o apego é apenas uma das formas de relacionamento que cabem neste arcabouço.

b) **Situação 02: Relação Neutra**

Neste caso, o lugar tem relevância insignificante nos contextos social, econômico, cultural dos sujeitos, assumindo uma posição de neutralidade com o indivíduo (Manzo, 2003), ou, ainda, representando um não-lugar (Augé, 1994). Descartando situações específicas, é difícil alguém manter algum tipo de relação com ambientes tipicamente de passagem, como aeroportos, rodoviárias, etc., e que não possuem uma identidade marcante, capaz de evocar sentimentos e emoções nas pessoas.

Outra situação que resulta em relação de neutralidade, pode ocorrer quando o ambiente é "invisível" aos seus usuários (Ferrara, 1999), já que, influenciada pela força do hábito, a interação pessoa-ambiente diminui, ou ocorre com menor intensidade, de modo que o ambiente aparenta intervir cada vez menos no dia-a-dia do indivíduo. Segundo Brown e Perkins (1992), mesmo quando alguém estabelece um forte vínculo afetivo com o lugar, isto não significa que ele seja eterno, ou duradouro; laços emocionais podem desaparecer gradativamente, gerando uma situação de neutralidade, e num grau mais abaixo, de aversão. Portanto, esse ainda não é o contraponto ao apego, o que caracteriza esta situação é o que chamamos de "não apego".

c) **Situação 03: Relação Negativa**

Neste caso, o ambiente pode remeter a más lembranças, relação histórica com fatos trágicos, ou ainda, em função de se avaliar como incompatível a relação entre as características e/ou potencialidades do lugar e necessidades e/ou objetivos do sujeito (Manzo, 2003; Rapoport, 1985). Nesse sentido, Guiliani e Feldman (1993) argumentam que falar de sentimento negativo como possibilidade de relação afetiva com o lugar pode parecer contradizer o significado do termo "afetividade". Segundo eles, embora para os judeus os campos de concentração nazistas representem lugares com forte carga emotiva, não é possível afirmar que tais pessoas se sentem - ou se sentiram - apegados afetivamente a eles.

Excetuando-se situações extremas como essa, há situações em que o vínculo emocional com o local é rompido, gerando insatisfação e necessidade de mudança. Quando esta é impossibilitada, o indivíduo tende a nutrir um sentimento de aversão pelo lugar, agora visto como uma prisão, ou como contrário às suas novas exigências. Exemplos práticos são as experiências frustradas ou mal sucedidas de trabalho, estudo, moradia, etc., principalmente quando envolvem investimentos financeiros. Este é o contraponto ao apego, significando mais

do que o "não apego", e sim um sentimento contrário, uma aversão, repúdio, a um lugar específico, ou a características dele.

Frente às considerações anteriores, é preciso ressatar que não podemos confundir a percepção do lugar com a relação afetiva necessariamente positiva, que, aliás, é uma das grandes críticas por parte de pesquisadores do tema. Assim, na situação 01, bem como na 03, o sentimento de lugar está presente, embora com conotações e significados completamente opostos, gerando relações afetivas também distintas.

De fato, cada uma dessas situações contém uma infinidade de abordagens e variáveis que podem tornar a investigação extensa e complexa, pois, na literatura em Psicologia Ambiental, ainda há várias lacunas a serem preenchidas, envolvendo principalmente pesquisas qualitativas relacionadas à formação dos laços afetivos, possibilidade de substituição de um lugar de apego pode ser substituído por outro, coexistência de múltiplos apegos, relação entre o apego a lugares simbólicos (de nascimento ou religiosos, por exemplo) e vontade/ necessidade de retornar a esses locais, dentre outros.

Nesse contexto, esta dissertação propôs-se a concentrar sua atenção na situação 01. Além disso, optou-se por não partir de um conceito fechado de apego, ou de qualquer outro, a fim de "passear" por alguns estudos relacionados ao tema, procurando neles pontos para ancorar esta investigação exploratória.

2.1. Lugar Meu, Seu e Nosso

Ao tentar discorrer sobre a relação afetiva positiva com lugares, nos deparamos com uma série de questionamentos: "afinal, ao que nos apegamos?", "com que(m) nos relacionamos?", "que sentimentos são esses?", "que influência tais sentimentos têm em nossas vidas?"

Embora não nos proponhamos a dar respostas definitivas a esse tipo de questões, consideramos que tal discussão exige o esclarecimento de diversos conceitos e terminologias, justificando a elaboração deste item.

Como dito anteriormente, a afetividade não se desenvolve apenas em direção ao ambiente físico, mas também às pessoas que nele habitam. Nesse sentido, alguns autores

concentram esforços em sistematizar as informações, organizando o fenômeno em categorias ou dimensões, o que não deixa de ser, uma tentativa de separar estímulos provenientes do indivíduo e do ambiente. Um exemplo dessa sistematização ocorre com relação ao ambiente habitacional; enquanto alguns tomam casa, bairro e cidade como medidas, e como dimensões, física, social e global (Ruiz, Villodres & Vilela, 1998; Villodres & Ruiz, 1998), outros, especialmente Amérigo (1998) substituem "cidade" por "vizinhos" e denominam tais instâncias de "níveis", parecendo misturar as duas idéias dos primeiros autores.

Apesar dessas pequenas divergências, é importante frisar que a questão da afetividade precisa ser estudada a partir da integração e associação entre o físico e o social, pois não há como separá-las totalmente (Altman & Low, 1992).

Sob tal perspectiva, os pesquisadores da área têm consagrado alguns termos que focam diferentes aspectos da relação com o lugar, estando relacionados à identidade pessoal, à demarcação do território e ao apego à comunidade, ou seja, o "meu", o "seu" e o "nosso" lugar. Entre os principais conceitos estão Satisfação Residencial (SR), Sentimento de Comunidade (SC), Dependência do Lugar (DL), Identidade do Lugar (IL), Identidade Social Urbana (ISU), Apego ao Lugar (AL), Apropriação do Espaço (AE), Sentimento de Lugar (SL) e Topofilia (TP). Dada a importância destes para o desenvolvimento dessa dissertação, passamos a descrevê-los:

I. Satisfação Residencial (SR):

Nas sociedades contemporâneas, o "morar" tem caráter multi-facetado, podendo ser visto como investimento, comodidade, construção, assentamento e etc. Face a essa constatação, Weidemann e Anderson (1985) propõem um modelo integrado para investigar a satisfação residencial baseando-se em três categorias de respostas: afetiva, cognitiva e comportamental. Para os autores, a parcela afetiva desse processo não se refere apenas ao ambiente físico, mas ao físico-social, componente geralmente relegado a segundo plano nas pesquisas sobre satisfação residencial. Além disso, eles chamam a atenção para o fato da resposta afetiva à satisfação com o lugar poder ser positiva ou negativa, reforçando a idéia comentada anteriormente.

Nesse sentido, Amérigo (1995) define o conceito como "um resultado afetivo, uma resposta emocional ou uma conseqüência de caráter positivo que provém do estabelecimento de comparações entre o ambiente residencial e a própria situação do sujeito" (Amérigo, 1995, p.55) , relacionando o ambiente de moradia com a qualidade de vida dos usuários. Já para Wiesenfeld (1994), a avaliação dos ambientes tem o propósito de conhecer as cognições, afetos e comportamentos das pessoas com relação aos diferentes entornos com os quais ele interage. Desta forma, uma das maneiras de avaliar a satisfação residencial é questionar o usuário sobre a vontade/ desejo de deixar o lugar, ou seja, pode ser vista, também como uma questão de apego.

II. Sentimento de Comunidade (SC):

O SC é associado às características do ambiente social, acrescidas da percepção que os residentes têm do ambiente construído (Pretty, Chipuer & Bramston, 2003).

Hummon (1992) revela que há pelo menos três tipos de abordagens para este conceito, com os seguintes focos:1) a satisfação da comunidade; 2) o vínculo com a comunidade e 3) a identidade e a vida com a comunidade. Ele ainda propõe uma integração com o conceito de sentimento de lugar, o que facilitaria a caracterização sistemática das crenças e sentimentos das pessoas sobre seu lugar de residência, e a possibilidade das mesmas serem compartilhadas pelos membros do grupo.

Bow e Buys (2003) ressaltaram que o sentimento de comunidade não inclui apenas aspectos de laços sociais, mas também laços que pessoas desenvolvem com o ambiente natural - além do residencial. Nesse sentido, os autores ampliam os estudos sobre sentimento de comunidade e apego ao lugar, explorando a importância e o impacto de experiências emocionais, físicas e psicológicas com o ambiente, explicitando que somos capazes de desenvolver sentimentos de apego ao lugar e incorporá-lo ao nosso sentimento psicológico de comunidade.

Em termos práticos é o sentimento de pertencer a uma comunidade com a qual nos identificamos de modo que o indivíduo sabe que pode contar com parcela de recursos daquela comunidade, ao mesmo tempo em que, reciprocamente, responde quando a comunidade

requer alguma parte de seus recursos. Em outras palavras, pessoas cuidam e são cuidadas por aqueles aos quais eles sentem que pertencem (Pretty et al, 2003).

III. Dependência do Lugar (DL):

Componente funcional do apego ao lugar, descrito como a força percebida da conexão entre pessoa e ambiente. Há duas componentes de DL: a qualidade do lugar em termos de disponibilidade de recursos físicos e sociais para satisfazer o objetivo do comportamento direcionado e como a pessoa compara esse lugar a outros (Stokols & Schumacker, 1981, citados por Pretty et al, 2003). A DL ainda pode ser definida ainda como o preenchimento de atividades e objetivos físicos e psicológicos proporcionados pelo ambiente à vida do indivíduo (Bow & Buys, 2003). E, Para Pretty et al (2003) é um componente comportamental do sentimento de lugar.

IV. Identidade do Lugar (IL):

Diz respeito aos aspectos emocionais e afetivos do ambiente, tendo como referência o indivíduo. Às vezes, a IL pode ser vista como um tipo de identidade social que permite que o conceito de lugar esteja contido na identidade social (Twigger-Ross & Uzzell, 1996). Neste sentido, Honorato (1999) discute o processo de identificação de moradores com a cidade de João Pessoa, na Paraíba, demonstrando que sempre se pertence a algum grupo social, quer em razão do próprio nascimento, quer devido ao trabalho ao à faixa etária. Com relação ao lugar, este processo está intimamente relacionado ao espaço moradia e ao local adotado, onde se solidificam experiências e se consolidam emoções.

A identidade do lugar desempenha um papel importante na maneira como o espaço físico é percebido, permitindo que este ganhe significados e despertando sentimentos nos usuários. Transpondo tal idéia em termos práticos, observamos que muitos diálogos e apresentações se iniciam com a pergunta: "de onde você veio?" ou "você é de onde?"; e quando não, esta parece ser uma questão que complementa o imaginário sobre a identidade do outro (Günther, Nepomuceno, Spehar & Günther, 2003).

Twigger-Ross e Uzzell (1996) dedicaram-se ao estudo do lugar, associando-o ao processo de construção e/ou manutenção do *self*, para o que utilizam o modelo de Breakwell

(1986, citado por Twigger-Ross & Uzzell, 1996), tendo por base três princípios básicos: distinção, continuidade e auto-estima.

a) Distinção:

É o primeiro princípio da identidade, refletido pelo desejo em manter a autenticidade, a originalidade (Twigger-Ross & Uzzell, 1996) ou, ainda, a capacidade em ser distinguível dos demais indivíduos (Lynch, 1999; Honorato, 1999; Boussaa, 1999). Ela pode estar focada no tipo de relação que se tem com o ambiente, ou em um modo de vida próprio, como acontece quando se descreve ou identifica pessoas ou coisas apenas por dizer que é do "interior" ou da "capital" (Humonn 1990, citado por Twigger-Ross & Uzzell, 1996). Nestes casos não é o local, nem os benefícios da moradia, que faz a diferença, mas todo o conjunto de informações coordenadas (políticas, culturais, sociais, etc.) a respeito do estilo de vida das pessoas que ali se encontram.

b) Continuidade:

Princípio sobre o qual muitos pesquisadores têm concentrado esforços (Brown & Perkins, 1992; Fried, 2000; Giuliani, Ferrara & Barabotti, 2003), a continuidade é definida como uma forma representativa e concreta de ligação do passado com o presente, e cuja estabilidade proporciona sensação de segurança e bem estar. Há na literatura dois tipos de relação de continuidade, aquela referente ao lugar e aquela congruente ao lugar[4], as quais, no entanto, não são mutuamente exclusivas (Twigger-Ross & Uzzell, 1996).

O primeiro caso, continuidade referente ao lugar, é descrito por Korpela (1989):

> A continuidade da auto-experiência é também mantida fixando ajuda para a memória no ambiente. O lugar por si só, ou os objetos do lugar, podem relembrar alguém ou o passado de alguém e oferecer um concreto 'background', ao mesmo tempo em que alguém é capaz de comparar ele mesmo em diferentes períodos (...). Isso gera coerência e continuidade no seu auto-conceito. (Korpela, 1989, p.244)

Neste sentido, Hormuth (1990, citado por Twigger-Ross & Uzzell, 1996) relaciona mudanças no lugar e no auto-conceito de pessoas, sugerindo que quando há uma ruptura na continuidade do *self*, o velho ambiente tende a ser associado com o velho *self*, velhos valores, crenças e atitudes; enquanto que o novo ambiente é compreendido como uma

oportunidade de desenvolver novas identidades. Sobre isto, é preciso analisar se estas mudanças são desejáveis ou não, do ponto de vista do indivíduo, pois a ruptura com um lugar tanto pode ser um modo de "apagar" experiências traumáticas do passado (perda de ente querido, casamento mal sucedido, etc.), quanto algo involuntário (construção de barragens, relocação por contaminação ambiental, etc.). No último caso, a quebra não desejável da continuidade do lugar pode gerar mais do que um desconforto psicológico, causando sérias conseqüências físicas como as desencadeadas pela depressão profunda (falta de apetite, insônia, tonturas, etc.) (Fried, 2000).

Já a continuidade congruente ao lugar, segundo tipo de continuidade, difere da anterior devido à sua não especificidade, ou seja, enquanto a primeira está relacionada a lugares específicos, esta se refere à manutenção da continuidade pelas características de lugares que são genéricas e transferíveis de um lugar para outro (Twigger-Ross & Uzzell, 1996), ou seja, pessoas buscam lugares nos quais cuja escolha possa corresponder aos seus valores e anseios.

Um importante aspecto que emerge desta discussão é que a ruptura na continuidade do *self* pode ocorrer de diversas formas, não estando, necessariamente relacionada a uma relocação do indivíduo, do mesmo modo que, nem sempre uma mudança de lugar causa prejuízos à identidade de alguém. Giuliani, Ferrara & Barabotti (2003) criticam o fato da estabilidade ser considerada um importante pré-requisito para o estabelecimento do elo afetivo, defendendo que a dinâmica das pessoas de um lugar para outro pode, evidenciar, melhor do que esconder, este vínculo. Além disto, Fried (2000) enfatiza que neste processo de mudanças, o apego intenso e exclusivo a um lugar do passado pode se tornar prejudicial na medida em que se renuncia a novas oportunidades de crescimento ou possibilidades de melhor gratificação na vida pessoal ou comunitária.

Na continuidade referente ao lugar, por exemplo, alguns moradores podem perder a referência ambiental a partir de grandes mudanças (ou mudanças significativas para eles), no ambiente físico, de modo que o "novo" possua poucas ou nenhuma ligações com o passado, causando frustração e perda da identidade individual e/ou grupal. No caso da continuidade

---

[4] Tradução do original *place-referent* e *place-congruent* (Twigger-Ross & Uzzell, 1996).

congruente ao lugar, estas mudanças podem ser menos danosas, já que a vinculação é função das características genéricas do lugar, o que significa que, caso necessário, as pessoas podem migrar para outras localidades e estabelecer um novo vínculo, ou, conforme exposto anteriormente, buscar mecanismos de intervenção no ambiente.

c) Auto-estima:

Refere-se a uma avaliação do lugar com relação à personalidade, sentimentos ou valor social de um indivíduo. Neste sentido, é fácil perceber se morar num determinado local faz bem para a auto-estima de alguém. Por exemplo, a maioria dos cariocas sente-se orgulhosa de sê-lo, não só pelas belezas naturais do Rio de Janeiro, mas porque por trás do conceito "carioca" estão outros como "malandro", "descontraído", "alegre", etc, qualquer que seja o real significado desses termos (Honorato, 1999). Um exemplo mais próximo de nós tem sido o orgulho declarado em ser nordestino, expresso em camisetas e adesivos de automóveis, o que não deixa de ser, também, uma resposta a um preconceito e discriminação por parte dos sulistas. Estudos nesta área (Korpela; 1989; 1992) têm se voltado para a abordagem de ambientes de infância e como a manutenção deste vínculo pode colaborar para a construção e/ou manutenção do *self* durante a vida adulta.

A esses três aspectos apontados pelo modelo de Breakwell (1986, citado por Twigger-Ross & Uzzell, 1996), Twigger-Ross & Uzzell (1996) acrescentaram um quarto: a auto-eficácia, definida como "uma crença do indivíduo nas suas capacidades para conhecer demandas situacionais." (p. 208), ou seja, uma avaliação do ambiente, e de si mesmo, quanto às possibilidades de desenvolvimento de atividades e práticas específicas relevantes para a manutenção da identidade, que podem ser tomadas – ou não – como um desafio.

Enfim, a IL também pode ser definida pela importância simbólica de um lugar como um repositório de emoções e relacionamentos que dão significado e propósito à vida (Williams & Vaske, 2002, citado por Bow & Buys, 2003), definida por Proshansky, Fabian e Kaminoff (1983), como uma sub-camada ou componente da auto-identidade, evidenciada a partir do aumento do sentimento de comunidade.

Por último, e abordando uma definição bastante ampla, Yázigi (2001) defende que os lugares possuem uma alma, uma personalidade própria, representada não apenas pelos

elementos naturais ou paisagísticos, mas pela congruência de componentes humanos e não-humanos, pela dinâmica e interação destes.

V. Identidade Social Urbana (ISU):

Como um ambiente também é percebido por suas características sociais, recentemente o conceito de lugar vem sendo enriquecido por autores como Valera (1997), que atribui, além do caráter sentimental e afetivo, um caráter mais cognitivo, direcionado tanto ao ambiente, quanto às pessoas, um estilo de vida, uma história especial, um fato marcante, etc. O autor contribui para a construção de uma ponte entre as abordagens social e ambiental, mostrando que a percepção de lugar dos moradores de uma determinada região é um importante aspecto para se reconhecerem como um grupo.

De fato, aspectos simbólicos dos espaços urbanos são importantes no estudo da identidade social de uma comunidade, pois, mais do que o cenário físico, o ambiente tem significados sociais, econômicos e culturais, nem sempre explícitos e/ou perceptíveis por todos. Esta constatação é a base do conceito de "Identidade Social Urbana", definida pela "relevância dos aspectos ambientais para a construção social da categoria urbana (bairro, zona, cidade, etc.) como referente de identidade para seus habitantes." (Valera, 1997, p.18).

A partir da forma como as pessoas percebem o espaço simbólico, este pode ser identificado como "lugar-critério" para uma categoria social, Valera (1997) destacou seis dimensões que fazem parte deste processo: 1) territorial; 2) psicossocial; 3) temporal; 4) condutual; 5) social e 6) ideológica.

a) Dimensão territorial:

Diz respeito aos limites geográficos de uma determinada região, embora, na maioria das vezes eles possam não ser claros ou oficiais. É comum, por exemplo, o indivíduo perceber-se (e a outros), como pertencente a uma comunidade apenas por morar dentro dos limites físico-espaciais e/ou perceptíveis da fração urbana em questão.

b) Dimensão psicossocial:

Assim como cada grupo social tem a sua própria imagem, cada região também tem a sua personalidade, como se moradores de determinada região fossem dotados de uma "personalidade" peculiar que os distingue de moradores de outros locais. Esta diferenciação

pode ocorrer em função da qualidade das relações sociais percebidas pelos seus habitantes (Reid & Aguilar, 1991, citado por Valera, 1997), da qualidade de vida que representa (Francis, 1983, citado por Valera, 1997) ou do *status* ou prestígio social conferido a seus habitantes (Firey, 1974, citado por Valera, 1997). Neste caso, o lugar passa a ser importante, como elo de ligação social, por dar informações sobre quem eu sou e o tipo de vida da comunidade. Como por exemplo, moradores da zona Sul de Natal são percebidos como privilegiados no sentido social (grande número de escolas, faculdades, hospitais e clínicas e criminalidade relativamente baixa), econômico (alto padrão das habitações e dos valores dos impostos cobrados) e ambiental (limpeza das vias, saneamento básico, acesso à água potável e o privilégio/ *status* de estar a poucos minutos do mar). Assim, a coesão desse grupo social se deve ao fato de pertencer a este lugar, que por sua vez, faz desses moradores indivíduos diferentes dos demais.

c) Dimensão temporal:

Refere-se à contextualização histórica dos fenômenos sociais, a evolução do grupo e sua relação com o ambiente, gerando um sentimento de continuidade temporal. A identidade do grupo deve-se ao fato de seus membros estarem ligados a um mesmo entorno, em um dado momento, de terem partilhado o mesmo passado ambiental e de estarem sujeitos às conseqüências desse passado, tanto no presente quanto no futuro. A idéia de continuidade temporal, neste contexto, tem se mostrado tão relevante que alguns autores dedicam seus estudos a relacioná-lo com implicações para a identidade pessoal (Twigger-Ross & Uzzell, 1996) e coletiva (Fried, 2000). Com relação a esta dimensão, podemos destacar um discurso comum entre moradores mais antigos de uma praia turística do litoral do Rio Grande do Norte, referindo-se ao fato de estarem presentes naquela comunidade desde que apenas existiam coqueirais e casas de taipa e de terem passado pelas mesmas dificuldades (como o acesso à água, que era buscada na cacimba, distante do povoado), e alegrias (como a chegada da luz elétrica). Mesmo para os que ainda não eram nascidos, mas descendem dos que presenciaram aquele momento, este pode ser um elemento de coesão social, porque faz parte da história do seu povo, e, portanto, da sua história.

Por outro lado, sendo esta uma dimensão temporal (e não simplesmente histórica), hão de ser contempladas outras temporalidades, de modo que as conseqüências históricas

desse passado ambiental podem ser elementos importantes na estruturação da identidade social. Tal aspecto teria reflexo, por exemplo, na preocupação e/ou hábito de economizar água, e nos anseios e expectativas quanto ao futuro, principalmente relacionadas ao uso desenfreado dos recursos naturais.

d) Dimensão condutual:

É caracterizada pelas manifestações condutuais características de pessoas que moram numa determinada região, e que são reflexo das relações sociais. Costuma-se, por exemplo, associar a moradores de favelas comportamentos agressivos e ilegais; e a moradores de cidades interioranas o hábito de colocar cadeiras nas calçadas ao entardecer, mesmo que estes não sejam comportamentos exclusivos deles. Entretanto, há uma grande diferença entre as condutas de fato, e o que é percebido ou tido como característico de um grupo. Por exemplo, estrangeiros e turistas são normalmente acusados de serem responsáveis por condutas anti-ambientais (poluir o mar, as ruas, desmatar grandes áreas, especular o mercado imobiliário, etc.), e condutas anti-sociais (praticar o turismo sexual, explorar economicamente os moradores nativos, etc.), contudo, esta percepção está embebida de sentimentos (frustração, insegurança, medo e expectativas) que podem estar distorcendo a realidade.

e) Dimensão social:

Diz respeito à composição e às relações sociais da comunidade, lembrando que:

> "As identidades sociais são maleáveis e, enquanto representação, são construções redutoras e simplificadoras, pois o traço que funciona como critério para a construção de identidade, o elemento que distingue e agrupa – a marca – é sempre escolhido, relacionado entre outros traços e referenciais possíveis. A partir dessa marca, organiza-se simbolicamente o mundo social: são estabelecidas as fronteiras do grupo direcionando a relação 'eu/ nós/ outros' e tornando o grupo socialmente visível".Pena (1998, citado por Honorato, 1999, p. 36)

Um exemplo pode ser uma comunidade descendente de escravos negros, como o antigo quilombo de Sibaúma, cujo elo mais saliente do grupo não é a cor da pele, ou as características físicas comuns à população, e sim sua identidade social. Outro exemplo é o bairro da Liberdade, São Paulo, composto, em sua maioria, por imigrantes orientais, cujos elementos tradicionais (em termos de produtos, serviços, linguagem, vestimenta e outros)

espalham-se por todo o cenário urbano como forma de afirmação da sua identidade étnica e cultural.

Além disso, ainda há a hierarquia simbólica do espaço socialmente construído, como o que vem ocorrendo na maioria das grandes capitais brasileiras: a segregação social e espacial cada vez maior de grupos específicos, como negros, nordestinos e asiáticos.

f) Dimensão ideológica:

O ambiente construído também pode ser uma manifestação cultural da ideologia imperante em um determinado contexto. Há alguns anos, a construção de grandes condomínios residenciais, quase que mini-cidades, com nomes estrangeiros como *Alphaville, Green Village* e *Green Wood*, vem se espalhando pelo Brasil, sem distinção de região. Na maioria das vezes, eles reproduzem uma realidade alheia à nossa, inclusive na implantação (lotes não cercados) e nas tipologias residenciais. Além disso, sempre há um grande muro em volta separando-a da realidade exterior e um forte esquema de segurança, inclusive para visitantes. Com tudo isso, moradores desses condomínios respondem e consolidam uma ideologia social, que os mantém superiores e alheios ao que acontece no entorno.

Valera (1997) salienta que essas dimensões não são excludentes, pelo contrário, coexistem simultaneamente e até podem contribuir para evidenciar e/ou camuflar umas as outras. De modo geral, a perspectiva apresentada pelo autor enriquece o conceito de lugar, pois acrescenta ao conhecimento anterior o entendimento de que as pessoas dão significados ao espaço que moram, que vai além da inevitável familiaridade, para se perceberem como um grupo social coeso. Esses significados, função das seis dimensões descritas, refletem a saliência de determinados aspectos do ambiente, e que o tornam assim um lugar. Entretanto, este não é um simples "lugar", mas um instrumento de coesão social.

VI. Apego ao Lugar (AL):

Ligação afetiva ou emocional a ambientes, coisas ou rituais (Altman & Low, 1992). Fried (2000) defende que este conceito pode ser entendido como resultado de experiências de relacionamentos mais íntimos com locais e pessoas, levando, por conseqüência, à vinculação ao lugar.

Altman e Low (1992) adotam uma perspectiva transacional, definindo que o apego ao lugar possui muitas qualidades, características e propriedades integradas e inseparáveis.

Por outro lado, Giuliani, Feldman e Barabotti (2003) estabelecem três processos através dos quais pode resultar o sentimento afetivo com o lugar:

i. O apego deriva de uma avaliação, construída sob base mais cognitiva do que afetiva, positiva da qualidade do lugar pelas necessidades pessoais. Sendo assim, quando essas necessidades são atendidas satisfatoriamente, não há necessidade de mudança e o tempo é mais uma conseqüência do que uma causa do apego. Neste caso o tipo de relação construída pode ser predominantemente por dependência, já que está ligada a aspectos funcionais do ambiente: disponibilidade de serviços e de recursos, novas oportunidades, etc.

ii. O apego pode derivar do significado que o lugar tem para a identidade pessoal (Twigger-Ross & Uzzell, 1996). Enquanto os outros dois processos trabalham com ambientes da vida cotidiana, este trabalha com apego com lugares que têm valor simbólico, que representam algo para a construção social da identidade. Além disto, podem ocorrer várias ligações com lugares em tempos distintos da vida de alguém, como por exemplo, a universidade, a casa dos pais, etc., mesmo se passado pouco tempo lá.

iii. O apego é derivado do tempo de residência e familiaridade, nesse caso, sua base é mais emocional do que funcional, representado pelo sentimento de segurança e bem-estar que o lugar transmite.

Também nessa situação, Giuliani et al. (2003) frisam que tais processos não são excludentes, pelo contrário, podem complementar-se ao longo do tempo.

É interessante comentar uma peculiaridade do conceito de AL, evidenciada pela existência de um forte vínculo emocional: o apego disfuncional (Fried, 2000; Guiliani et al, 2003), descrito como a dificuldade em se deixar um local, mesmo quando é preciso, como no caso de contaminações ambientais, desastres naturais, etc. Isto quer dizer que o apego deve ser desenvolvido em um nível que não torne impossível ou dificulte o processo de adaptação natural dos seres humanos.

Além disto, para Twigger-Ross e Uzzell (1996), a mudança do lugar de moradia, pode significar mais do que uma mudança geográfica, mas um rompimento do indivíduo com velhos valores, sentimentos e estilo de vida, que o lugar deixado para trás representa. Considerando este processo, o elo afetivo construído com o "novo" tende a ser muito intenso, pois uma série de expectativas e emoções são projetadas no ambiente, embora não haja garantias de que elas venham a ser satisfeitas.

"Buscar um novo lugar" pode ser utilizado como uma metáfora de "construir um novo eu", ou "reavaliar o velho eu" (Twigger-Ross & Uzzell, 1996), por isso, quando as expectativas não são atendidas naturalmente, tanto a busca pode continuar por outros lugares, como também se pode construir mecanismos de intervenção para satisfação dessas necessidades individuais, através da modificação do meio físico, influenciando todas as dimensões do ambiente, ou, mais raramente, adaptar-se ao novo meio. Acontece que, como essa busca é ocasionada por um rompimento da identidade pessoal (desejado ou não) a percepção do novo lugar pode corresponder a uma idealização genérica (como gostaria que fosse), e não necessariamente o real.

VII. Apropriação do Espaço (AE):

Este conceito, assim como os demais, tem sido abordado por diferentes perspectivas: Korosec (1976, citado por Moranta, 1998) o define como um processo temporal e dinâmico de interação do indivíduo com o seu meio externo; Brower (1980) afirma tratar-se de um modelo mais desenvolvido de análise da conduta territorial humana relacionada com a ocupação, defesa e apego ao lugar. E Pol (1996) propõe um modelo explicativo de dois componentes: comportamental ou de ação-transformação e simbólico ou de identificação.

VIII. Sentimento de Lugar (SL):

Descrito como "um processo experiencial criado pelo cenário, combinado com o que uma pessoa traz para ele." (Steele, 1981, citado por Manzo, 2001, p.48), este é um conceito utilizado por muitos autores com um sentido bastante amplo. De acordo com Pretty et al (2003), tal rótulo serve de guarda-chuva para apego ao lugar, sentimento de comunidade, dependência do lugar e identidade do lugar, que eles consideram dimensões do SL (pois, todos esses conceitos seriam características afetivas, cognitivas e comportamentais do SL).

Para Tuan (1980), o SL reflete o sentimento de estar em um ambiente familiar, onde o indivíduo possa expressar sua identidade e exercer suas habilidades/ potencialidades, dando-lhes um mínimo de satisfação.

IX. Topofilia (TP):

Sentimento de pertença, afiliação ao um lugar, corresponde a um sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material, sendo diferenciados entre si pela intensidade, sutileza e modo de expressão (Tuan, 1980). Neste caso, parece haver necessidade de experiência cotidiana no lugar que gere tais sentimentos. Por exemplo, para Honorato (1999), laços sociais, culturais e históricos que unem moradores nativos[5] de João Pessoa e o lugar em que vivem, são responsáveis apenas por uma parcela do sentimento de afiliação. Uma outra parte importante é a memória do lugar (Jodelet, 2001) ou, o que alguns autores chamam de "passado ambiental", que é responsável pela solidificação de toda essa história, individual ou coletiva, no espaço físico, ao longo do tempo.

Entretanto, moradores não nativos não compartilham deste passado ambiental e mesmo assim, sentem-se tão filhos da cidade quanto os outros que o dividem. Nos relatos destas pessoas predominou um misto de prazer e orgulho em se morar naquela pequena capital, de modo que o lugar de onde vieram permanecesse em um nível secundário de importância. Para estas pessoas, a identidade do lugar fala mais alto, já que as diferenças lhes saltam aos cinco sentidos, fazendo com que, muitas vezes, conheçam mais dos detalhes de um lugar, ou fração dele, do que um morador nativo, que já se acostumou.

Honorato (1999) defende que o fato de ter nascido em um determinado local não é um aspecto relevante do ponto de vista do estudo da relação afetiva com o mesmo, afinal, estar num lugar porque gosta (ou escolheu, como no caso de moradores que adotaram a cidade de João Pessoa para viver) não é o mesmo que estar porque precisa (ou "não teve escolha", como por exemplo, pessoas com forte relação de dependência, seja ambiental, social, econômica, etc.). Por outro lado, o passado ambiental que os nativos compartilham, além de constituir um elemento de distinção social, é também uma forte condição para o

estabelecimento do vínculo afetivo, dado o peso histórico, econômico, político, social, cultural, etc. do ambiente, não apenas no passado, mas no presente e futuro daquela comunidade (Jodelet, 2001; Valera, 1997).

Apesar de amplamente estudados e da diversidade de conceitos apresentada nesse capítulo, não há consenso na literatura quanto à amplitude e permeabilidade entre eles, de modo que cada pesquisador constrói uma estrutura coerente que guie sua investigação. São exemplos: Brickner e Kerstetter (2000, citados por Bow & Buys, 2003) SL, DL e IL são formas de AL; Hay (1998) discorda e argumenta que SL, embora tendo um conceito similar a AL, é mais amplo que o segundo; Bow e Buys (2003) adotaram a posição de multidimensionalidade, ou seja, todos os conceitos existem e coexistem entre si.

Além disso, muitos autores utilizam o termo "apego ao lugar" genericamente, sem necessariamente referir à existência de vínculo emocional, tornando complicada a tarefa de definição e utilização dos termos. Em parte, isso ocorre devido às lacunas existentes nas pesquisas sobre o tema, conforme já mencionado.

Por isso, e pensando em algumas questões levantadas no item "2.1. Discussão Preliminar", que trata da existência de vários graus, formas e intensidades de relação afetiva com o lugar, não utilizaremos o conceito de AL como idéia central e conciliadora das demais, como faz a maioria dos autores. Isto porque acreditamos que a presença de algum tipo de vínculo (qualquer que seja sua definição) não seja elemento obrigatório a todas às formas de relacionamento afetivo. Um exemplo disto são os lugares simbólicos, com os quais mantemos uma relação afetuosa, às vezes por toda a vida, mesmo sem manifestar desejo de estar lá - ou manifestando o desejo de não estar/voltar para lá - , ou seja, sem a existência de um vínculo (Giuliani, Ferrara & Barabotti, 2000).

Nesse sentido, Giuliani (2004) aponta que os lugares de nascimento, tidos como simbólicos, são responsáveis por um tipo de laço específico que chamou de "nostálgico", mas não caracterizado necessariamente como um vínculo de proximidade física. Ela explica que o laço simbólico não é estabelecido com o lugar propriamente dito, mas com o seu valor

---

[5] Pessoa que nasceu e viveu toda a vida no mesmo local.

simbólico. Além disso, o apego pode ser mediado ou estimulado por razões como objetos que lembrem o local (nesse caso a necessidade de contato é mais mental do que física), excitação com lugares diferentes dos ambientes residenciais (nos casos de veranistas), cumprimento de rituais religiosos ou místicos em lugares sagrados, ou seja, sendo situações que não dizem respeito diretamente a um ambiente específico.

Mesmo sendo um dos conceitos mais amplos, o AL necessariamente requer a existência de um vínculo com o lugar, traduzido aqui, como uma dificuldade emocional de deixá-lo. Por isso, ele não pode ser visto, neste trabalho, como um conceito centralizador, já que as outras formas de relação afetiva positiva, mas não vinculadas, ou não apegadas, ao lugar também nos interessam.

Partindo desse pressuposto, da diversidade de perspectivas adotadas na literatura específica, assumimos aqui o caráter exploratório da pesquisa, inclusive incorporado aos objetivos desse trabalho: como esses conceitos vão se comportar quando aplicados numa determinada localidade?

3. Pipa: um lugar no/do mundo

Tendo identificado e conceituado as principais terminologias utilizadas pela literatura especifica, é hora de descrever o universo de estudo escolhido. O lugar é a praia de Pipa-RN, situada a cerca de 80km de distância da capital do estado, Natal. Os motivos da escolha foram: 1) pessoais (descritos no item introdutório "É possível viajar sem sair de casa?"); 2) especificidade do local, sendo uma área residencial e recreativa ao mesmo tempo, ambos ambientes de estudo sugeridos e abordados pela literatura em Psicologia Ambiental e 3) grande aumento da população local e de número de residências, nos últimos anos. Para contar um pouco da história de Pipa, recorremos a fontes documentais, bibliográficas e de *internet*, mas, principalmente, ao discurso dos moradores.

Pipa é uma praia situada no litoral sul do Rio Grande do Norte (Figura 05), cujo acesso ocorre através da BR101 até o município de Goianinha (continuando por estradas municipais), ou pela beira-mar, um percurso bem mais rápido e prazeroso, atravessando de balsa a Lagoa Guaraíras, em Tibau do Sul, (Figuras 06 e 07).

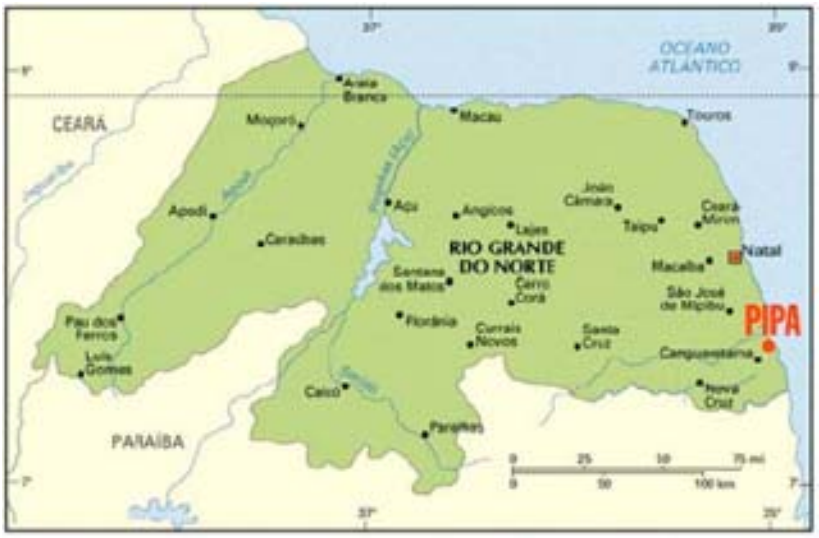

Figura 05: Localização de Pipa no Rio Grande do Norte.
Fonte: www.guianet..com.br/rn/maparn.htm, modificado pela autora.

Figura 06: Localização e acessos de Pipa com relação à Natal.
Fonte: www.natal.com.br/mapa.htm

Figura 07: Lagoa Guaraíras em Tibau do Sul.
Fonte: E-16 (jan/2005).

Uma das principais características do local é sua costa bastante recortada, delimitada por enormes falésias coloridas, formando enseadas, ou praias, umas diferentes das outras. Sendo assim, no sentido Norte-Sul estão as praias: Cacimbinhas, Ponta do Madeiro, Enseada dos Golfinhos, Praia dos Botes (Pedra do Santo), Lajinha, Praia Principal, Ponta da Cancela, Praia do Amor, Praia das Minas (Figuras 08 e 09).

Figura 08: Costa recortada.
Fonte: E-16 (jan/2005)

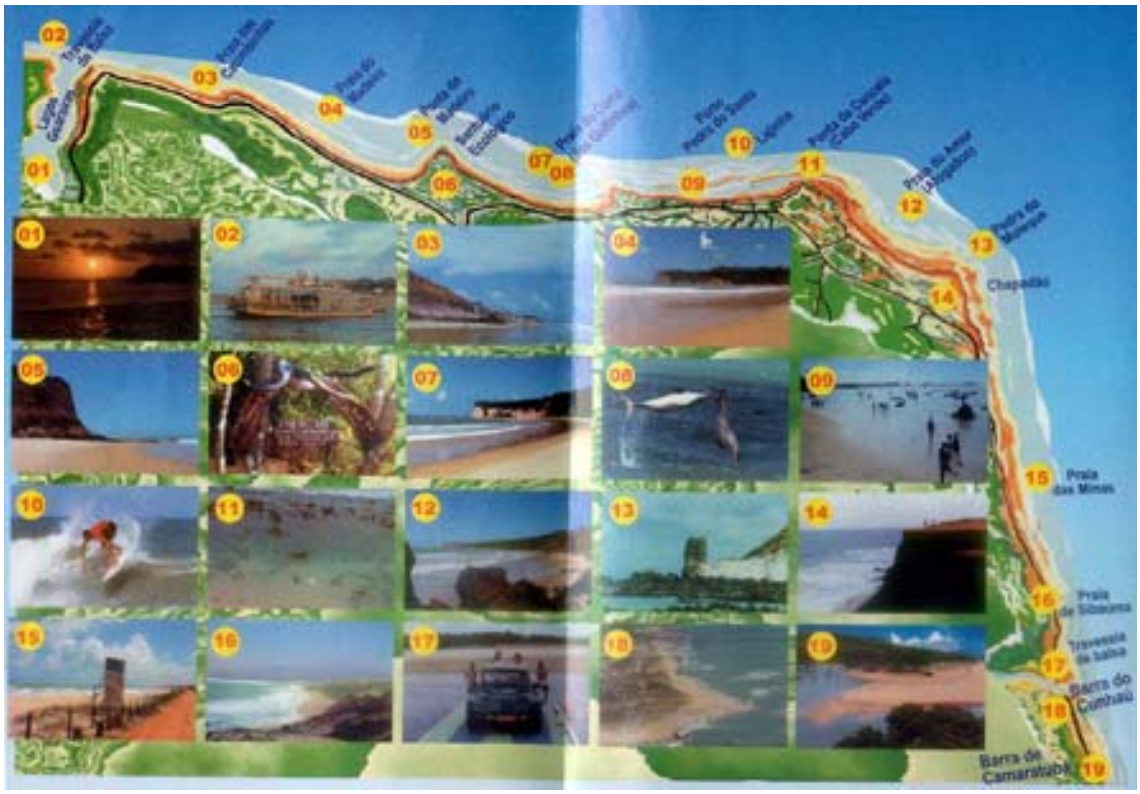

Figura 09: Praias de Pipa.
Fonte: Folder de divulgação (fev/2004)

3.1. Um passeio pelo Passado

"Ponta de Cabo Verde" foi o seu primeiro nome, devido à vista da mata atlântica que os navegadores viam ao longe; depois passou a se chamar Pipa, pela existência de uma pedra,

cuja forma, lembra uma pipa (Figura 10), objeto geralmente de cerâmica, onde se costumava guardar água.

Figura 10: Pedra que deu o nome de Pipa.
Fonte: Sâmia Feijó (mar/2004)

De acordo com a história oral e a pouca literatura específica existente (Araújo, 2002; Cascudo, 1968; Lima, 1990), até 1963, Pipa e Tibau do Sul faziam parte do município de Goianinha, sendo praias de veraneio para muitos goianienses. Nessa época, a comunidade local vivia da agricultura de subsistência, pesca, extração de madeira (em pequena escala) e fabricação de farinha de mandioca (havia cinco casas de farinha, para processar a mandioca), atividades que absorviam a mão-de-obra masculina. A pescaria era feita principalmente nas piscinas naturais da Praia Principal e dos Botes, através de vara, arpão ou tarrafa, e no curral do canto, através de uma espécie de labirinto de madeira (Figura 11), por onde os peixes entram e não conseguem sair, permanecendo ali até a sua captura.

Figura 11: Labirinto de madeira para pegar peixes, conhecido como "curral".
Fonte: Sâmia Feijó (mar/2004)

O primeiro barco de pesca pertenceu a Antônio José Marinho, conhecido como Mestre Antônio ou Antônio Pequeno, que na época, tinha as melhores condições financeiras; os outros pescadores passaram a trabalhar com ele. Com o passar do tempo, cada um pôde comprar ou construir seu próprio barco. Quando não estavam em alto mar, os barcos ficavam ancorados na praia, onde foi instalada a estátua de São Sebastião e que ficou conhecida como "Praia dos Botes".

O mercado existente era o escambo, ou seja, as pessoas trocavam aquilo que lhes sobrava (peixe, mandioca, carvão, etc.) e, um ou dois pontos de venda, comercializavam apenas o essencial: querosene para as lamparinas, carvão para os fogões e a cachaça. Quando se precisava de algo além disso, os moradores precisavam recorrer à feira de Goianinha, percurso feito a pé e que custava uma noite inteira. No dia seguinte, procuravam alguém que, aproveitando a carona, levasse de volta a bagagem das compras no lombo do cavalo; quando não conseguiam, voltavam carregando as compras nas mãos ou na cabeça. Alguns moradores recordam que quando iam fazer a feira em Goianinha, passavam o dia seguinte inteiro deitados, descansando da viagem.

No princípio as casas eram feitas de palha de coqueiro, evoluindo, então, para a taipa. Segundo os moradores, até 1960 ainda existiam muitas casas de palha na região. Um veranista relatou que quando foi recenseador naquele ano, observou várias moradias de palha, sobretudo em Sibaúma, distrito vizinho, remanescente de quilombo. De acordo com ele, as condições de sobrevivência nestes locais eram tão precárias, que muitos moradores sequer sabiam que a Segunda Guerra havia terminado, temendo a presença do recenseador nas proximidades.

Muitas casas foram construídas à beira-mar, na Praia dos Botes e Principal, numa faixa de terra restrita entre o mar e as falésias, onde, inclusive, foi construída a primeira igreja do vilarejo e erguida a estátua do Santo Padroeiro, São Sebastião, junto aos barcos. Entretanto, o mar avançou mais do que o previsto e derrubou todas as construções ali erguidas. Com medo e poucos recursos para investir, estes moradores mudaram-se, então, para cima da falésia, restando em baixo apenas poucos moradores mais resistentes e pequenos bares de suas propriedades. A igreja foi novamente construída em baixo, no local onde hoje se encontra, e a estátua do Santo permaneceu intacta.

Essa migração dos moradores liberou a praia para a posterior ocupação de veranistas, ficando a parte de cima ocupada pelos pescadores e agricultores. Ou seja, inicialmente não houve uma "expulsão" dos moradores pelos veranistas, já que os primeiros já haviam desocupado a área antes dos segundos chegarem, provavelmente por volta de 1940, com o mascate coronel Paulo Teodoro Barbalho que, tendo gostado do lugar, construiu uma residência à beira mar, perto do Santo. Esta foi derrubada pelo mar, junto com as outras ali próximas.

Para se chegar à Pipa os veranistas desta época encontraram muitos obstáculos pelo caminho: não havia estrada, apenas um caminho aberto na mata, por onde os animais (cavalos e bois) passavam, levando os passageiros. O percurso era feito a cavalo até o distrito de Piau, onde pegavam as charretes, que, por sua vez só iam até a ladeira do Sanharão, hoje conhecida como ladeira do Galhardo (Figura 12), pela impossibilidade de transposição desse obstáculo, pelas charretes. Os viajantes podiam deixá-las nos engenhos próximos, juntamente com os cavalos, e continuavam o percurso de burro. No final do veraneio, os proprietários pegavam seus animais e pertences, fazendo o caminho de volta.

Figura 12: Ladeira do Sanharão/Galhardo.
Fonte: Sâmia Feijó (mar/2004)

Chegando no destino, as dificuldades também eram muitas: não havia energia, nem água encanada, e o comércio local era praticamente inexistente, por isso, para ajudar nos afazeres domésticos, era comum empregar, temporariamente, moradoras nativas em casa.

Se o coronel Paulo Teodoro Barbalho marcou a primeira descoberta de Pipa, a década de 70, foi marcada por uma segunda descoberta: a dos surfistas. Estes chegavam no local

munidos apenas das pranchas e de uma mochila nas costas, e instalavam suas redes nos armadores das varandas das casas desocupadas. Devido à inexistência de restaurantes ou estabelecimentos do gênero, os surfistas costumavam se alimentar de pão com suco de mangaba, como lembrou o dono da padaria, ou traziam os mantimentos, e pagavam para que donas de casa preparassem as refeições, de modo que algumas delas se tornaram conhecidas, como dona Eunice e dona Maurina. A primeira logo passou a abrigar os surfistas em casa, cobrando-lhes uma pequena taxa.

Nesta época, muitos moradores dizem ter ficado assustados, receosos, pois os surfistas eram tatuados e se comentava que costumavam usar drogas. Entretanto, muitos deles ficaram conhecidos e queridos pela comunidade local, como aconteceu com "Farmácia" e "Abacate".

Aos poucos, o número de veranistas aumentou, ocupando toda a área próxima à igreja e também as condições de moradia de Pipa melhoraram bastante: surgiram a água é encanada, uma padaria e locais de vendas diversificados. Apenas por volta de 1982 chegou a energia elétrica, permitindo o uso de eletrodomésticos como a televisão e a geladeira. Não era mais preciso salgar o peixe, era possível armazená-lo na geladeira por algum tempo, e, na pracinha, foi instalada uma televisão comunitária, que era ligada apenas ao anoitecer, para a população acompanhar as novelas e os telejornais.

Na década de 90, já contando com alguma infra-estrutura, Pipa foi descoberta uma terceira vez, agora, pelos turistas.

3.2. Um passeio pelo Presente

Após essa terceira descoberta, Pipa iniciou um processo de desenvolvimento rápido e desordenado, afetando os moradores, nativos e veranistas. Uma das primeiras conseqüências dessa transformação foi a mobilização da população local, e de pessoas vindas de outras regiões do país e do mundo, em torno deste filão econômico, o turismo. Logo começaram a surgir pousadas, hotéis, restaurantes e bares, nenhum deles pertencentes aos moradores locais, que não tinham recursos para investir; os que possuíam um pouco a mais, ergueram barracas à beira mar, para prestar seus serviços.

Por muito tempo, Pipa possuiu apenas uma rua, hoje oficialmente batizada de "baía dos golfinhos", mas popularmente conhecida como "Principal", que, acompanhando o desenho das falésias, atravessa todo o distrito, sendo cortada por alguns becos e vielas tortuosos. Por dar acesso ao distrito, as construções foram sendo erguidas ao longo da via, resultando na configuração espacial longilínea ao lugar (Figura 13).

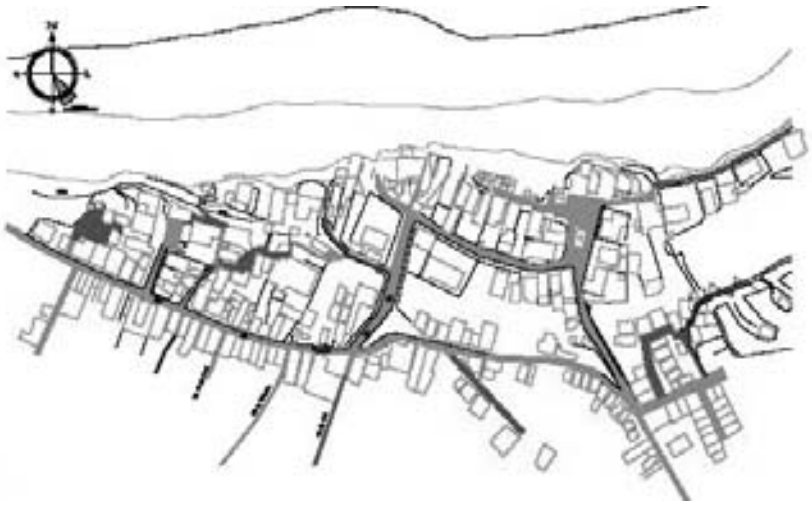

Figura 13: Configuração espacial longilínea de Pipa.
Fonte: Araújo (2002)

Com a urbanização e o advento turístico em Pipa, a rua Principal foi perdendo seus moradores mais antigos, que venderam suas casas para empresários, mudando-se para áreas mais afastadas do eixo central, consolidando os becos e vielas. Durante o processo de (re)construção urbana do lugar, a própria forma geográfica, com muitas dunas e encostas rochosas, tem se mostrado um obstáculo à ocupação.

Desta forma, aquela rua foi sendo ocupada por estabelecimentos comerciais e de serviços, de modo que, atualmente, apenas uma casa resiste a essa situação e outras duas possuem uso misto, (funcionam como residência e comércio simultaneamente). Mesmo assim, a rua Principal continua num processo de transformação constante, sempre com estabelecimentos novos ou sendo reformados.

Também nessa época, atordoados com a rapidez com que Pipa despontou no cenário turístico, os veranistas começaram a vender suas propriedades, temendo não ter chances iguais futuramente, ou, pelo simples fato de se sentirem invadidos, descontentes com os últimos acontecimentos. Os veranistas que venderam suas casas mais recentemente,

conseguiram uma quantia em torno de R$200.000,00, e até o dobro disto, por uma residência maior, fato que causou arrependimento em quem não agüentou esperar. Coincidência, ou não, todas as propriedades à beira-mar, foram vendidas a estrangeiros.

Em uma delas está sendo construído um edifício de *flats*, de quatro pavimentos (Figura 14), causando indignação na população local, que protesta com base nos impactos ambientais que uma obra desse porte pode causar na área. Além disso, a menos de 100m, a mesma construtora iniciou outra construção semelhante. Mesmo com a obra embargada, os anúncios de venda permaneciam estampados no local e em jornais de grande circulação no estado, como uma "indicação" que os empresários esperam que tudo se resolva em pouco tempo.

Figura 14: Construção de *flats* à beira-mar.
Fonte: Sâmia Feijó (mar/2004)

Situação semelhante aconteceu numa área em cima da falésia, conhecida com "chapadão" (Figura 15), que foi cercada para a construção de um hotel, restringindo o acesso dos moradores e visitantes, e gerando insatisfação geral.

Figura 15: Chapadão.
Fonte: Sâmia Feijó (mar/2004)

A especulação imobiliária é assustadoramente crescente em Pipa, onde as leis que regem esse mercado são internacionais, ou seja, a conversão cambial e o alto poder aquisitivo dos estrangeiros, permitem que eles ditem as normas de compra e venda. De fato, o ramo imobiliário tem atraído muitos estrangeiros à Pipa, uns visando o mercado interno (como no caso dos *flats* citado acima), outros, de olho nos consumidores de seus países de origem, onde o lucro é proporcionalmente maior. Aqui eles encontram, além dos melhores terrenos, materiais de construção e mão-de-obra a preços baixíssimos, de modo que é bem mais lucrativo vender o empreendimento pronto, agregando valor ao espaço físico do lote.

Essa movimentação em torno do turismo também tem atraído muitas pessoas para Pipa, em busca de trabalho, ou de oportunidade de investimento lucrativo: são pessoas de várias partes do Brasil e do mundo, que passam a engrossar as estatísticas da população local. Dentro desse contexto se encontram, inclusive, estrangeiros com segunda residência em Pipa, passando metade do ano em seus países de origem, e a outra metade no paraíso natural que escolheram. Normalmente, os meses escolhidos para moradia no lugar variam de novembro a abril, quando é verão no hemisfério Sul e inverno no Norte.

Essa concentração de "pedaços" de mundos diferentes é evidente nas ruas de Pipa, através de símbolos, letreiros, artefatos, etc. (Figuras 16 e 17), alheios à cultura e história locais.

Figura 16: Diversidade de culturas convivendo em Pipa.
Fonte: Sâmia Feijó (ago/2004)

Figura 17: Diversidade de culturas convivendo em Pipa.
Fonte: Sâmia Feijó (ago/2004)

Em meio a esse turbilhão de transformações, a população jovem encontrou novas oportunidades de trabalho, passando a se empregar em hotéis, pousadas, restaurantes. No início, lhes cabiam apenas vagas como garçom e camareiras, mas hoje, há jovens estudando, buscando uma qualificação profissional e já ocupando cargos de confiança, de maior responsabilidade técnica, ou ainda, iniciando seus próprios negócios com o conhecimento adquirido.

Assim, com o desenvolvimento do turismo e envelhecimento da geração de pescadores, a pesca deixou de ser praticada, ou é praticada em pequena escala, de modo que os peixes se destinam ao consumo próprio, ou são estocados, pouco a pouco. A maior parte dos peixes vendidos em Pipa, e que abastecem os hotéis, bares e similares, são comprados em

Natal; os barcos estão sendo abandonados, vendidos ou inutilizados por falta de manutenção, restando poucos em atividade, atualmente.

Da mesma maneira, o espaço para a agricultura foi reduzido, pois, além do turismo ter incrementado a renda das famílias pipenses, pode-se comprar mantimentos, vestuário e até medicamentos, em Pipa, e há grande disponibilidade de veículos com destino à Natal ou Goianinha. Consequentemente, as casas de farinha perderam sua utilidade, dando lugar a outras construções.

A tipologia das residências também mudou: hoje é comum observar grandes e belas moradias (Figura 18) e a presença de condomínios e *resorts* (Figura 19).

O grande fluxo de pessoas refletiu-se na implementação dos transportes intermunicipais, em princípio, apenas por um ônibus, que realizava uma viagem ao dia; hoje além de vários ônibus, e várias viagens ao dia, ainda há vans que fazem o trajeto até Goianinha e/ou até Natal, a cada meia hora. Apesar disso, a infra-estrutura viária do distrito não recebeu qualquer tratamento, permanecendo praticamente a mesma e causando revolta na população local.

Tal indignação não se deve apenas à estrutura física das ruas (iluminação, alargamento, etc.), mas principalmente à insegurança, causada pela falta de calçadas e acostamentos, fazendo com que pedestres e veículos dividam o mesmo espaço (Figura 20), e pela presença de esgotos lançados na rua (Figura 21). Além disso, as ruas estreitas não comportam o grande fluxo de veículos em dias de maior movimentação, ocasionando engarrafamentos (Figura 22).

Figura 18: Tipologia de moradias novas.
Fonte: Sâmia Feijó (ago/2003)

Figura 19: Presença de *resorts*.
Fonte: E-16 (jan/2005).

Figura 20: Pedestres e veículos dividem o mesmo espaço nas ruas.
Fonte: Sâmia Feijó (ago/2004)

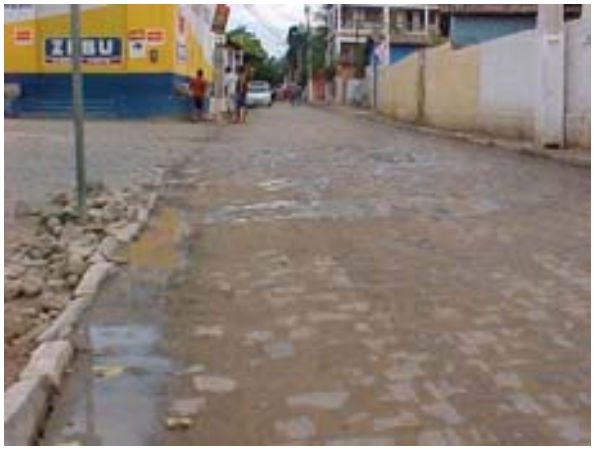

Figura 21: Esgotos lançados nas ruas.
Fonte: Sâmia Feijó (ago/2004)

Figura 22: Engarrafamento em dia de grande movimento.
Fonte: Sâmia Feijó (ago/2004)

Tentando minimizar tais problemas, em 2003 a prefeitura municipal iniciou o projeto de saneamento básico e forneceu a estrutura mínima necessária, para que outra estrada de acesso a Pipa fosse utilizada, Estrada da Mata, em períodos de grande fluxo de veículos. Entretanto, tal acesso ainda é precário, faltam calçamento, sinalização, iluminação, dentre outros, e, por isso, é pouco utilizada.

De uma forma geral, o que se vê em Pipa é uma completa falta de políticas públicas, que primem pelo bem-estar da população e desenvolvimento ordenado das atividades turísticas e do cenário urbano (Araújo, 2002). Essa falta de legislação e de fiscalização no cumprimento das leis vigentes, permite a construção de edificações em áreas públicas ou de preservação ambiental (Figuras 23 e 24), acarretando conseqüências como diminuição das áreas verdes nativas e ameaça ao ecossistema local.

Figura 23: Construções irregulares em cima da falésia.
Fonte: E-16 (jan/2005)

Figura 24: Construções irregulares em cima da falésia.
Fonte: E-16 (jan/2005)

Mesmo com tantos problemas urbanos e ambientais, é interessante perceber que Pipa continua a atrair turistas e moradores em busca de melhores oportunidades de trabalho e condições de vida.

4. Definindo abordagens e instrumentos

4.1. Multimétodos

Em Psicologia Ambiental, é bastante recomendável o uso de multimétodos, de forma que o cruzamento e articulação dos resultados obtidos, possam proporcionar maior confiabilidade e segurança à análise final (Sommer & Sommer, 1997). Entre os métodos e técnicas mais utilizados estão a observação, as entrevistas e a documentação gráfica e fotográfica, cujas principais vantagens e desvantagens serão sumariamente definidas com base em Elali (1995):

a) Observação naturalística:

- Descrição: Envolve a descrição e documentação do comportamento dos indivíduos durante a realização de suas atividades.
- Vantagens: Auxilia na compreensão da dinâmica das relações pessoa-ambiente e na elaboração de questionários e entrevistas.
- Desvantagens: Dependendo da situação, a presença do pesquisador pode interferir na ocorrência do comportamento.

b) Entrevistas:

- Descrição: Conversas entre pesquisador e pesquisado, geralmente envolvendo pessoas-chave. Podem ser abertas ou fechadas, e ainda, estruturadas, semi-estruturadas ou não estruturadas.
- Vantagens: Auxilia na elaboração de outros instrumentos de pesquisa (como no aprofundamento das análises dos dados.
- Desvantagens: Demanda prazos longos de aplicação, transcrição e análise. É preciso também disposição e cordialidade entre entrevistador e entrevistado.

c) Documentação gráfica e fotográfica:

- Descrição: Útil nas avaliações de desempenho físico e comportamento do usuário, é um documento da situação em estudo e permite posterior reanálise das informações.
- Vantagens: Baixos custos, rapidez no registro, pode complementar outros dados coletados pelo pesquisador.

- Desvantagens: É estática no tempo. Pode ser função da "capacidade artística" do fotógrafo e, ainda, destacar ou omitir aspectos importantes. Fornece apenas informações visuais.

Em função da diversidade de fatores envolvidos nessa pesquisa, estes foram os métodos e técnicas utilizados na pesquisa de campo, conforme segue:

4.1.1. Observação naturalística

Visando compreender o comportamento das pessoas na praia de Pipa, foram feitas observações comportamentais. Tal técnica é muito importante, pois, na maioria das vezes os próprios sujeitos não são capazes de compreender, ou de expressar claramente a sua relação com lugar. Isto corrobora o fato de que nem sempre experienciamos o ambiente de forma consciente e que aspectos emocionais desse envolvimento podem ser processados de forma mais rápida do que os cognitivos.

A observação naturalística foi utilizada nos locais mais citados nas entrevistas exploratórias e percebidos como de maior concentração de pessoas/pontos turísticos: a rua principal, baía dos golfinhos, praia do amor e praia principal. O principal objetivo da aplicação desta técnica foi entender relacionamentos pessoa-ambiente nos locais mais freqüentados de Pipa, considerando os principais atores sociais neles presentes, como moradores, empresários, comerciantes e turistas. Como mencionado anteriormente, as informações geradas pela observação naturalística ganham força e validade quando confrontadas com aquelas geradas por outras fontes.

Foram feitas anotações a respeito do horário de observação, dia da semana, quantidade de pessoas, atividades desenvolvidas, e outros pontos que mereceram destaque, como por exemplo, comportamentos relativos à preservação do meio ambiente e à delimitação territorial.

4.1.2. Entrevistas

a) Exploratórias:

As entrevistas exploratórias constituem uma etapa intermediária do trabalho essencial para o início da coleta de dados, não visando, portanto, responder de imediato às questões lançadas introdutoriamente. Isto quer dizer que os "resultados" obtidos são pontos de partida para a elaboração de um novo instrumento de pesquisa mais objetivo e eficaz. Sendo assim, para introduzir e justificar o item seguinte, "definindo o instrumento de pesquisa", é imprescindível discorrer brevemente sobre a realização das entrevistas exploratórias e seus resultados, que constituem parte da metodologia adotada.

Durante a fase de formulação do problema de estudo, principalmente quando se aborda temas complexos como a relação afetiva com lugares, é fundamental a realização de entrevistas exploratórias, capazes de nos guiar nos primeiros passos da pesquisa. Assim foram realizadas 10 entrevistas abertas e semi-estruturadas, contendo em média 15 perguntas (Apêndice 01), com moradores locais, sem distinção para nativos e não nativos. As perguntas visavam investigar sua percepção sobre a mudança sofrida por Pipa nestes últimos dez anos, por isso, foram separadas pelo período de tempo de modo que abordasse lugares experienciados no passado e no presente, e suas expectativas com relação ao futuro.

Desde o início, uma das maiores dificuldades foi a de definir nossos sujeitos, entretanto, o contato com os moradores e com a literatura específica (Giuliani et al., 2003; Low & Altman, 1992; Manzo, 2003 e Moore & Kellett,1998) nos levou a optar por fazer uma abordagem aleatória, o que nos proporcionou uma variedade de sujeitos, caracterizados abaixo (Tabela 01):

E	Faixa Etária	Sexo	Natural.	Atividade	Tipo Mor.
1	Idoso	M	Pipa	Aposentado	Permanente
2	Idoso	M	Goianinha	Aposentado	Veranista
3	Jovem	F	Pipa	Vendedora	Permanente
4	Adulta	F	Mossoró	Empresária	Permanente
5	Adulto	M	João Pessoa	Comerciante	Permanente
6	Adolescente	F	Pipa	Estudante	Permanente
7	Jovem	F	Natal	Vendedora	Permanente
8	Jovem	F	Pipa	Vendedora	Permanente
9	Jovem	M	Pipa	Desempregado	Permanente
10	Adolescente	F	Pipa	Estudante	Permanente

Tabela 01: Caracterização dos entrevistados nas entrevistas exploratórias.

Apesar da diversidade de perfis mostrada acima, verificamos que sexo, idade, naturalidade, atividade profissional e o fato de ter morado em outro local não acarretam implicações relevantes para o estabelecimento da relação afetiva com o lugar, fato que ficou evidente pelas respostas semelhantes, principalmente com relação ao futuro de Pipa, ao uso de linguagem semelhante para falar no ambiente local como o uso de terminologias como "curral" e "afogados", utilizadas quase que exclusivamente por moradores, e à identificação dos locais que mais gostam. Esta descoberta foi essencial para a definição não apenas dos nossos sujeitos, como também dos principais pontos a serem abordados durante a entrevista, que seria a próxima etapa.

Assim, a entrevista exploratória cumpriu sua função de forma plena, fornecendo subsídios essenciais para o prosseguimento das próximas etapas de investigação, tanto teórica quanto *in loco*.

b) Construção do roteiro de entrevistas:

b-1) Definindo os sujeitos:

A partir da experiência com entrevistas exploratórias e de um maior contato com a literatura, desprezamos o fator naturalidade (nascidos ou não em Pipa) como determinante na questão da afetividade com o lugar. Para definir o perfil dos nossos sujeitos, recorremos às indicações de autores como Johnson (1998), Moore e Kellett (1998), Ruiz, et al. (1998), Twigger-Ross e Uzzell (1996) e Williams, Anderson, McDonald e Patterson (1995), que abordaram jovens adultos em suas pesquisas, procurando focalizar pessoas afetivamente relacionadas com o lugar, sem obedecer a um critério rígido de seleção.

Johnson (1998) e Williams et al. (1995), por terem estudado o apego a lugares recreativos, selecionaram pessoas que os visitassem com mais freqüência e que permanecessem por maiores períodos de tempo; Moore e Kellett (1998) entrevistaram jovens adultos sem-teto para desenvolver sua pesquisa sobre o sentimento de não ter um lar; Twigger-Ross e Uzzell (1996) abordaram sujeitos auto-declarados apegados, em pesquisas anteriores (Twigger, 1992, 1994 e 1995, citado por Twigger-Ross & Uzzel, 1996), entretanto, após as entrevistas, caracterizaram e classificaram os sujeitos pelas categorias sexo, idade (26 a 67 anos) e tempo de residência (de menos de um ano a mais de onze anos); e Ruiz et al. (1998) estudaram o apego ao lugar em função de três medidas (casa, bairro e cidade) e dimensões (global, física e social), selecionando os sujeitos a partir da idade, sexo e classe social. Entretanto, os mesmos ressalvam que para autores como Gerson, Stueve e Fischer (1977, citados por Ruiz, et al., 1998), a influência da classe social desaparece quando se controla a variável qualidade física, da mesma forma que, o tempo de residência se torna insignificante para o apego, quando se elimina a influência das relações sociais no lugar. No final de sua pesquisa, Ruiz et al. (1998) encontraram que outras variáveis podem ser preditoras do apego, tais como estado civil, regime da residência (própria, alugada ou emprestada), número de casas anteriores, número de pessoas morando dentro da mesma casa e, ainda, ter filhos.

Considerando que uma parcela representativa dos moradores de Pipa é definida como "moradores de segunda residência[6]" (Tulik, 2000), julgamos pertinente acrescentar aos critérios utilizados no estudo com ambientes residenciais, os adotados por Johnson (1998) e Williams et al. (1995), pois, além de Pipa se constituir num ambiente residencial, ela possui um aspecto turístico/ recreativo muito marcante para todos os moradores. Como principais variáveis que contribuem para a criação do elo afetivo com o lugar, esse trabalho prioriza:

- Idade
- Sexo
- Estado civil

[6] Pessoas que têm domicílio permanente em outro lugar, mas que passam um bom período de tempo por ano em um alojamento turístico particular, utilizado em momentos de lazer. Nesta categoria se enquadram veranistas brasileiros e estrangeiros.

- Classe social
- Número de pessoas em casa
- Número de filhos
- Regime da residência
- Tempo de residência (para casa, bairro e cidade)[7]
- Número de moradias anteriores (para casa, bairro e cidade)
- Freqüência com que visita/mora no local[8]
- Tempo de permanência/moradia em cada visita

Os itens acima foram agrupados nas categorias: posição no ciclo de vida, características do indivíduo, características da residência e mobilidade e permanência.

i. Posição no ciclo de vida: engloba os critérios idade, estado civil e filhos, com ênfase para indivíduos que possam ter uma certa mobilidade, quer usufruam ou não da mesma. Segundo esse princípio da mobilidade, decidimos não incluir sujeitos cuja idade estivesse abaixo dos 21 anos, pois ainda estariam sob a tutela legal dos pais, ou seja, sem autonomia e/ou independência (financeira e emocional) suficientes para decidirem onde morar.

Em princípio, pensamos também excluir pessoas acima de 65 anos, já que a própria mobilidade física é prejudicada pela idade e a segurança da residência parece uma irresistível necessidade. Entretanto, ponderamos que a inclusão de tais sujeitos poderia proporcionar uma visão diferenciada e mais amadurecida, pois, seu elo afetivo com o lugar pode ter sido criado há muitos anos, e se mantido, apesar das inúmeras modificações sofridas pelo ambiente.

Sendo assim, a pesquisa procurou abordar pessoas com idades acima de 21 anos, pois entendemos que as mesmas têm a possibilidade de morar em qualquer outro lugar, mas preferem estar em Pipa. Não houve preferência entre casados e solteiros, pois segundo (Ruiz, et al., 1998), ambos são susceptíveis ao apego: os primeiros tendem a se apegar mais na dimensão global do lugar e os segundos na social.

---

[7] Válido apenas para moradores permanentes.
[8] Os itens 10 e 11 são exclusivos para moradores de segunda residência.

ii. Características individuais: Enquadra os itens sexo, classe social e as histórias e motivações pessoais, que levaram à escolha de Pipa como moradia.

iii. Características do ambiente: referente ao regime da ocupação da residência e ao número de pessoas que moram nela, com ênfase para os proprietários da moradia e família(s) que more(m) na mesma residência, já que estes são critérios relacionados positivamente com a relação afetiva com o lugar (Ruiz, et al., 1998). Além disto também consideramos as características naturais ou recreativas do ambiente, como portadoras de propriedades restaurativas (Bow & Buys, 2003; Johnson, 1998; Korpela, 1992) e ligados à identidade pessoal e coletiva. Como se trata de um ambiente residencial não pudemos deixar de avaliar as características do lugar que impliquem numa maior/menor participação, envolvimento e responsabilidade do indivíduo, tais como o uso de espaços públicos (calçadas, praças, etc.) próximos às residências (Taylor & Brower, 1985).

iv. Mobilidade e permanência: Abrange tempo de residência (ininterrupto), número de residências anteriores, freqüência e tempo de permanência. O primeiro pode ser, ao mesmo tempo, gerador e resultado (Giuliani, 2004), da familiaridade com o lugar e importante para o compartilhamento do passado e da história do lugar com outros moradores (Jodelet, 2001; Valera, 1997).

Entretanto, autores como Giuliani et al. (2003) discordam que o tempo de residência possa estar necessariamente relacionado positivamente com a afetividade, pois isto implicaria que pessoas influenciadas pelo estilo de vida de grandes cidades, marcado pela alta mobilidade, não possuiriam vínculo afetivo com o lugar. Eles defendem que mesmo tendo passado pouco tempo em um local, as pessoas podem desenvolver laços emocionais tão intensos quanto aquelas que têm vivido lá por um período maior de tempo. Por conseqüência, a mobilidade e a vivência (às vezes curta) em vários lugares não seriam obstáculos à criação de elo afetivo, inclusive, com mais de um deles. O principal argumento de Giuliani et al. (2003) consiste na crença de que a mobilidade é uma resposta a mudanças sofridas nas necessidades e identidade do indivíduo ao longo de sua vida, fazendo com que ele busque um novo lugar, mais adequado a essas novas exigências. Sob tal perspectiva, a mudança de moradia pode evidenciar, melhor do que esconder, o laço afetivo (Feldman, 1996), pois este novo lugar representaria uma mudança de vida, através da satisfação das novas necessidades

e da reestruturação da identidade pessoal, preenchendo a vida com significados e enriquecendo-a com valores e objetivos.

Nesse sentido, o tempo de residência é avaliado nesse estudo, não necessariamente como um preditor, ou uma variável independente, mas analisada juntamente com outros aspectos, especialmente com o número de residências anteriores, que pode indicar uma maior facilidade na adaptação a novas situações, e, conseqüentemente, um contexto propício ao estabelecimento do vínculo afetivo.

Conforme explicado anteriormente, incluímos a freqüência à praia de Pipa e o tempo de permanência nesta categoria, por se tratar de um lugar com forte conteúdo turístico e de lazer, dotado de grande número de moradores de segunda residência, como por exemplo, estrangeiros que fogem do inverno em seus países de origem (Noruega, Itália, Portugal e outros), período que compreende, normalmente, de novembro/dezembro a março/abril. Para estes a relação emocional com Pipa é evidenciada em função da escolha, já que, dentre tantas cidades de clima quente no mundo, preferiram estabelecer residência em Pipa. Os veranistas brasileiros também se incluem nesta categoria, dedicando seu tempo de lazer, tanto ao longo do ano, em feriados e finais-de-semana, quanto no período de verão (dezembro/janeiro) às atividades em Pipa.

Enfim, vale salientar que tais categorias comentadas anteriormente são consideradas neste trabalho como variáveis relacionadas ao tema, de modo que, para a escolha dos sujeitos não partimos de uma categorização rígida ou pré-selecionada. O único critério determinante foi a existência da relação afetiva do indivíduo com Pipa, fato que foi declarado e/ou auto-declarado pelos próprios entrevistados, através de uma rede de relacionamentos (Figura 04).

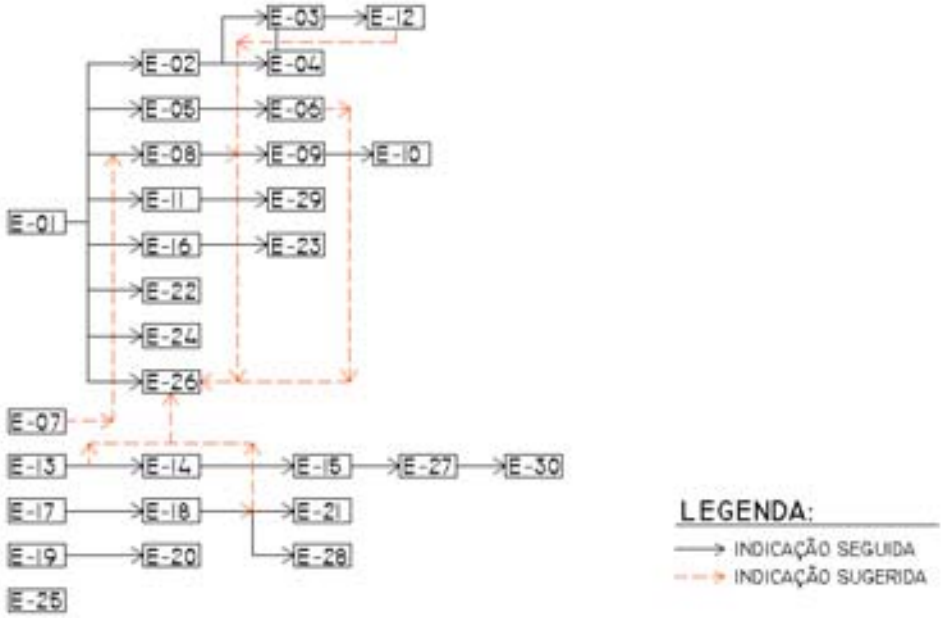

Figura 04: Esquema de indicação dos sujeitos
Fonte: Sâmia Feijó

Sendo esta uma pesquisa predominantemente de cunho qualitativo, cujo principal instrumento foi a entrevista, não nos preocupamos em abordar um número elevado de pessoas e sim em aprofundar o contato com aquelas que pudessem esclarecer dúvidas ou simplesmente falar da sua afetividade com Pipa de forma simples e descontraída, como numa conversa informal. Porém, tivemos a preocupação em atender à diversidade de moradores, tais como os permanentes, os de segunda residência e os veranistas; dos nativos aos estrangeiros.

b-2) Definindo o instrumento de pesquisa:

A partir do que foi discutido acima e dos resultados das entrevistas exploratórias reestruturamos nosso roteiro de entrevista (Apêndice 02), de modo que as perguntas fossem direcionadas à relação de afetividade com Pipa, ressaltando a persistência em se morar num distrito com tantos problemas urbanos e ambientais, em parte decorrentes da intensa atividade turística sem um planejamento equilibrado da utilização dos recursos naturais. A entrevista abordou também a dimensão social através das questões relativas aos nativos, chamados "pipenses", "pipeiros" ou ainda, "pipianos". Além disso, o roteiro contou com a execução de um desenho sobre Pipa e questões relativas à percepção ambiental.

O uso do roteiro de entrevista não tinha sequência rígida, a fim de priorizar a informalidade e a descontração do diálogo. Além de alternar a ordem das questões, quando necessário, alternamos a ordem das questões, ajustando-a aos momentos considerados mais adequados, quando necessário, foram acrescidas perguntas complementares. O instrumento de pesquisa passou por fase de pré-testagem até ser considerado válido e confiável.

Foram entrevistados 30 sujeitos com idades entre 24 e 84 anos, declarados e/ou auto-declarados afetivamente relacionados a Pipa. A abordagem e seleção dos entrevistados foram feitas segundo uma rede de indicações, em que se pedia que um sujeito indicasse outros que se encaixassem no perfil determinado, e assim por diante. Todas as entrevistas foram realizadas no local de trabalho das pessoas, ou em suas residências, tendo a duração de aproximadamente 30 minutos.

4.1.3. Documentação gráfica e fotográfica

A documentação gráfica se deu basicamente através dos desenhos produzidos pelos sujeitos (nem todos os 30 se dispuseram a fazê-lo) e alguns mapas e croquis retirados de encartes turísticos ou produzidos pela autora. Já a fotográfica foi realizada procurando focar os pontos mais belos e/ou críticos mencionados pelos entrevistados, a fim de tornar mais próxima para os leitores, a situação de Pipa.

Este tipo de documentação é um dos recursos mais prazerosos de se realizar numa pesquisa, sentimento que é potencializado em um ambiente é tão estimulante quanto Pipa, não apenas pelas suas belezas naturais, mas pela complexidade e contradições que ela abriga e, principalmente, pela rapidez com que as coisas mudam. Ao longo destes pouco mais de dois anos, pudemos registrar e acompanhar acontecimentos como a construção do mirante em cima da ladeira (ou reconstrução da pracinha) e construção de *flats* na orla marítima.

5. Pipa: um mar de emoções

Este capítulo tem o objetivo de mostrar alguns dos resultados encontrados com a aplicação do instrumento de pesquisa visando averiguar os conceitos encontrados na literatura em Psicologia Ambiental, no contexto da praia de Pipa. Seguindo o mesmo caminho do corpo teórico, partiremos das percepções que os entrevistados têm de seu ambiente residencial, até a relação afetiva com o lugar, retomando, quando necessário, os principais pontos estudados.

Para falar sobre a relação afetiva dos moradores com Pipa, começamos por discorrer brevemente sobre como estes percebem Pipa e as pessoas que nela vivem, e, a partir disto, passamos a vislumbrar as expectativas quenutrem com relação ao futuro do seu lugar. Para tanto, foram considerados os depoimentos coletados, em termos verbais, não verbais (silêncio, pausas e linguagem corporal) e gráficos (desenhos).

Como o ato de desenhar geralmente causa certo receio nos entrevistados, por supor que este será avaliado ou julgado, perguntas introdutórias sobre como é Pipa, o que mais e menos gosta nela, e similares, mostraram-se ótimas auxiliares, pois, facilitaram a atividade gráfica. Assim, a análise se apoiará nas manifestações verbais, complementando-as pelas não verbais.

Com relação ao desenvolvimento das entrevistas, sentimos que, embora esse seja um procedimento de praxe, rotineiro, para a maioria dos pesquisadores, neste trabalho as entrevistas aconteceram de uma forma muito especial, talvez por se tratar de sentimentos, expectativas, saudades.

Iniciamos a análise dos resultados pela percepção que os moradores têm de seu ambiente, a partir da qual, os dividimos em três grupos: 1) os saudosistas, que enfatizaram aspectos e características do passado de Pipa, trabalhados no item "5.2- Uma Pipa que não volta mais..."; 2) aqueles que ressaltaram as belezas naturais e estilo de vida simples do local, contemplados no item "5.3- Por baixo dos véus, adereços e enfeites: uma Pipa natural"; e 3) aqueles que enfatizaram os aspectos turísticos do lugar, comentados no item "5.4- A menina dos olhos" .

Em seguida, falaremos um pouco sobre as relações afetivas com a praia de Pipa, no item "5.5- Aprendendo com os sentimentos" e, finalmente no item "5.6- Revendo conceitos, sentimentos e idéias" retomamos os resultados a partir de uma visão geral, relacionando com o que foi discutido na literatura estudada.

Sendo assim, este capítulo é dedicado a discorrer sobre as reações dos entrevistados, percepções acerca de Pipa e manifestações de afeto nem sempre verbalizadas, ou ditas de forma clara, mas sentidas e compreendidas por ambas as partes. Também é dedicado às contradições e ambigüidades, comuns quando se fala sobre sentimentos e, mais ainda, quando os relacionamos a um lugar que tem sofrido tão grandes modificações não apenas físicas, mas principalmente sociais e culturais.

De modo geral, as entrevistas revelaram pessoas que têm saudade das coisas simples do passado, e as confrontam com o conforto, as novidades e oportunidades que o turismo e o desenvolvimento local trouxeram. Alguns demonstraram uma forte tendência a vislumbrar apenas o lado positivo das mudanças, através da perspectiva de obter algum tipo de lucro ou benefício; e outros, uma forte tendência a detectar o lado negativo, pela frustração dessa expectativa ou pela ruptura com características ambientais com as quais se identificavam.

Como seguíamos uma rede de indicações, sempre iniciamos as entrevistas com a apresentação da pesquisadora e a menção de que estivemos com alguém que o indicou por achar que gostasse muito de Pipa. Mesmo assim, a objetividade e clareza das perguntas iniciais deixaram alguns receosos, surpresos, face à pergunta "Você ama Pipa?", os entrevistados se mostraram envergonhados. Em parte, isto se deve ao caráter íntimo da questão, ou ao fato de nunca terem pensado sobre isto, e, outra parte se deve ao que chamamos de "fator surpresa".

A utilização deste fator, no início da entrevista, foi bastante discutida na fase de preparação, mas acabou mostrando-se válida, evitando que o sujeito fosse induzido pelas suas próprias respostas ou influenciado por situações diversas no momento da conversa. Com tal artifício buscávamos capturar uma idéia que já estivesse ali, na mente dos sujeitos, obtendo, assim respostas mais "puras", "verdadeiras".

Talvez por isso, obtivemos respostas tão diferentes entre si, e até diferentes das expostas pela literatura estudada, com ressalvas e explicações extras a termos utilizados nas

questões, como por exemplo, amar, ser apegado, etc. Percebemos que, embora indicados pelo mesmo critério - gostar muito de Pipa - cada um tem uma idéia própria do que é gostar, amar e ser apegado a Pipa. Esse foi um dos principais resultados encontrados nesse trabalho e que será melhor discutido a seguir, no item 5.5 - Aprendendo com os sentimentos: Amor, Apego e Afiliação.

5.1. Caracterização dos Participantes

Mas, antes de iniciarmos a discussão sobre os resultados encontrados, é imprescindível caracterizar os sujeitos, especialmente quanto à idade, sexo, naturalidade, escolaridade, atividade econômica, tempo de moradia e tipo de moradia em Pipa, pois estas variáveis são consideradas preditores do apego (Ruiz, Villodres & Vilela, 1998), e tecer alguns comentários acerca do desenvolvimento das entrevistas.

Além disso, esta rápida caracterização individual irá auxiliar no entendimento de algumas falas e situações, em função da atividade econômica com a qual os entrevistados se encontram envolvidos, posição no ciclo vital, naturalidade, etc., auxiliando também na construção do perfil de cada sujeito. Em virtude desta variedade, cada entrevista foi única e diferente da outra, de modo que obtivemos uma grande riqueza de informações (Tabela 02).

E	Idade	Sexo	Natural.	Escolaridade	Atividade	Tempo Mor*.	Tipo Mor.
1	56	M	Fortaleza	3º grau compl.	Prof. Liberal	2	Veranista
2	29	F	Fortaleza	3º grau incom.	Emresário	3	Veranista
3	40	F	Mossoró	2º grau compl.	Emresário	15	Permanente
4	40	M	Natal	3º grau incom.	Vendedor	8	Permanente
5	51	F	Natal	3º grau compl.	Emresário	25	Permanente
6	57	M	João Pessoa	3º grau compl.	Emresário	25	Permanente
7	60	M	Natal	3º grau compl.	Aposentado	32	Permanente
8	84	M	Pipa	Analfabeto	Aposentado	84	Permanente
9	82	F	Pipa	1º grau incom.	Aposentado	82	Permanente
10	57	F	Pipa	1º grau incom.	Do Lar	54	Permanente
11	47	F	Pipa	1º grau incom.	Emresário	47	Permanente
12	41	F	Pipa	1º grau incom.	Emresário	41	Permanente
13	66	M	Pipa	Analfabeto	Aposentado	66	Permanente
14	69	F	Pipa	1º grau incom.	Do Lar	69	Permanente
15	80	F	Pipa	1º grau incom.	Aposentado	70	Permanente
16	49	M	Noruega	3º grau compl.	Prof. Liberal	4	6 em 6 meses
17	24	F	Natal	2º grau compl.	Vendedor	4	Permanente
18	25	F	Natal	2º grau compl.	Vendedor	24	Permanente
19	48	M	Caicó	2º grau compl.	Emresário	10	Permanente
20	41	F	São Paulo	2º grau compl.	Vendedor	10	Permanente
21	25	F	Acari	2º grau compl.	Vendedor	7	Permanente
22	72	M	Itália	3º grau compl.	Aposentado	12	Permanente
23	41	M	Noruega	3º grau compl.	Prof. Liberal	5	6 em 6 meses
24	35	M	Suécia	3º grau compl.	Prof. Liberal	4	5 em 5 semanas
25	28	F	São Paulo	3º grau compl.	Prof. Liberal	2	Permanente
26	79	M	Pipa	Analfabeto	Aposentado	79	Permanente
27	77	M	Goianinha	2º grau compl.	Aposentado	60	Veranista
28	25	F	Pipa	2º grau incom.	Vendedor	23	Permanente
29	26	F	Pipa	2º grau incom.	Emresário	24	Permanente
30	28	M	Natal	3º grau compl.	Prof. Liberal	12	Veranista
* Em anos							

Tabela 02: Caracterização individual dos participantes.

Também ressaltamos que os entrevistados 22, 23 e 25 não residem atualmente em Pipa. O primeiro mudou-se para a sede do município, Tibau do Sul, onde está construindo uma casa à beira da lagoa, mas frequentemente (quase diariamente) visita seu antigo lugar de moradia; o segundo deixou Pipa apenas temporariamente por problemas com a guarda do filho brasileiro, que levou para morar na Noruega, mas também a visita várias vezes ao ano; e o terceiro a abandonou definitivamente, visitando-a esporadicamente, a passeio . Entretanto, devido ao pouco tempo decorrido desde a mudança (no máximo 02 anos) consideramos neste trabalho o tipo de moradia que eles tinham na época que residiam em Pipa.

Com base nisso, temos alguns dados gerais, que caracterizam os entrevistados em geral, e demonstram a nossa tentativa em abranger a variedade de moradores que existem atualmente em Pipa, procurando abordar pessoas de todas as idades, sexo, escolaridade,

naturalidade, e etc. Sendo assim, nossa pesquisa envolveu 14 homens e 16 mulheres (Figura 25), com idades entre 24 e 84 anos (Figura 26).

As atividades econômicas com as quais os sujeitos estão envolvidos foram divididas em 5 categorias, sendo 6 profissionais liberais, 8 empresários do ramo do turismo, 8 aposentados, 6 vendedores ou prestadores de serviço e 2 donas de casa (Figura 27). Também estudamos quanto ao lugar de origem dessas pessoas, de forma que a maior parte é nativa de Pipa, 11 respondentes, seguidos por aqueles nascidos em outras cidades do Rio Grande do Norte, 10. Somados representam 70% dos respondentes, que pertence ao nosso estado (Figura 28).

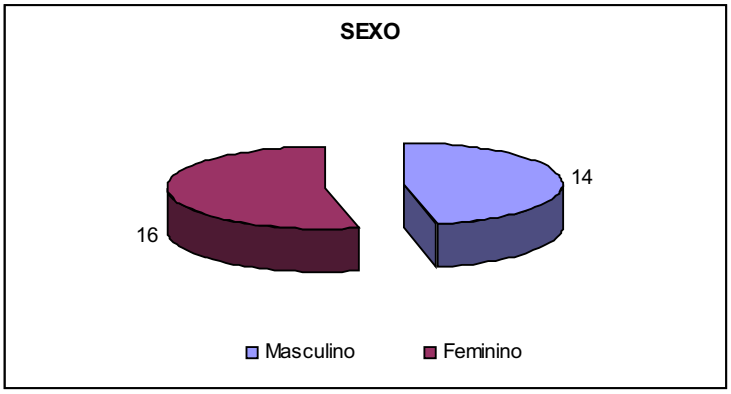

Figura 25: Caracterização dos participantes por sexo.

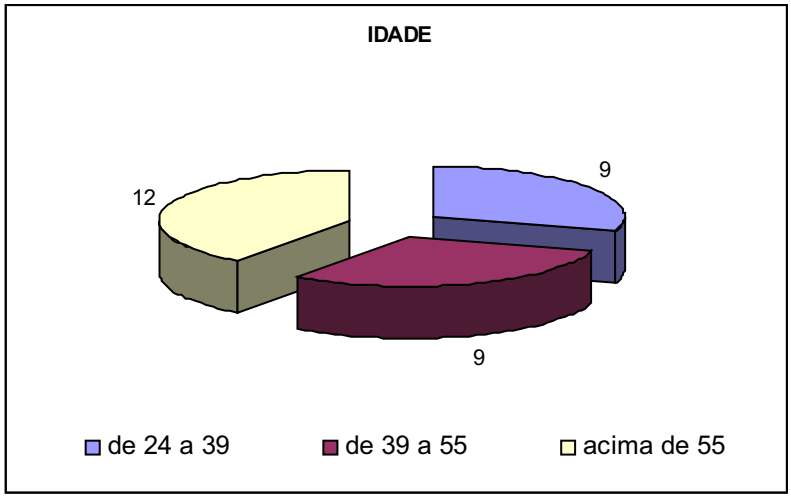

Figura 26: Caracterização dos participantes pela idade.

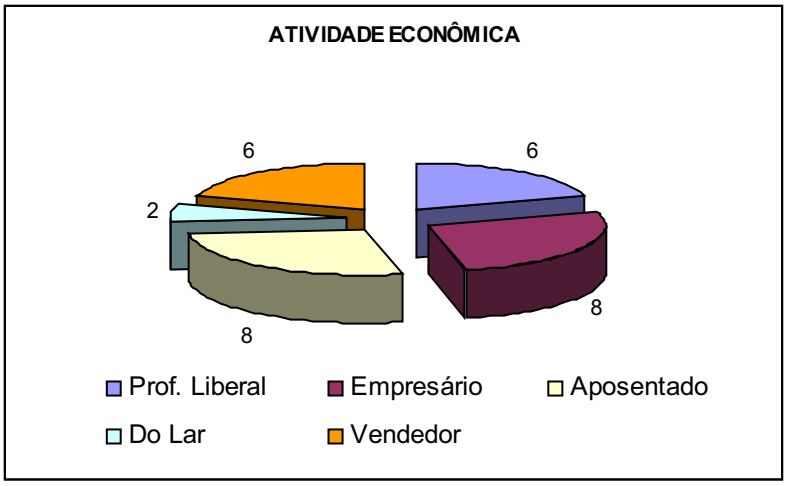

Figura 27: Caracterização dos participantes pela atividade econômica.

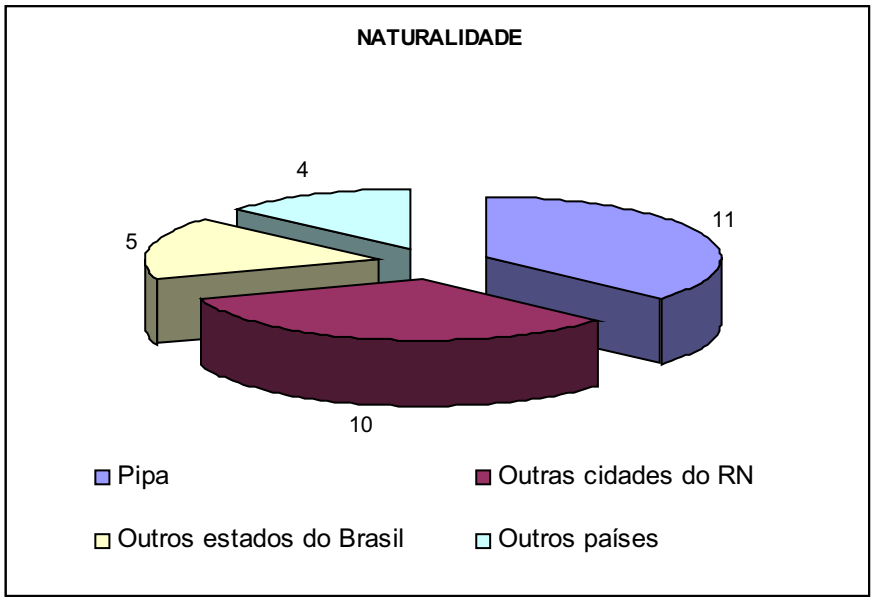

Figura 28: Caracterização dos participantes pela naturalidade.

Além disso, nossa pesquisa compreendeu sujeitos com tempo de moradia variando entre 2 e 84 anos, estando a maior parte concentrada na parcela com mais de 30 anos de residência no local (Figura 29). Nesta caracterização, foram descontados os anos que moraram fora de Pipa.

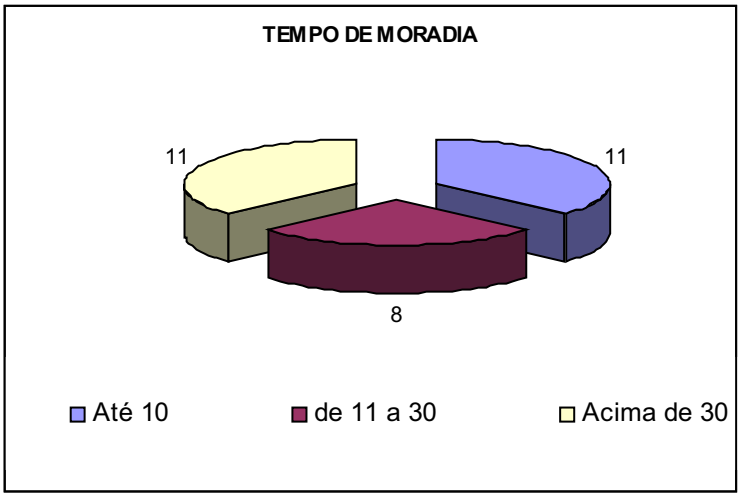

Figura 29: Caracterização dos participantes pelo tempo de moradia em Pipa.

E, principalmente, não podíamos deixar de lado o tipo de moradia em Pipa, que pode ser vários, desde a moradia permanente, que é aquela em que o indivíduo passa todo o ano residindo no lugar, a moradia secundária (Tulik, 2000), que compreende os veranistas e os estrangeiros. Os veranistas são aqueles que além de passarem todos os meses de dezembro e janeiro em Pipa, costumam visitá-la com freqüência durante o ano, em feriados e finais de semana por exemplo; já os estrangeiros possuem uma outra rotina, passando seis meses do ano em seus países de origem, geralmente os meses de verão, e os outros seis meses em Pipa, que coincidem com os nossos meses de verão. Fora isso, não costumam ir a Pipa. Fora dessas categorias se encontra o E-24, que por trabalhar na indústria do petróleo, precisa se ausentar a cada cinco semanas, em que fica embarcado em alto mar, folgando, em seguida, outras cinco semanas.

Desta forma, temos a caracterização a seguir: a maior parte mora permanentemente em Pipa (23 respondentes); 4 são veranistas; 2 são estrangeiros e 1 tem uma rotina particular de cinco em cinco semanas (Figura 30).

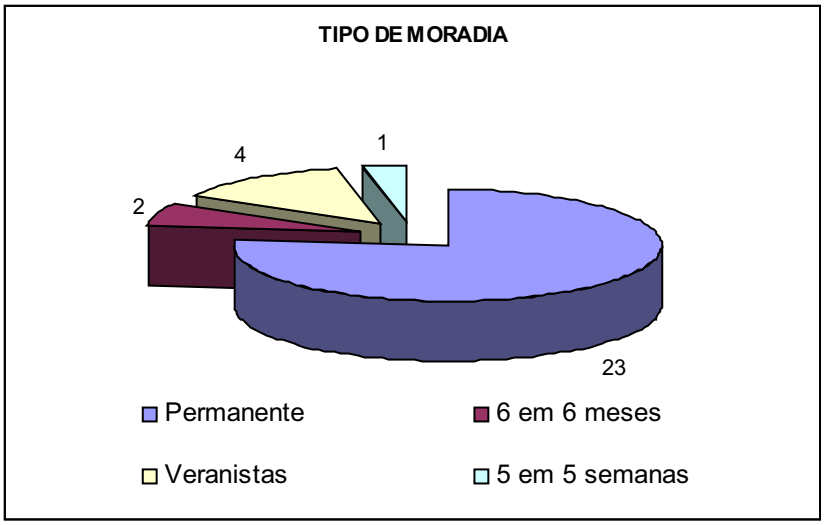

Figura 30: Caracterização dos participantes pelo tipo de moradia em Pipa.

Sendo assim, dada uma caracterização geral dos participantes, abordaremos aspectos mais qualitativos das entrevistas, conforme a seguir.

5.2. Uma Pipa que não volta mais...

Em princípio, pensamos em excluir os idosos da pesquisa, mas, logo vislumbramos o quanto perderíamos, no sentido de contemplar uma visão de Pipa mais calejada pelo tempo. O mesmo ocorreu com moradores não tão idosos, mas residentes no local há bastante tempo. Na prática vimos que ganhamos mais do que isso, as entrevistas foram especiais, pois conseguíamos perceber uma linha contínua entre passado e presente, de modo que foi inevitável falar de Pipa com essas pessoas, sem falar de suas próprias histórias, de como suas vidas mudaram, como acompanharam, adaptaram/acostumaram e como se sentem hoje com relação a tantas mudanças. Participamos de conversas cheias de emoção e saudosismo de uma vida difícil, mas tranqüila, que não volta mais.

Entre essas pessoas a ambigüidade de sentimentos, principalmente sobre o hoje, ficou ainda mais evidente, pois sempre estavam o sossego e dificuldade do passado, de um lado, e a comodidade, agitação e violência, trazidos pelo desenvolvimento turístico, de outro. Nesse sentido, os relatos foram bastante semelhantes, não apenas entre os nativos, que nasceram e

cresceram em Pipa, mas entre os veranistas com maior tempo de residência na praia, e até um estrangeiro.

Isto porque, para os mais velhos, o processo de adaptação (que tem sido uma exigência constante para os moradores) se dá de uma forma diferente, e até mais dolorosa, do que para pessoas mais jovens. As maiores dificuldades dizem respeito à existência de vínculos emocionais mais consolidados e problemas de locomoção, que geram maior dependência do ambiente residencial, especialmente a casa, menor disposição/maior resistência a mudanças de hábitos e condutas, tendência a menor socialização, etc.

Para os que vivenciaram Pipa em seus anos mais primitivos, foi inevitável contar como era difícil a vida: para comer, tinham que plantar e/ou pescar, pois a feira mais próxima ficava no município de Goianinha (a um dia inteiro de caminhada); o principal meio de locomoção era o boi ou cavalo, mas apenas poucos tinham o privilégio de possuí-los; não havia energia elétrica (isso, entrevistados mais jovens também recordam), a água era buscada nas cacimbas, que pouco a pouco foram secando e deixando de existir. Esse era o clima de lembranças e saudosismos que permearam as entrevistas.

Nesses depoimentos, Pipa era descrita num misto de saudade e orgulho por ter experienciado aqueles momentos e com certo toque de conformismo, ou sentimento de impotência diante das mudanças:

> Eu, não tenho palavras mas vou dizer, (...) a Pipa era uma praia muito linda. Nela existia uma capela em frente ao Oceano Atlântico que era uma maravilha. A Pipa tinha um porto de navegações, curral de peixe e casa de farinha, e muitos coqueirais, mangueira, muitas árvores de fruta. A Pipa tem barreira de barro tintoriais[9]. (E-14)

> Ah, mas antigamente era mais bonita viu fia. Aqueles coqueiros lá na beira mar, quando eu era menina eu lembro, ali era uma carreira de coqueiro. E aqui em cima também era uma fileira de coqueiro chinês. (E-11)

> Eu só sei que era um lugarzinho acanhado, era quatro casa. Quando foi tempo, foi chegando esse pessoal, foi aumentando, aumentando... hoje em dia ta aumentando o tempo todo né? Num instante esse lugar cresceu, num instante chegou esse pessoal. Pra beira da praia não tinha aquilo tudinho. (E-08)

> Aquilo era tudo coqueiro e mato. (E-09, complementando E-08)

---

[9] Falésias multicoloridas que permeiam toda a costa da praia de Pipa. Antigamente, os moradores retiravam lascas da cor desejada, e delas elaboravam uma espécie de tinta para pintar suas casas.

Às vezes, a Pipa do passado parecia tão distante, que alguns entrevistados enxergaram duas completamente diferentes, uma parecendo substituir outra.

> Aqui não tinha 'boite', só duas bodegas, a do pai do prefeito e a de outro. Vendia fumo, cachaça, querosene, só o que era essencial. Hoje já se vê de tudo aqui na Pipa, não é mais um vilarejo de pescadores. (E-27)

> Conheço a Pipa, sou da Pipa do carro de boi, sou da Pipa primitiva, quando aqui era uma colônia de pescadores, pescadores e agricultores que viviam da subsistência. (...) O que ocorre é que a Pipa aqui inicialmente era uma praia, era uma aldeia de pescadores, de repente a Pipa se elitizou e começou a exigir coisas de distrito, de cidade (...), porque a Pipa se elitizou, a Pipa não é mais praia. A Pipa que eu conheci, ela sumiu, ela foi erradicada, hoje não existe mais. (E-07)

> (...) o problema de Pipa é que o progresso foi rápido demais. Quando eu cheguei era tudo casa de taipa. A rua, não ficava, que era areia. Não sei, o lual, a gente fazia era tudo na praia, agora foi embora. Foi muito rápido, o progresso, foi tudo embora. (E-22)

No passado, Pipa foi marcada por um estilo de vida mais simples, cotidiano, voltado para as necessidades mais imediatas da comunidade: garantir o sustento através da pesca e da agricultura de subsistência, locomover-se em lombos de bois, quando precisavam percorrer distâncias maiores, etc.; já Pipa de hoje vibra com uma intensidade maior, é voltada ao atendimento de exigências que envolvem não mais um vilarejo, mas uma cidade, com todos os seus problemas físicos, estruturais, econômicos e sociais. Um novo estilo de vida, guiado por novas e desconhecidas exigências, parece ter sido implantado sobre o outro.

Entretanto, essa nova Pipa nem sempre é vista com insatisfação, ao contrário, para alguns, esta parece ter sido uma mudança natural, inevitável e irreversível:

> (...) a Pipa quando era primitiva, você tinha o seu pessoal, você fazia o seu mundo, aquele mundo pequenininho. Depois a Pipa cresceu, você aumentou seu ciclo de amizade, seu mundo cresceu e você começou a conviver com outro mundo. Se isso for subtraído de você, você vai se sentir mal, tá entendendo? Hoje a Pipa não tem mais lugar praquela Pipa primitiva, porque se elitizou, virou um centro comercial, pra você ter uma idéia, terra aqui na Pipa não tinha valor, se trocava até por jerimum, hoje, pra você comprar um terreno aqui no centro de Pipa é muito difícil, tem que ter dinheiro, senão, não compra. (E-07)

Outras vezes, Pipa parece ser realmente outra, pela forma como seus lugares "sumiram" e foram substituídos por outros, com novos usos e atividades (prática de *surf*, passeios de bugre e *landhover*, etc.) e, inclusive, novos nomes, procurando tornar esses locais mais atraentes para os turistas, usando terminologias alheias à comunidade "pipense", para se referir a lugares já conhecidos e batizados por ela,.

> (...) Aí mudou muitas coisas aqui. Antigamente ali tinha um curral, a gente dizia, vamo pra praia do canto né? Aí acabou, aqui ninguém chama mais, chama de praia dos golfinhos, acabou-se. (...) Se a gente fosse pra acolá, dizia vamo pra onde? Vamo pro curral. Ali, tem uma pedra que a gente chamava da vovó, a gente dizia vamo pra pedra da vovó,que era uma pedra que tinha. Depois começaram a chamar de praia dos afogado e hoje é praia do amor. (E-13)

"Praia da Vovó", "Praia dos Afogados" e "Praia do Amor", uma rápida sucessão de nomes para um mesmo local, uma praia que possui ondas muito fortes, que escondem grandes pedras, e uma movimentação perigosa da água em determinadas áreas, que provocam grande número de mortes por afogamento. Hoje, com o advento do turismo, ocasionado em parte pela prática do *surf*, a terminologia foi convenientemente substituída por outra, menos assustadora, embora continue tão perigosa, e causando tantos afogamentos, quanto antes, mas agora, sem aviso antecipado aos usuários.

Esta foi uma atitude no mínimo irresponsável, pois apenas quem conheceu Pipa antes da praia do amor sabe os cuidados que deve tomar naquela área:

> Ali todo ano morre gente afogada. Porque o caba que vai pra lá que num conhece aqui, não sabe que lá tem puxão muito grande. Às vezes a gente tá com a vara, tá pescando, com a água mesmo no imbigo, aí na mesma hora você toma uma amarradinha aqui nos pés, aí a carrera de água é muito grande. Pra quem não sabe, vai nadar contra a carrera d'água aí cansa e morre. Quem já sabe aquilo dali, nada pra fora, lá fora a água fica parada, a gente sai pra onde quer, não é? (E-13)

Além das situações tão perigosas, a alteração dos nomes dos lugares fere a cultura local, e mais, prejudica, cria rachaduras, às vezes irreversíveis, na relação de identidade que a comunidade tinha com eles, ameaçando a história do lugar e de seu povo. Além disso, a adoção de nomes dissociados da cultura local, e da história dos moradores, soa como um aviso de que, parafraseando uma humorista pernambucana, "esses lugares não lhes pertencem mais".

> Ah, sei lá, o pessoal que, sei lá, quis mudar... Antigamente a gente dizia assim: fulano vai pra onde? Vai pro curral do canto num era minha tia? Hoje em dia não, vai pra onde? Pra baía dos golfinhos. Eu não queria que tivesse mudado não, eu queria curral do canto, que é daqui, né? (E-13)

> Foi que nem o padre disse naquele dia: pra que mudar? Por que se era praia do madeiro... (E-15)

> Era pra ficar o que era antigamente, tinha mais importância os nomes das coisas. (E-13)

De fato, os moradores nativos parecem estar sendo excluídos do processo de crescimento/desenvolvimento de Pipa, já que suas raízes, história e cultura, têm sido

desprezadas até então pelo turismo e desenvolvimento local. Espacialmente esta exclusão é caracterizada pela migração desses moradores para áreas mais longe do centro e dos ambientes de convívio da comunidade, fato que afeta e reduz consideravelmente o sentimento de lugar e de comunidade deles, tornando-os cada vez mais marginalizados e impotentes neste processo. Isso tem gerado um sentimento de insatisfação, mesmo em quem não é nativo de fato, mas possui forte vínculo com a comunidade:

> Pipa não é mais nossa, já vendeu tudo, aí ninguém mais pode manobrar, porque quem teve as terra vendeu tudo. Tá tudo nas mão do pessoal de fora. (E-08)
>
> Pipa está muito diferente. Os nativos não dominam mais. (...) Hoje quase não tem mais nativo. Eles já estão lá pra o meio do mato. A proporção de nativo está diminuindo. Eu não gosto disso, não acho isso bom, não! Antes, eu sentava aqui, na frente da minha casa, e todo mundo que passava, eu conhecia. Hoje, eu conto até 30 desconhecidos passando aqui de manhã. (E-27)
>
> Foi embora a tradição, vai embora tudo isto. Lá em canto que comprei de Salvador, ficava um cruzeiro, era dois pedaços de um barco que afundou anos atrás. Chegaram à praia, os pescadores fizeram este cruzeiro. O barco quando saía para a pesca, quatro de madrugada, fazia "cruu", e você acordava com aquilo, porque pescador perguntava sorte, boa sorte com aquilo, "pii-pii". Tiraram o cruzeiro porque Joca do restaurante lua cheia tirou o cruzeiro, o cruzeiro foi embora. (E-22).

No caso do E-22, a retirada do cruzeiro, e do que ele representava, foi determinante para que este se mudasse de Pipa para Tibau do Sul, segundo ele, distante apenas 5 minutos.

Ainda sobre a trajetória desenhada entre passado e presente, entendemos que as dimensões do ambiente (física, social e global) tiveram papel fundamental em suas vidas em momentos distintos, corroborando a indicação de Villodres e Ruiz (1998). Assim, quando os respondentes eram jovens, e inseridos num contexto completamente diferente, onde a dificuldade de sobrevivência prevalecia, o ambiente físico parecia ter maior relevância, fato evidenciado nos relatos, através, principalmente, da menção às atividades de pesca e plantio, em detrimento de outras, envolvendo pessoas, grupos ou comunidade.

> Antigamente eu ia pescar mais meu pai. A gente ia lá pro curral pescar. Mas pescava demais. Teve uma vez que nós pescamos pra lá de duzentos peixe. Era peixe demais. Naquela época ia todo mundo pro curral pescar. (E-26)
>
> Aqui era uma aldeia de pescadores, onde o dinheiro praticamente não existia e se trocava tudo aqui, farinha por peixe, feijão por farinha, e aí vai. Tinha um pessoal que se dedicava a agricultura de subsistência e outros a pescaria. Porque não tinha energia elétrica, nem tinha o gelo. Não tinha nada, então o que eles pescavam, distribuíam. (E-07)

Hoje, impossibilitados de exercerem as mesmas atividades, quer seja pela idade, quer pela própria inviabilidade, dado o contexto sócio-econômico atual, os moradores idosos atribuem importância maior à dimensão social, mas numa pequena escala, ou seja, família e vizinhos mais próximos.

> Não queria que ela (E-15) fosse pra outro lugar não. Olhe eu, as vezes, olho pra essa casa daqui e me dá uma saudade tão grande dessa mulher, quem quiser acreditar, acredite. (...), eu quero que Deus saiba e eu, o quanto eu amo essa família. (E-14, emocionada)

> Olhe, quando essa mulher foi pra Natal, a gente olhava pra casa dela, deu uma falta... (E-14)

> Aqui todo mundo é uma família só. Até o pessoal de Goianinha que tá aqui a muito tempo é mesmo que ser uma família só. (E-15)

Entretanto, a evidência da dimensão social nesta fase da vida, pode ser também uma infeliz coincidência com uma das conseqüências do rápido crescimento turístico do município. A medida que Pipa cresceu e diversificou suas atividades econômicas, a pesca e a agricultura deixaram de ser essenciais; agora o pequeno distrito respira atividades mais voltadas para o comércio e prestação de serviços, em consonância com um novo momento de sua história, regido pelas leis do turismo. Acontece que o mercado gerado por essas novas atividades econômicas exige profissionais qualificados, e não é capaz de atender a demanda local de trabalhadores jovens. Somado a isto, está a ilusão frequentemente difundida em Pipa, de enriquecimento fácil e rápido, haja visto o grande número de turistas estrangeiros e com alto poder aquisitivo. Este quadro gera jovens alienados, ociosos e às vezes revoltados com a falta de oportunidade de trabalho.

Este quadro geral reflete-se nos relatos sobre a Pipa de hoje, pois, além de mencionarem mais o aspecto social, citando e relacionando pessoas de seu convívio, todos comentaram sobre a ociosidade dos jovens, violência, tráfico de drogas, roubos, assaltos, e similares, ocorrências até então inéditas no local.

> (...) a senhora acredita que aqui tem esses barco todinho, mas os dono de bote as vezes adula, chamam um e outro pra ir pra maré e não vai. E as vezes, o bote nem vai porque não tem pescador. Antigamente, já cansei aqui, o pescador que não fosse pra maré, aí se fosse preciso, nesse dia ele não comia, o lugar tão acanhado que era! Mas hoje, eles não tão mais nem aí, se for, eles come, se num for, eles come. Têm certeza que papai e mamãe pra dar de comer, aí num liga nem a vida. (E-08).

> Naquela época, todo mundo trabalhava, tinha suas coisas, plantava batata, criava animais; hoje esses jovens não querem trabalhar, só querem saber das drogas. (E-26)

> Hoje, a Pipa, eu quero dizer a você que tá... as pessoas vivem melhor, pra as pessoas que vivem hoje na Pipa, sobre a pobreza de antigamente aí hoje em dia tá superior, tá melhor. Agora, o tempo que volta a ser a Pipa do jeito do sossego que era aqui, dormir de porta aberta... os primeiros surfistas que chegaram aqui, armavam a rede de um coqueiro pra outro, não tinha quem mexesse, deixava as bolsas em baixo, não tinha quem fosse lá, mexer em nada. Hoje em dia não ta mais assim não. Esse sossego acabou. Agora aqui ta aparecendo já muitas coisas diferentes, que nunca houve... (E-15)
>
> (...) muita gente de fora. (...) De uns anos atrás, ninguém nunca ouviu falar que a polícia matasse um traficante e agora já aconteceu. (E-13)
>
> Muita gente de fora, muita gente de mau costume, chega aqui querendo botar as unhas de fora. A droga foi trazida por essas pessoas de fora. A droga que tinha aqui antes era bebida, cachaça essas coisas, mas essas outras qualidade de droga, não havia. Agora depois que começou desses surfistas a entrarem pra aqui, aí foi que houve essas outras drogas. E aqui já tem muitas pessoas que estão... gente daqui. (E-14)
>
> Pipa já está fazendo muito medo. (contou uma história sobre seqüestro e estupro ocorridos recentemente em Pipa, incluindo a namorada de seu filho). Por isso é que eu prefiro a minha Pipa de 30 anos atrás. (E-11)

Relatos desse tipo se repetiam constantemente, a cada entrevistado, fazendo com que suas previsões de futuro para Pipa fossem igualmente catastróficas:

> O progresso tem um preço. Isso aí a gente tem que entender. O preço é exatamente isso. O preço é o tóxico, é a droga, o preço é a prostituição, o preço... é isso aí que você conhece. São as coisas que não se adequam a sociedade, mas vem o turismo que trás divisas, que trás dinheiro, atrás do turismo vem tudo o que não presta. (E-07)

Se falar sobre o passado (deles próprios ou de Pipa) correspondeu cerca 80% das entrevistas com idosos, sobre o futuro restaram apenas poucas palavras, que traduziam basicamente a idéia acima. Tal pensamento talvez seja resultado de uma reflexão sobre a evolução de Pipa nestes, pelo menos, últimos 30 anos, e que apenas pessoas com mais idade e vivência poderiam nos fornecer.

Enfim, foi interessante perceber como elas analisam e descrevem, hoje, a vida em Pipa, no passado, quando eram jovens, e como se sentem hoje, morando numa Pipa muito diferente daquela época. Certamente, essa foi a maior contribuição dos entrevistados idosos a essa pesquisa, pois, embora com pouca perspectiva de futuro, seus depoimentos foram demasiadamente ricos e emocionantes, acrescentando uma visão de quem nasceu numa Pipa e, muito provavelmente, morrerá em outra completamente diferente. Apesar disso, aquilo que sentem com relação a Pipa, não mudou muito:

Daqui eu só saio para o cemitério. (E-13)

5.3. Por baixo dos véus, adereços e enfeites, uma Pipa natural

Neste grupo enquadram-se descrições sobre as falésias multicoloridas, que recortam a praia em enseadas, a mata sobre elas e o contraste com o azul do céu, as pessoas simples e "malucas", que convivem em Pipa. São descrições de características peculiares e intransferíveis da praia, que, embora sempre presentes, não pareceram ter tanta importância no discurso de moradores nativos e sim no daqueles que vieram de outros lugares do Brasil e do mundo.

Há pelo menos duas razões para isto: 1) a força do hábito torna a cidade invisível aos olhos de quem convive cotidianamente (Ferrara, 1999), de maneira que os moradores locais se sentem acostumados com aquilo que vêem todos os dias, alguns desde que nasceram; 2) talvez tais características tão singulares e, aparentemente, mais visíveis aos "de fora", tenham sido responsáveis pelo vislumbre e encantamento por Pipa, pois, apesar de conhecerem outras praias e paraísos turísticos, nesta praia, perceberam algo diferente e especial, tanto que a escolheram como lugar de moradia. Tal invisibilidade dos elementos paisagísticos fica evidente no discurso e desenho (Figura 31) de alguns entrevistados, quando perguntados como é Pipa:

> Eu não sei explicar, porque eu nasci e me criei aqui dentro, aí a gente se acostuma com tudo, pra tudo, tudo a gente acha bom, não tirando o sossego da gente. Porque não há riqueza maior do que a paz. (E-12)

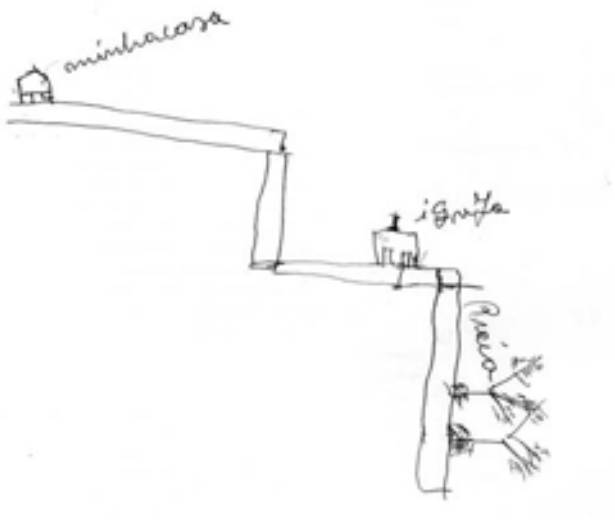

Figura 31: Pobreza de detalhes na percepção do ambiente e com ênfase para a topografia.
Fonte: E-11.

Até para aqueles que, embora não sejam nativos, mas já residem há algum tempo, a força do hábito e convivência diária com o ambiente parecem alterar a sua percepção do lugar:

> Antigamente, eu vinha pra aqui como uma turista, de férias, hoje eu moro, então existe toda uma história... eu acho que a ficha só veio cair uns três anos depois. Porque a impressão que me deu é que eu ainda tava de férias. Mas aí o cotidiano vem, aí é muita gente, desgaste, Pipa mudou muito. (...) é porque é diferente. Sabe, a visão é diferente. Eu amo muito aqui, é um lugar lindo, sabe, eu acho que... eu vou ser mais clara: há uma diferença de quando você é turista, porque assim, você vem passear, você aproveita mais o lugar. E quando você mora, porque você trabalha, aí tem o estresse do dia-a-dia, tem o cotidiano, então, eu deixo, tipo assim, no caminho eu não vejo o pôr-do-sol, sabe? Eu perco certas coisas aqui, então é isso que é diferente, é isso que faz a diferença. (E-21)

Mesmo que a beleza natural de Pipa seja um consenso entre os entrevistados, há diferenças no que se refere aos elementos naturais que compõem a imagem do local: para os brasileiros, especialmente os vindos da região Sul, a praia e o clima ganham destaque na percepção; já para os europeus e, principalmente para os escandinavos, o calor das relações humanas parece mais atraente.

Algumas vezes a menção à natureza é simples, clara e objetiva (Figura 32):

> A natureza faz que a gente fique bem. Acho que o bom da Pipa é a natureza. A natureza faz que a gente gosta da natureza. (E-24)

> A natureza, o povo, um lugar isolado, tranqüilo... (E-23)

Figura 32: Representação dos elementos naturais de Pipa.
Fonte: E-06.

Outras vezes, percebemos a paisagem nativa e pitoresca de Pipa ganha força com a mistura, com o contraste entre culturas e pessoas de várias partes do mundo; ou seja, não é apenas um lugar bonito, mas um lugar onde se pode observar pessoas, hábitos e línguas diferentes, vários mundos, dentro de um só.

> Um lugar muito bonito, exótico, você olha para o lado direito, olha o mar, grudado com a mata... é um lugar ímpar. Muita gente maluca, de fora, muito gringo... É um local de encontro. (E-02)

Aliás, Pipa tem sido sempre citada como um local de encontro, pela mídia, pelos visitantes e entrevistados e, nesse sentido, analisamos que seriam vários encontros: encontro de paisagens, de informações, pessoas, culturas, hábitos, signos, e ainda, da modernidade com rusticidade, de luxo de alguns hotéis e pousadas com a simplicidade das casas de taipa. Se, para o brasileiro esta parece ser uma mistura surpreendente e fantástica, para os estrangeiros ela é, no mínimo muito bem vinda:

> Pipa é um praia, um cidade, com muitos estrangeiros também. Quando os estrangeiros chegam é muito bom pra conhecer pessoas, fala inglês, porque língua é muito problema pra gente que chega aqui. Aqui se fala português. Ou se fala português ou ..., porque não fala inglês, pouco, pouco brasileiro fala inglês. A pessoa que não fala a língua fica muito isolado. (E-16)

Mas, ao mesmo tempo em que acolhe o estrangeiro, revela uma outra realidade de Pipa: a segregação social. Como os visitantes estrangeiros se sentem mais à vontade com seus iguais, a interação com a comunidade local se torna mínima, quase o estritamente

necessário, limitando-se a compras em mercados e informações básicas. Isto acaba gerando "duas Pipas", uma dentro da outra: aquela que existe e funciona sem a participação da comunidade local, alocada em outra, exuberante, de paisagens belíssimas (o povo fazendo parte dessa paisagem), como se ambas pudessem existir paralela e independentemente.

> Aqui na Pipa é um lugar aonde tem muitos estrangeiros. Todo mundo faz alguma coisa, mas... Pipa tem nativos, mas em geral eu encontro mais com os estrangeiros de outros lugares do mundo e também do Brasil. (E-24)

Há pessoas para quem cultura, povo e história locais pouco importam quando decidem fixar residência, de modo que não se envolvem com a dinâmica social do lugar onde moram. O entrevistado acima, por exemplo, contou-nos que trabalha na indústria de petróleo, e por isso conhece muitos lugares do mundo, mas tendo decidido morar em Pipa, construiu uma casa em cima da falésia, atitude considerada ilegal, já que se trata de uma área de preservação ambiental, e que, portanto, não pode ser privatizada. Em função disto, vamos tentar entender um pouco de sua história com o lugar, como tomou conhecimento e o que encontrou quando chegou lá:

> Antes eu pensava que eu podia fazer alguma coisa na França, na Espanha, mas no meu trabalho eu posso viver em tantos cantos do mundo, não faz diferença.
> (...) Eu cheguei aqui, gostei muito. Depois eu decidi que eu vou viajar mais pra cá e também outros lugares do Brasil e procurar um terreno pra construir. Porque primeiro outro sueco veio pra cá, chama Ulaf, e ele tava construindo e para gente lá da escandinávia, por exemplo, eu não sabia que posso construir aqui, porque outros países fora da Europa eu não posso fazer. E essa pessoa falou pra mim que eu posso e quanto custa, então, para nós é muito mais barato aqui, e nós podemos. (E-24)

Apesar de ter gostado de Pipa, especialmente da natureza, conforme outro depoimento seu, a imagem, ou o tipo de informações, que é passada por outros, inclusive a que é veiculada ou passada informalmente fora do país, pode influenciar a percepção das pessoas e a tomada de atitudes com relação ao lugar, chegando a prejudicá-lo. Talvez a existência de duas Pipas, uma dentro da outra, seja bastante conveniente para alguns, que usufruem das potencialidades do lugar sem qualquer tipo de comprometimento (ambiental, social, econômico e cultural), passando essa visão de que "tudo pode" adiante.

Além disso, outro fator também teve importância na sua percepção do lugar e na decisão de morar em Pipa: a facilidade de instalação, praticamente sem restrições burocráticas, financeiras e/ou construtivas, em termos de valores, materiais e disponibilidade

de mão-de-obra. Assim, a expressão utilizada pelo E-24, "aqui nós podemos", não se refere apenas aos custos financeiros de uma obra, mas representa a visão de uma terra de ninguém, onde não há restrições nem comprometimento, como comentado acima.

Em virtude de tais facilidades e desta percepção (frequentemente difundida internacionalmente), é comum estrangeiros construírem estabelecimentos comerciais, casas, condomínios e até edifícios, em locais privilegiados, e às vezes proibidos, de Pipa. Alguns adquirem propriedades de nativos, impulsionando a migração deles para áreas mais afastadas; outros adentram a mata virgem remanescente, alterando a configuração espacial e ameaçando o ecossistema local.

Tal descaso se deve, entre outras coisas, a: 1) inexistência de um Plano Diretor Municipal; 2) pouca fiscalização/seriedade no cumprimento das leis, especialmente as leis ambientais; 3) falta de uma maior coesão e participação da comunidade local na luta pelo seu espaço, sua história e tradição. Neste contexto, em que todos parecem ainda atordoados e confusos com as mudanças ocorridas num curto período de tempo, os mais ambiciosos encontram sua chance de conseguir algum benefício ou lucro, driblando os obstáculos e concretizando seus planos, em detrimento do bem-estar coletivo.

Vários exemplos podem ser citados, mas dois deles ganharam destaque pela dimensão do empreendimento e intensidade com que feriu os moradores locais. O primeiro deles é a construção de dois edifícios à beira mar, de propriedade de uma construtora regida por um grupo português. Na divulgação do projeto, um grupo de profissionais liberais moradores de Pipa indignou-se com tamanha inadequação à paisagem, temendo pela vista do mar, para quem se encontra na rua de cima, e pelo tumulto de carros e pessoas originado com a conclusão do edifício. Como resultado, a obra passou alguns meses embargada, mas atualmente encontra-se em fase de acabamento. Quase todos os *flats* foram vendidos - a estrangeiros, diga-se de passagem.

Outro exemplo, que diferiu deste por um envolvimento maior da comunidade, foi a construção de um hotel em cima da falésia, de onde se vê a praia do amor e a pedra que deu o nome a Pipa, lugar conhecido como "chapadão". De início foram realizadas reuniões com prefeito e vereadores, campanha pela proteção do local, mas, mais uma vez, os empresários

conseguiram finalizar a obra. Entretanto, este foi um fato que marcou e feriu profundamente o sentimento de lugar dos moradores locais, algo difícil de esquecer.

Por exemplo, quando perguntada se tinha saudade de alguma coisa, uma das entrevistadas demonstrou ter clara noção do que a comunidade e cultura locais perderam com o empreendimento:

> Das coisas assim, como esse, essa falésia dali de cima, as falésias... tem pessoas que destróem, tem pessoas que tá cortando a vegetação desse morro aí, o chapadão, também não é como tá mais. (...) As pessoas que vende, ninguém vende e quer ficar olhando, ele tem que, ele quer construir, né? (...) A gente não se sente na liberdade como se, como se fosse público. Agora fizeram um hotel e só deixaram tipo uma estradinha pra as pessoas passar. Não gostei daquele tipo de coisa não. (...) É, aquilo dali era pra ter um órgão que se responsabilizasse pra deixar pra os nossos filhos, os nossos netos, os nossos bisanetos, ver como era antigamente. E não ter vendido, pessoas ter vendido, ter passado cerca, como agora é tudo cercado... (...) Eu queria que viesse uma... uma instituição, um grupo que fizesse um estudo, de estudantes que estudasse a falésia, e fizesse alguma coisa, porque vai acabar daqui a pouco. Tanto pela chuva, como o mar que também cresce. Porque eu me lembro ser ruas de casa lá em baixo. Hoje não tem casa, não tem mais nada. O mar, onde é o mar agora, era o quintal das casas. (E-12)

Diante de tal situação, e de tantas outras perdas, resta se conformar:

> E como ela (obra do chapadão) tem várias outras. É como diz: quem tem dinheiro... é que vai, quem vence. O que o dinheiro não faz, né? (E-29)

O ramo imobiliário, sem dúvida, tem sido um dos grandes atrativos para moradores estrangeiros, que tentam obter retorno em outros países ou em seus países de origem, como é o caso dos irmãos E-16 e E-23. Eles adquiriram um grande terreno num platô, com vistas para o mar, onde lotearam e batizaram com o nome de "Colina dos Noruegueses", apostando na imagem que é veiculada lá:

> Na Noruega, o Brasil é um país que todo mundo gosta, todo mundo sabe, porque tem futebol, tem carnaval, todo mundo gosta de carnaval na Rio, todo mundo sabe Pelé... todo mundo quer conhecer o Brasil, é um sonho pra muito, muito pessoa. Agora tem charter de vôo pra Noruega daqui. Em toda loja de viajar em Noruega tem muita placa, Brasil, Brasil, Brasil, pá, pá, pá, todo mundo gosta mais Brasil, todo mundo gosta viajar Brasil. E Pipa, é um pequeno cidade, mas muito, muito gente conhece Pipa, muita gente conhece só Pipa... porque é um cidade que... pouca gente viajou pra aqui, mas quando eles voltam Noruega, eles falam Pipa, Pipa, Pipa. Tem revista, tem foto... em agência de Turismo. (E-16)

Entretanto, para os entrevistados supracitados, este empreendimento é visto apenas como fonte de renda secundária, uma prazerosa ocupação para os meses que passam lá, já

que aproveitam para realizar manutenção e incrementar o condomínio com área de lazer, não sendo portanto, o principal motivo de sua moradia em Pipa.

Pois, ao contrário do E-24, eles parecem enxergar Pipa com outros olhos, apreciando não apenas a paisagem (e as vantagens que podem obter com ela), mas as pessoas da comunidade e seu estilo de vida. Aliás, para os demais estrangeiros entrevistados, estar em Pipa é entregar-se ao seu ritmo, à sua música, convivendo e interagindo com os moradores nativos e fazendo parte das atividades cotidianas da comunidade local. Por isso, não é raro que estrangeiros criem vínculos de amizade, casem e constituam família com brasileiros e brasileiras.

> Não, pra mim, é... eu gosto mais de ficar aqui. Eu tem pessoas aqui, tem muitos amigos já, é difícil viajar pra outro lugar, eu tenho,... eu gosto de ficar aqui em Pipa. (E-16)

> Conheço... esse lugar é o lugar no mundo que eu conheço mais gente. (E-23)

> É que gosto de ficar no meio da gente, do povo, do povo de verdade. Não o povo de hoje na Europa, pó... é solo isto. (E-22)

Entretanto, alguns moradores vêem esta situação sob um ângulo diferente:

> Porque é um local onde encontram coisas únicas: lugar calmo, tranqüilo, com uma paisagem exótica, misturado com um povo pobre que trata eles (os estrangeiros) bem... (E-02)

À exceção do E-24, todos os entrevistados estrangeiros têm relação estável ou família com mulheres brasileiras, de modo que a convivência com o lugar se tornou tão íntima que E-23 encontra-se numa situação um pouco delicada. Separado, decidiu criar seu enteado de nove anos, na Noruega, onde julga ter melhores condições de educação e saúde. Mas, para isso, teve que deixar sua filha pequena no Brasil com a mãe, que, contrariada com a situação, ameaça não deixá-lo mais voltar, caso retorne a Pipa. Em razão de tal impasse, E-23 tem ido com menos freqüência a Pipa, embora guarde na memória sempre boas impressões do lugar e saudade dos amigos e da vida que deixou - mas espera retomar.

> Deixei aqui, que eu não moro aqui mais, venho só visitar. Morei muitos anos, durante 10 anos, mas faz dois anos que eu venho mais como visitante. (...) mas é que a vida, algumas escolhas na vida é difícil, fala mais alto. Tenho filho pra criar. Agora, agora esta época não é hora pra ficar aqui, mas eu venho. (E-23)

Para o europeu, em especial, as relações humanas são um atrativo à parte, dentro do leque de belezas naturais de qualquer lugar. Acostumados com um ritmo de vida bem mais

dinâmico, e com um frio cortante em alguns meses do ano, em Pipa eles percebem que o tempo existe em outra dimensão, e percebem o quão prazeroso é descansar ao sol, ler um livro à sombra de uma árvore, ou simplesmente ver as pessoas passarem pela rua. Eles podem ainda vislumbrar e participar de cenas, como a reunião de amigos ao entardecer nas calçadas, encontros casuais nas ruas, e similares, enfim, a proximidade e acessibilidade das pessoas, imersas na simplicidade do estilo de vida dos moradores locais. É interessante notar que esse fator é enfatizado no discurso que E-16 diz utilizar para vender seus lotes na Noruega:

> Aí eu fala rua com pequena casa, pequena casa, não tem casa com muito residência de alto, dois, primeiro andar... fica perto de mar... é... nativo sentar na cadeira dele, olhando movimento na rua, eu fala. (...) Aqui em cima tem rua principal, só tem um rua aqui, eu fala, só tem rua principal. Sim, eu moro aqui, aqui em cima, colina, tem vista pro mar aqui, tranqüila. Eu fala aqui tem muito carro, muito carro na rua, mas aqui, tranqüilo, não tem movimento de carro. (E-16)

Em conversa informal, outro morador relatou que quando chegou em Pipa, ficou maravilhado também com as pessoas e o estilo de vida, traduzido nas pequenas tarefas do dia-a-dia, como comprar pão fresco, passear com as crianças pela orla e deixar que elas saiam sem preocupações, enfim, realizar a maioria dessas atividades a pé e a qualquer hora do dia.

Em seu país de origem, apesar das cidades serem relativamente pequenas (a capital tem o mesmo número de habitantes que Natal), o frio, e às dificuldades trazidas por ele, impede as pessoas de saírem e se encontrarem. A grossa camada de neve prende as pessoas dentro de casa e cria dificuldades para a locomoção, inclusive, chegando a impedir a abertura das portas das residências. Em virtude da baixa interatividade entre os moradores é comum ver mulheres e homens solteiros acima de 40 anos, fato que ressalta ainda mais a dimensão social de Pipa na percepção destes. Apesar de Villodres e Ruiz (1998) diagnosticarem, em seus estudos, que para pessoas com idades acima de 40 anos a saliência da dimensão social diminuía, em função do casamento, e constituição de família, o mesmo não ocorre na situação analisada acima, já que esses indivíduos ainda se encontram solteiros.

A percepção desta realidade juntamente com as potencialidades de Pipa, estimula E-16 a incrementar seu discurso de vendedor:

> (...) Também tem praia, com muito gente. Se você gosta você fica praia com muito gente, se gosta leva a sua namorada pra outra praia, pode ficar sozinho mais ou menos e você fica lá, e se beijar. O pessoal acha muito bonito a praia. (E-16)

Portanto, para os estrangeiros em geral, a percepção das pessoas, da relação entre elas e da sensação de liberdade e segurança é um ponto marcante na imagem que constróem de Pipa.

Dentro do grande grupo de belezas naturais, encontramos espaço ainda para o misticismo, se é que podemos chamar assim, ou para uma percepção elaborada por mecanismos ainda não muito conhecidos, mas comentada no item "1.1 - Percepção ambiental". Trata-se de uma energia ou vibração diferente e contagiante, segundo os entrevistados, sentida apenas quando se está em Pipa:

> O que eu mais gosto aqui é o astral das pessoas. (E-05)
>
> Ela é ótima, ela é boa, ela tem uma energia assim, muito positiva,... tem um astral bom... um lugar bom. (E-03)
>
> A Pipa tem uma magia. É um lugar que você não dá pra ver o que que é, mas é uma coisa que contagia as pessoas, que consegue reunir pessoas interessantes do mundo inteiro, não só do Brasil, mas do mundo. (E-17)

Para muitas pessoas essa magia está associada à existência e manutenção das coisas naturais e tradicionais de Pipa, o que cria uma expectativa adicional: se a praia se desenvolver sem respeitar tais elementos, a magia pode estar ameaçada.

> Sim, a magia existe, mas que... A Pipa tá perdendo o encanto. (...) Porque as construções irregulares, as pessoas que tão vindo pra aqui que não têm nada a ver com o lugar, a destruição em si, a mata, o verde de Pipa, já foi 70% destruída, a poluição, os esgotos. A Pipa tá o caos, pra mim tá o caos. É o lixo... (E-19)
>
> (...) Agora eu tô passando justamente por um processo que meu esposo não ta mais deslumbrado. Ele veio aqui em busca de uma coisa mais natural, que ele conheceu aqui há 15 anos atrás. Aí ele fica, "pôxa, aqui tá crescendo desordenadamente, não sei o quê..." (E-17)

Tal energia também parece estar relacionada a um estilo de vida que faz parte da história de Pipa, desde os tempos mais remotos: o *surf*. Muitos entrevistados mencionaram que esse esporte foi a principal razão de suas visitas, e posterior decisão de morar no lugar.

> Por causa do surf. Sempre surfo em Pipa, porque no estado, é o melhor lugar. (E-02)
>
> O que mais gosto? Quando tem onda boa lá na lajinha. (E-04)
>
> Primeiro eu vim pra cá pra surfar, depois eu fui conhecendo mais, gostando das outras coisas também... (E-30)

Questionamos ainda, por que, mesmo tendo conhecido tantos outros belos lugares no mundo, algumas dessas pessoas escolheram Pipa para morar. Acreditamos que grande parte dessas escolhas deve-se às relações existentes entre pessoa/meio ambiente/comunidade, sobretudo quanto aos elementos naturais estarem sempre acessíveis. Há golfinhos que nadam bastante próximos aos banhistas, micos que pulam nas árvores do quintal, parte da Mata Atlântica preservada, que mesmo sem esforço algum, estão sempre ao alcance, interagindo com os usuários:

> Pra mim, eu tô aqui deitado na rede, tô vendo isso tudo daqui. Tô vendo o mar, os passarinhos e às vezes até um camaleão que vem de vez em quando aqui. (E-01)

> Eu acho isso daqui tudo lindo. Tem o mar, tem os golfinhos, tem os micos... os micos já gostam de brincar com a gente, eles vêm comer aqui ó, na mão. (E-05)

Mas, acrescido a isso não podemos esquecer que existe todo um cenário econômico, social e político favorável ao estabelecimento dessas pessoas em Pipa, conforme mencionamos acima.

5.4. A Menina dos Olhos

> *Todos gostam de gatos. Uns pelo contato, outros para fazer tamborim.* (Autor Desconhecido)

Outro tipo de respostas, que se referem basicamente à infra-estrutura oferecida por Pipa para acolher os turistas: hotéis, pousadas, restaurantes, etc., enquadram-se neste grupo. Ao contrário do anterior, "Pipa Natural", a percepção da maior parte dos moradores nativos, e/ou brasileiros com maior tempo de residência, se encontra aqui, como se estivesse encantada, deslumbrada com as facilidades trazidas pelo turismo, e/ou atordoados, revoltados com algumas "novidades" que também o acompanham.

Visualizar, entender e descrever Pipa dentro desta nova configuração social, econômica e espacial, parece um pouco difícil ainda, de forma que, quando solicitados, os entrevistados sempre se referiram, primeiramente, à Pipa simples e nativa de anos atrás (Figura 33).

> Como era, ou como é? Ah, agora é mais difícil né? Desenhar Pipa antes era mais fácil. Eu acho. Que ela antes só tinha as casinhas de taipa, agora é bem chique, cheia de

> loja... (...) Hoje, essa ruma de mudança, construções bonitas, hotéis bonitos, restaurantes. (E-03)

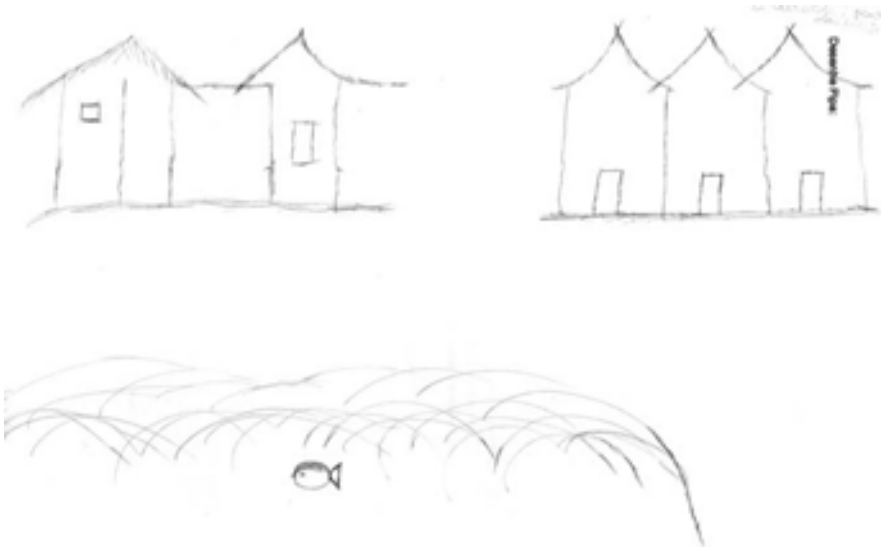

Figura 33: Pipa representada por casas de taipa.
Fonte: E-03

Outras vezes, quando se dedicavam a falar das coisas boas – e modernas – de Pipa, seus depoimentos pareciam ensaiados, contaminados pelo discurso da mídia, ou moldados pelo que seria uma resposta esperada pela pesquisadora. A ênfase nos elementos e pontos turísticos era tanto que alguns entrevistados pareciam descrever um roteiro, de forma a preencher todo o dia de um visitante: pela manhã, baía dos golfinhos; à noite, *boite*, etc (Figuras 34 e 35).

> Hoje Pipa é um lugar para o comércio. (...) Também tem muitas coisas que não tinha antes. (...) À noite tem a 'boite' calangos, para se hospedar eu diria a toca da coruja, que eu acho lindo lá, de dia, tem a baía dos golfinhos, tem um monte de coisas, né? (E-28)

> Se fosse uma amiga que não conhecesse aqui, eu falava pra ela ir pra baía dos golfinhos de manhã, a tarde, pra praia do amor, a noite pros barzinhos, o 'blue bar', depois a 'boite'. (E-29)

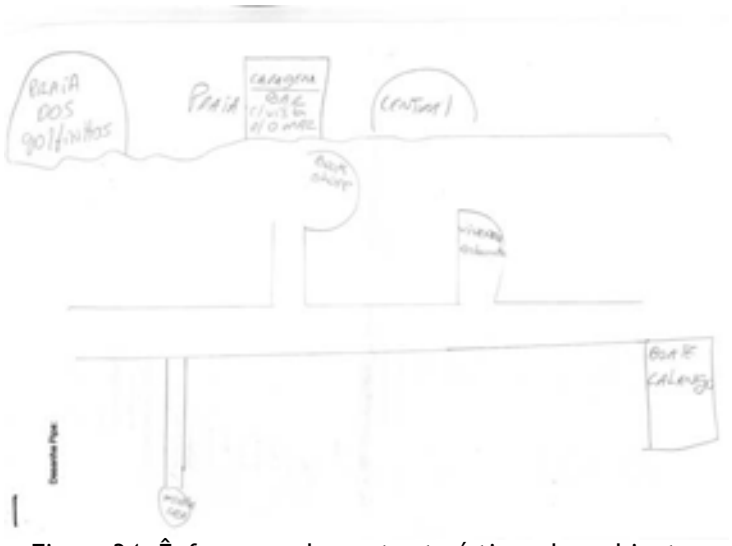

Figura 34: Ênfase nos elementos turísticos do ambiente.
Fonte: E-29.

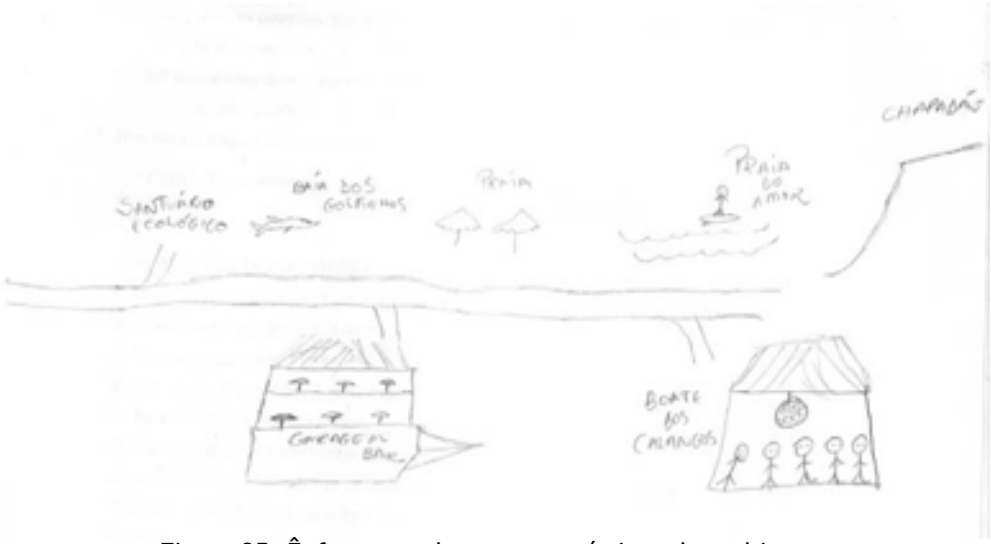

Figura 35: Ênfase nos elementos turísticos do ambiente.
Fonte: E-28.

Outros tentavam responder pensando nas condições financeiras do possível visitante:

Você sabe que aqui mudou muito, né? (...) eu ia explicar as pousadas, qual o estilo, porque dependendo do bolso, tem para todos os tipos. Os bares também. (...) As praias eu só falo que é linda e pronto. Pelo menos eu adoro isso aqui! (E-29)

E outros ainda, focam na infra-estrutura para ganhar a clientela (Figura 36):

Aqui tem padaria, porque norueguês gosta de pão da manhã, ele gosta de restaurante, muito restaurante aqui na rua, beira mar, restaurante. (...) Eu fala também tem muito restaurante, que isso é muito importante pra pessoa. Tem restaurante nacional, tem restaurante boa comida de Brasil... (E-16)

Figura 36: Atrativos para turistas noruegueses.
Fonte: E-16.

Para os moradores e turistas, Pipa abriga contradições que agradam principalmente os últimos, pois ela é tida tanto como um lugar para descansar e curtir a natureza, como também lugar de agitos, para sair e conhecer pessoas, etc., de forma que não tem como não agradar todos os tipos de gostos e visitantes. Essa nova característica de Pipa, adquirida após o advento turístico na região, já compõe a percepção dos moradores locais e frequentemente aparece em seus depoimentos, como um atrativo:

> Você quer tomar uma cervejinha aqui a noite, você vai pra aí, pra aqui pro centro. Parece que você não ta no Brasil. Você vem, de repente você conversa com a moça que é panamenha, conversa com Argentina... tem um pessoal, uma coreografia, uma características de coisas não-brasileiras, entendeu? Mas quem quiser sossego, tranqüilidade, aqui pra cima é cheio de restaurantes, barzinhos, você entendeu? Quem quiser folia, o jovem gosta de folia, tem as 'boites'. (...) Quando alguém diz pra mim,' olha, eu quero passar um final-de-semana', eu pergunto: 'você gosta de barulho, você quer curtir o quê? Quer curtir música? (...) Não, eu gosto de sossego, eu quero curtir a natureza... então Pipa tem um lugar para todos os gostos. (E-07)

Ora vista como cosmopolita, ora como caos, a verdade é que essa mistura tem feito Pipa despontar no cenário turístico nacional e internacional, gerando um grande fluxo de divisas para a comunidade local. De olho neste filão turístico, e com a ilusão de enriquecimento rápido e fácil, muitas pessoas decidem montar estabelecimentos comerciais

ou de serviço - ou apenas trabalhar neles - tornando-se, então, moradores de Pipa. Para alguns, esta é o verdadeiro significado da expressão "unir o útil ao agradável".

Segundo Araújo (2002) esta tem sido uma das principais razões do aumento populacional da praia nos últimos anos, fato que é confirmado pelos moradores locais, quando perguntados se essas pessoas estariam satisfeitas morando em Pipa:

> Ora que tão!! Que tão enricando, porque que não tão? Já tem gente de prédio. Tem gente que chegou aqui de cestinha no braço. Digo porque sei, hoje em dia é dona de prédio e de carro. Por que não vão ficar aqui? E de onde foi que ele arranjou essa riqueza? (E-09)

> Daqui dos turistas, né? (E-08)

Outro indício que fortalece a idéia acima são as constantes mudanças ocorridas no cenário urbano do lugar, de modo que há sempre lojas, pousadas e restaurantes novos. Isto quer dizer que há sempre alguém investindo, acreditando no potencial turístico de Pipa, e, consequentemente, num retorno financeiro vantajoso. Aliás, é surpreendente a quantidade de hotéis e pousadas existentes na praia atualmente, fato que impressiona até os moradores mais acostumados:

> Pipa cresceu muito, muito comércio, muitas pessoas de fora, muita pessoa diferente. Antes se sabia quem morava e quem não morava aqui. Hoje tem pousada que a gente nem sabe onde é. De repente você se depara com ela. (E-30)

Somado a estes indícios, muitos entrevistados assumiram o motivo de sua moradia, ou seja, a busca de melhores condições de vida através do retorno vantajoso de suas atividades comerciais, de forma direta:

> Porque eu vim trabalhar, vim a trabalho. (...) É, espero que sempre tenha... que sempre tenha trabalho, que sempre tenha turista, porque aí devemos amar ainda mais ela (Pipa), pra sempre ter. (E-03)

> Eu recebi uma proposta, eu não tava muito feliz em Natal. Aí eu recebi uma proposta pra vir trabalhar, aí eu vim pra passar um verão. Dentro da minha idéia, eu vim pra passar um verão, só que aí eu vi e falei, "não, eu vou ficar aqui!" (...) E me encontrei aqui, sabe? Arranjei um trabalho legal, fiquei ganhando uma boa grana e fui crescendo, e me casei... (E-17)

Às vezes com certo tom de vergonha e culpa:

> Ah, eu tô aqui por oportunidade de ganhar dinheiro, para ser bem sincero. Mas gosto daqui também. (E-04)

E indiretamente, quando perguntados como viam o grande aumento populacional de Pipa:

> Prejudica... prejudica o lado comercial, né? É mais concorrência. (E-02)

> Pelo contrário, ajuda, só nos ajuda. Porque os amigos do pessoal que vêm morar, quando foi vendido lá para os 'flats', vizinho lá aos pássaros, é... o pessoal disse: "Mas Florêncio, você não acha que vai prejudicá-lo esses 'flats', construídos aqui, vizinho a vocês?" E ele: "Não, pelo contrário, talvez até me prejudique um pouco agora, por causa da poeira, mas quando passar essa fase de construção, os amigos dos amigos dos moradores dos 'flats' vão querer ficar na praia, então a pousada mais próxima que tem dos 'flats' somos nós, não é?" Então, com certeza vai ser bom para nós. A gente tá acreditando nisso. (...) Eu tive uma visão de investidora ,né, assim, pra gente trabalhar... o campo aqui é muito bom para o trabalho. Então eu tive essa visão aqui de Pipa. (E-05)

Não apenas as pessoas "de fora" tiveram essa visão empreendedora, alguns nativos aproveitaram a oportunidade e conseguiram montar seus próprios negócios, obtendo recursos, muitas vezes, da venda de terrenos à estrangeiros. Entretanto a visão que eles têm dessa lucrativa atividade parece ser diferente da dos demais:

> Mas eu fiz sabe porquê? Por que não é bom a gente pegar no dinheiro e deixar parado. Isso daí pra mim tanto faz, tô nem aí. Eu sou uma pessoa pobre, que gosto de ser pobre, você já pensou? (E-11)

> Pelo modo de vida que a gente tinha antes, tá sendo bom porque a gente tá tirando o sustento melhor, né? É com o turismo. Porque antes tinha tudo e a gente passava necessidade, porque não tinha como sobreviver. Por uma coisa melhorou, e por outra coisa piorou. (...) Quando tem feriadão, eu gosto porque ganho a minha graninha, mas o sossego... (E-12)

Através desses depoimentos percebemos uma pitada de remorso, talvez por se sentirem contribuintes, co-responsáveis pelas mudanças ocorridas no cenário natural de Pipa e que nem sempre lhes agradam. Mas, considerando que pode ser ruim ter algum tipo de participação no desenvolvimento desordenado de Pipa, pior seria não aproveitar as oportunidades e assistir a invasão e a transformação do seu lugar por outros, já que este seria um fato irremediável.

Outro ponto interessante da percepção que estes moradores têm de Pipa turística é que, talvez em razão desta ponta de culpa, eles vêem seus negócios como uma forma de sustento, apesar de ter ocasionado uma considerável melhoria nas suas condições de vida. Ambições quanto ao crescimento e expansão de seus empreendimentos não estiveram

presentes em seus depoimentos, ao contrário, procuraram sempre justificar a existência deles, como se tivessem feito algo errado ou vergonhoso.

Nesta situação ainda se encontram a incerteza e a insegurança, se fizeram um bom negócio, uma boa troca, pois, se por um lado obtiveram benefícios, lucros, por outro, foram eles - os nativos - quem mais tiveram perdas, em todos os sentidos, econômico, cultural, social, etc. Eles conseguem perceber, embora nem sempre claramente, que seus progressos individuais tiveram um custo, um valor aparentemente ainda muito alto para a comunidade arcar. E até para eles próprios, o desassossego e outras mazelas do turismo parecem ser um custo bastante oneroso, aumentando a dúvida sobre os ganhos dessa troca. Já para aqueles que foram morar em Pipa com o objetivo de lucrar com o turismo, a relação custo/benefício parece ser sempre vantajosa.

Mas, de modo geral, os entrevistados afirmaram que o distrito possui muitas oportunidades de trabalho, embora não esperem ser empregados de outros por muito tempo, pois são conscientes do potencial turístico do lugar e nutrem expectativas quanto a prosperar economicamente e ter seu próprio negócio:

> Eu recebi uma proposta, eu não tava muito feliz em Natal, assim, aí eu recebi uma proposta pra vir trabalhar, aí eu vim pra passar um verão. Dentro da minha idéia, eu vim pra passar um verão, só que aí eu vi e falei, 'não, eu vou ficar aqui.' (...) Olhe, o dinheiro que rola aqui nessa praia, não rola em nenhuma praia do Rio Grande do Norte. Em proporção, assim, é porque Natal é grande, maior do que aqui e de outras praias, Ponta Negra, Genipabu, aquilo tudo, mas em proporção eu não sei, mas tem um giro assim, quase um percentual, se fizesse um percentual, daria igual a Natal, entendeu? Porque vem vôos diretos pra cá. Pipa é moda na Europa, você vai pra Portugal e você vê 'outdoors': Pipa, a praia do momento. (E-17)

> Não, eu não vou sair de Pipa porque tô investindo muito aqui, quero ter uma renda, botar o meu negócio... (E-02)

Pessoas de várias partes do Brasil e do mundo compartilham desse pensamento e integram a mão-de-obra local em diversos níveis, de vendedores ambulantes a grandes empresários. Dentro deste contexto, encontramos pessoas bem sucedidas em seus empreendimentos, ou expectativas, reinvestindo o capital dentro da própria comunidade e multiplicando seus negócios; e outros, que não foram tão felizes em suas escolhas ou na administração da sua (micro)empresa, sentindo-se insatisfeitos e revoltados com o lugar. Para exemplificar o primeiro caso, destacamos o casal E-05 e E-06, ex-veranistas, agora proprietários de pousadas em Pipa; e para representar o segundo, destacamos os E-04 e E-25,

que após várias tentativas mal sucedidas, um encontra-se numa fase de reflexão quanto a permanecer em Pipa e outro já trocou o lugar por Natal.

Há pelo menos 20 anos, e recém-casados, eles tiveram o primeiro contato com o lugar e logo se apaixonaram: compraram uma casinha de taipa à beira mar, que passou ser a residência de veraneio da família e amigos, e, após acompanharem de perto o desenvolvimento de Pipa, decidiram transformar a casa numa pousada. O negócio deu certo, e hoje, eles possuem uma segunda pousada, carros de transporte de turistas e E-06 é presidente de um partido político do distrito.

O que marca a experiência deste casal é o trajeto percorrido por eles até os dias atuais, refletindo na percepção que eles tinham quando chegaram, como visitantes/ veranistas, e a que teriam hoje, como investidores, empreendedores. Qual percepção prevalece? Qual o custo que o progresso, o turismo trouxe para eles? Será que suas visões, a cerca de tais transformações, aproximam-se mais das dos nativos, para os quais o desenvolvimento tem um custo maior, ou daqueles cujo principal objetivo é prosperar economicamente?

Através de seus depoimentos, percebemos que tais percepções, bem como o novo papel social que assumiram dentro da comunidade, não estão bem definidos ou distintos até para eles próprios, que, em muitas situações se encontram divididos entre objetivos e situações conflitantes, como por exemplo, o bem-estar da coletividade e os interesses dos hoteleiros.

> (...) hoje ele (E-06) é presidente de um partido político daqui do município e não consegue separar o que é dele, às vezes, eu, né? De qualquer maneira, a gente pensa mais no lado da razão, a mulher, mesmo que a sociedade e a Psicologia dizendo que a mulher age muito pelo coração, mas na maioria das vezes, a gente age também com a razão. Aí eu conversando com ele, eu disse: "Florêncio, você não pode pensar só nos problemas de Pipa, porque se não, teus negócios não vão andar." Que ele pensa muito nos problemas da comunidade, no problema do futuro de Pipa, como vai ser daqui a 5 anos, 10 anos, do que a pousada dele, se vai ter cliente hoje, e vai ter que conservar essa clientela daqui a 5, 10 anos, sabe? (E-05)

De fato, E-05 parece ter assimilado seu novo papel como empresária, e os interesses que decorrem desta atividade, melhor do que seu marido, E-06. Entretanto, ela não esqueceu o que Pipa representou, e ainda representa, ao longo desses anos:

> Quando se fala em Pipa?... A minha vida. (E-05)

E complementou relembrando como foi o início de sua relação com sua vida em Pipa:

> Então não tinha ninguém, só tinha a minha vizinha que era minha colega de turma sabe? E ela era casada também, recém-casada na época e nós criamos, as nossas crianças nasceram quase as idades iguais né? Ela teve três, eu tive três, né? Nós quando terminamos o curso... Então a gente todo final de semana, o nosso programa era vir pra Pipa, pra ficar na praia com as crianças e tal, aquela coisa de família mesmo, sabe? Inclusive a estrada era toda de barro, de Tibau do Sul até Pipa. Aquela ladeira ali, quando chovia, ninguém passava, a gente colocava a bagagem dentro do carro e todo o pessoal da praia empurrava o carro pra subir pra poder a gente entrar no carro. Imagine só. (E-05)

Também relatou como foi o período de transição para uma Pipa mais movimentada:

> Então eu acho que a minha vida é Pipa. Aí eu ó, consegui educar meus filhos... o pessoal, todo mundo falava da, do perigo que existia em Pipa, com relação às drogas, mas, como eu me criei na praia, né, na praia do meio, eu disse: "Olha gente, toda praia, todo lugar que tem fluxo turístico, principalmente, está propício às drogas, mas a pessoa escolhe o caminho das drogas se quiser!" (...) Então eu acompanhava muito meus filhos nesse aspecto, eu dizia: "Olhe, não vá, não aceite bebida do copo de alguém, não pegue carona de ninguém, né? Você sai com o grupinho de amigos que você conhece e que você convive..." E graças a Deus eu tive sorte, que meus filhos nem beber, bebe. Não bebe, não fuma, né? Gosta de passear, gosta de turismo...(E-05)

Até que hoje, numa outra configuração social e econômica, ela consegue perceber Pipa a partir de um novo referencial, e, consciente do potencial turístico do lugar, sabe direcionar seus interesses, tirando o máximo proveito das oportunidades que surgem a cada momento. Isto fica evidente na sua resposta sobre o que sente saudades:

> Não. Porque... Não, acho até que até certo ponto foi bom essa, essa... a modernização, a evolução de Pipa, porque facilitou para as escolas, para a cultura, né? Para as pessoas que moravam aqui. Porque antigamente, antigamente que eu digo é a trinta anos atrás, que é o período que eu tô aqui mais ou menos, né, era assim, muito esquisita a praia... não tinha ninguém. (E-05)

Já o E-06, parece resistir a enxergar Pipa de outra maneira, diferente daquela de quando a conheceu, o que o faz, muitas vezes, quase perder o foco dos negócios, não fosse salvo pela mulher. Em seu depoimento, o E-06 demonstrou estar mais ligado às pessoas e relações daquela época, relembrando os tempos de veranista, sem mostrar uma percepção modificada, transformada, ao longo dos anos, e do desenvolvimento de Pipa, como fez a E-05.

Além do comentário de sua esposa de que E-06 "às vezes confunde os interesses dele com os da coletividade", não tivemos dúvidas, após conversar com ele, de que preferia Pipa do tempo que a conheceu. Um sentimentalismo, saudosismo com relação a pessoas e lugares esteve sempre presente em suas falas, marcada por interrupções, pausas e silêncios, como quando perguntado se sentia saudades de alguma coisa:

> De Pipa nativa... Onde a gente vinha exclusivamente para veranear. Esse... realmente, não tem, não tem... dispensa comentários. Era quando Pipa realmente era mais gostosa. É porque a gente convivia, existia uma convivência mais familiar, a gente convivia mais com a noitada de Pipa sem esse agito, certo? Mais pacata, mais tranqüila, mais interiorana, sabe? A gente se sentia muito mais num lugar paradisíaco, o que hoje, talvez por esse avanço que ela teve, deixou de ser esse lugar paradisíaco, que realmente a Pipa era de quando eu cheguei aqui, ou a 10, 15 anos atrás, onde a gente se juntava na casa de cada um, fazia a brincadeira dos carnavais, fazendo "assalto" na casa de cada um. A gente se combinava e fazia uma brincadeira diferenciada, certo? (E-06)

Fica clara a importância que a Pipa do passado teve para ele, de modo que hoje, ela parece não ser mais tão encantadora, embora reconheça que, para muitos, que a estão conhecendo pela primeira vez, ela pode ter ainda seus encantos:

> (...) é que ela deixou de ser uma praia nativa, para ser uma praia de movimento turístico. Então tem agito, sobretudo quando tem feriadões. Então a gente passa a viver numa, num agito constante... numa diferença muito grande de uma praia simplesmente de veranistas e pescadores, de nativos... onde viviam da pesca, né? da caçoeira, da jangada... (...) Exatamente pela propagação que Pipa passou a receber de várias partes do mundo, e também, uns por essa convivência com a natureza, que, de qualquer maneira, é uma praia, mesmo ela deixando de ser paradisíaca no sentido que eu falei, mas para uns ela continua sendo paradisíaca. São tantas as pessoas que aqui chegam... (E-06)

Esta forma de enxergar Pipa, ou de se enxergar dentro dela, aproxima sua percepção da dos moradores nativos, que se sentem divididos entre a simplicidade e rusticidade do passado e as facilidades e oportunidades do presente. Demonstram estar satisfeitos com o retorno financeiro dos negócios, mas, ao mesmo tempo, conscientes do preço que pagam por isso (falta de segurança, de tranqüilidade, prejuízos para o meio urbano e natural, e etc.).

Para exemplificar o segundo caso, em que as pessoas foram mal sucedidas em seus empreendimentos, fato que pode ter influenciado nas suas percepções do lugar, destacamos o E-04 e o E-25. Para o último, a experiência foi curta: após dois anos de tentativas fracassadas de ganhar dinheiro em Pipa, retornou a sua cidade natal, mas demonstrou não guardar rancor do lugar que o acolheu: "Continuo gostando de Pipa, mas não quero mais morar lá". (E-25)

O mesmo não ocorre com E-04, que conheceu Pipa por intermédio de amigos, há aproximadamente 08 anos, quando o lugar já despontava no cenário turístico nacional e internacional. De olho neste filão, e em suas habilidades esportivas, decidiu investir numa escola de *surf* e em aluguéis de pranchas para turistas, o que não tem gerado o retorno financeiro desejado. Ultimamente, ele tem tentado diversificar seus serviços, oferecendo

passeios de *landhover*, mas suas expectativas com relação ao ambiente não vêm sendo atendidas satisfatoriamente, prolongando sua estadia em Pipa com muito suor e sacrifícios.

A diferença entre ele e o E-25 é que este último conseguiu sair de uma situação de insatisfação, deixando Pipa e as expectativas frustradas para trás, reestruturando-se e recompondo-se novamente em outro lugar. Enquanto isto, o E-04 continua a insistir, sem grandes êxitos, em melhorar de vida num ambiente econômico de oscilações enormes (entre baixa e alta estações, por exemplo) e com um mercado já saturado.

Não só convivência com as expectativas frustradas, mas a insistência, a busca incessante e cansativa em alcançá-las, gera um sentimento de insatisfação, uma incompatibilidade sentida entre o indivíduo e o ambiente, ocasionado, frequentemente, danos na sua identidade e auto-estima (Manzo, 2001; Twigger-Ross & Uzzell, 1996). Esta relação conflituosa pessoa-ambiente ficou evidente no diálogo com o E-04, que foi marcado por contradições e afirmações desesperançosas, cansadas, e às vezes, com certo tom de culpa, por achar que se interessa mais pelo aspecto econômico do lugar, do que por qualquer outra coisa (ver depoimento dele na página 119).

Tal insatisfação parece ter influenciado uma percepção predominantemente negativa de Pipa, como se a responsabilidade pelo não atendimento às suas necessidades e expectativas fosse exclusivamente do ambiente. Quando descrevia Pipa, relatou o crescimento desordenado, algo próximo do caos, fora de controle, transparecendo o fato de que ele próprio não consegue mais se enxergar - ou entender sua participação - na relação com o lugar, mas sente dificuldades em deixá-lo:

> Imagem de babilônia. Porque tá uma babilônia isso, se for ver... muito suja. A Pipa tá muito suja. Muito roubo, muito assalto, assalto à mão armada. Teve duas meninas que foram violentadas ali no santuário ecológico, que era um lugar que eu dizia todo tempo pra minha filha visitar quando vir aqui, entendeu? Cara, é difícil controlar ali. É muito grande aquilo dali. E... Pipa já é... não sei... acho que não é um lugar mais tão legal, não. Mas é, não estudei, o que é que dá... ficar aqui ralando! (E-04)

A todo o momento o E-04 se contradisse: afirmou estar deixando Pipa - ou pelo menos planejando isso para um futuro próximo - e logo após disse estar pensando num novo investimento:

> Atualmente eu tô querendo muito sair de Pipa. (...) Não, eu tenho que terminar ainda, porque como eu disse, eu tô fazendo um projeto de escola de 'surf', que era com Calunga, agora eu tô fazendo só. (E-04)

Outro momento, afirmou não ter vínculos com o lugar, mas assegurou que só deixaria Pipa definitivamente quando sua filha assumisse seus negócios:

> Eu não acho que eu sou uma pessoa apegada a Pipa, eu acho que não. Nem tenho nenhum tipo de vínculo... eu já passei três anos viajando... já morei dois anos no México... tô até pensando em viajar de novo. Pegar meu carro e sair por aí. (...) Minha filha querer tomar conta disso aqui. Não, se ela quisesse tomar conta, aí eu pô, então tudo bem, aí eu não teria mais o que estar fazendo aqui, entende? (E-04)

Deste modo, mesmo após dialogar com o E-04, ainda restou-nos dúvidas de qual seria sua relação com Pipa, e se a não concretização de suas expectativas influenciou, de fato, sua percepção do lugar. Por outro lado, entendemos que sua indicação por mais de um morador talvez tenha se baseado na sua persistência em alcançar seus objetivos, permanecendo no lugar apesar das dificuldades.

Entretanto, o sentimento de incompatibilidade pessoa-ambiente e a insatisfação com as condições de vida não se revelou apenas no discurso do E-04, mas também no de pessoas que, apesar de sobreviverem do turismo, lutam em prol de um crescimento urbano ordenado e preservação do meio ambiente natural, como E-19 e E-20, que fazem parte do Núcleo Ecológico de Pipa (NEP).

Atraídos pelo estilo de vida pacato e rústico de Pipa, há cerca de 10 anos, decidiram morar no local, tendo um se preparado para montar seu próprio negócio (E-19 colocou uma loja de *surfwear*) e outra começando como a maioria, trabalhando em bares, restaurantes e hotéis (E-20 foi garçonete e hoje trabalha numa espécie de biblioteca, com livros de vários idiomas).

> Meu desejo era morar numa praia justamente como Pipa. Eu conheci era aldeia e depois eu trabalhei... a primeira vez que eu vim aqui foi em 78, faz muitos anos. Aí depois disso aí, eu trabalhei, trabalhei, mas pra que depois eu viesse morar numa praia, aí eu escolhi Pipa. (...) Eu escolhi por se tratar de uma praia selvagem próximo aqui a Natal, perto da minha família e que aqui ia oferecer pra mim também condições de vida, por exemplo, o peixe, a mandioca, uma vida fácil na praia. Mas quando eu cheguei aqui, eu não sabia que ia acontecer tudo isso. (E-19)

> Porque aqui era lindo, é lindo ainda, mas porque aqui tinha qualidade de vida, tem qualidade de vida, natureza linda, tem pessoas alternativas de todo mundo que vieram pra cá, pessoas que buscavam a qualidade de vida, em busca do paraíso. Só que as coisas vão mudando, tá? (E-20)

Para eles, a Pipa de hoje pouco tem a ver a que conheceram, gerando incongruências entre as suas necessidades e as características ambientais, mas se esforçam em tentar

minimizar os efeitos da explosão turística, restaurando, assim, a relação de compatibilidade e identidade que existia antes. Apesar dos esforços despendidos, há um sentimento de impotência muito grande, diante do poder e da ambição dos grandes empresários do turismo, o que faz com que ambos pensem na possibilidade de deixar Pipa definitivamente, caso ela se distancie ainda mais daquela primeira percepção que tiveram, quando chegaram.

> Porque as construções irregulares, as pessoas que tão vindo pra aqui que não têm nada a ver com o lugar, a destruição em si, a mata, o verde de Pipa, já foi 70% destruída, a poluição, os esgotos. A Pipa tá o caos, pra mim tá o caos. É o lixo... (...) eu defendo Pipa até. A gente tem uma Ong aqui, que desde que eu cheguei aqui que a gente começou a trabalhar em defesa do meio ambiente, coisa que ninguém escutou a gente... (E-19)

Além do potencial turístico, eles percebem o potencial cultural e intelectual de Pipa, graças ao encontro de pessoas e de informações do mundo inteiro, porém, entretanto, esta riqueza não é bem aproveitada, por não haver uma articulação adequada e direcionada para solucionar os problemas mais graves do distrito:

> Aqui é... tem pessoas ótimas que moram aqui. Só, o único problema daqui, o maior problema daqui é a falta de comunicação entre essas pessoas, porque aqui, aqui se tem biólogos, aqui tem advogados, tem agrônomos, aqui tem ecologistas, tem tudo, todos os profissionais, profissionais de informática, todos moram aqui, com formações em todo mundo, de todo o mundo, e se essas pessoas se unissem , se nós nos uníssemos, Pipa poderia arrasar sabe, em educação, em meio ambiente, só que falta comunicação entre as pessoas. (...) É, tem que organizar o crescimento, ele é um crescimento desorganizado, Pipa pode ser maravilhoso. Com o capital cultural que tem, e individual de formação que tem aqui, se isso for bem utilizado, tem jornalistas maravilhosos, fotógrafos maravilhosos que moram aqui de todo o mundo, se forem pegar todo esse pessoal aqui, Pipa pode ser exemplo, agora vai depender da união das pessoas que moram aqui. O pessoal não quer nem saber sabe? Todo mundo já viveu sua vida, vem pra cá pra descansar. (E-20)

Enquanto isso, os problemas urbanos e ambientais de Pipa se agravam, gerando insatisfação nos moradores:

> O que eu modificaria? Primeiro a rua. Se eu pudesse ninguém passava lá de carro. Naquela primeira, a principal. Aquela rua ficava só para pedestres. Se eu pudesse mudar, era a primeira coisa. (E-03)

> (...) essas coisas de saneamento, de assalto... o prefeito liberou para construir aí desordenadamente..., aí não vai mais ter lugar para estacionamento nem nada. Cada um faz o que quer. (E-04)

> Porque um destino turístico ele deve ser visto como um destino turístico, e não desprezado pelo poder público. A Pipa está suja, está maltratada... ainda não concluíram o saneamento, ninguém sabe quando vão concluir, certo? Existem projetos do Prodetur para melhorar isso daqui, mas realmente ninguém sabe pra quando, não tem escrito: "vai começar tal dia, em tal tempo". Existem melhorias na estrada, existe todo projeto para melhorar isso daqui. Existem projetos... mas na prática... até agora nada. Tem que melhorar inclusive a segurança, tem que melhorar a

> segurança. Prometem que vem um pelotão pra cá, mas já tem meses prometendo e até agora nada. Esperamos que agora[10] isso seja agilizado, isso possa ser feito. (E-06)

Além disso, há a preocupação, não apenas com a qualidade de vida, mas com o sustento dessas pessoas, que hoje vivem praticamente das atividades turísticas na região.

> Aí tem o lixo, tem o esgoto, tem a administração que é terrível, não quer fazer nada, então a gente fica assim né? Isso é burrice, a gente tá matando a galinha dos ovos de ouro. Tá matando. As pessoas são ignorantes, isso é ignorância, não têm visão de futuro. (E-20)

Desta forma, não apenas a paisagem de Pipa se encontra ameaçada, mas toda uma atividade econômica que hoje vigora no lugar, e que não se sustenta sem a manutenção mínima dos elementos que compõem o ambiente, o estilo de vida e a cultura locais, e que representam os maiores atrativos para os turistas. Nesse sentido, apenas poucos vislumbram essa trágica possibilidade:

> (...) O pessoal que nasceu aqui, que cresceu que viveu, eu considero assim, como se fosse primitivos, eu tenho até um certo, muito respeito por eles, porque nunca saíram daqui, não teve uma educação fora, então são pessoas de idade que passam aquilo para os filhos, que embora eles estudem, mas que fica aquela coisa. Mesmo a gente quando começou o núcleo ecológico, eles não aceitaram. Eles não entendiam, o meio ambiente... Tem que partir de uma coisa bem antes da prática. Mas quando a gente percebeu que a destruição tava chegando, a gente começou a avisar não é? Aí começamos a divulgar tudo isso. Agora é que eles tão sentindo uma grande necessidade, e tão procurando a gente agora. E agente sente-se obrigado a continuar o trabalho. A gente vamos agora mesmo ativar o núcleo, fazer uma nova diretoria, vamos, pelo menos enquanto eu tiver aqui, eu vou lutar pra deixar alguma coisa de bom pra o futuro. (E-20)

> O pessoal diz que tão desmatando por aí tudo, mas eu acho também que não é assim não. Não é isso tudo não. Eu acho que tem tanta natureza por aí... e o povo diz que tá se acabando. (E-03)

Se, por um lado, os nativos são tidos como ignorantes, primitivos, por não entenderem a gravidade do problema, por outro, eles, juntamente com aqueles de maior tempo de residência, são apontados como os que mais amam Pipa, pelos motivos que os levaram a morar lá, que, supostamente, não tinham relação com qualquer tipo de ambição financeira, até porque àquela época, Pipa era praticamente desconhecida:

> Olhe, quem ama a Pipa são os antigos. Os antigos que chegaram aqui porque Pipa era linda e queriam qualidade de vida e não queriam encher o bolso de dinheiro como é a ilusão da maioria das pessoas que tão chegando agora. O que tá destruindo Pipa é a ambição. Pelo dinheiro. Pô, pega uma área maravilhosa, fazem um 'resort' com 70 apartamentos, horríveis igual ao de São Paulo. O turista que vem pra cá, o turista não

---

[10] Depois das eleições municipais, em que o prefeito foi reeleito.

> quer ver apartamento, que ver árvore, que existiam, todas as árvores. Então essas pessoas são ignorantes, entende? Não conseguem ver o futuro, acham... tão destruindo, destruindo o meio ambiente. Eles vieram só pra destruir, com a ilusão de ganhar dinheiro, porque tudo é uma ilusão, tudo mentira. Quando chega aqui, é bom, e com o mesmo nível de vida que sempre teve fora. Tu vai viver de acordo com a vida que sempre viveu, vai trabalhar, vai enriquecer ou empobrecer, vai depender de ti. Vai ter qualidade de vida se tu buscar, e as pessoas são extrativista porque constróem, constróem, vêem que não dá certo, vamo embora e deixando o lugar. Essas pessoas não amam, as pessoas mais antigas é que amam. (E-20)

O depoimento acima traduz e resume a idéia trabalhada neste item, ou seja, como as pessoas a percebem Pipa atualmente, num contexto de muitas e variadas oportunidades de trabalho e como essa percepção é elaborada por aqueles que a conheceram numa configuração econômica, social e cultural bastante diferente. Assim, podemos afirmar que diferentes aspectos da Pipa turística saltaram aos olhos de cada morador entrevistado, de modo que, para os nativos, as novidades e o luxo de algumas dessas instalações, e talvez a possibilidade de melhorar de vida, tiveram um destaque maior; já para outros que apenas a conheceram recentemente, prevalece a percepção das oportunidades ocasionadas pela atividade turística, a ilusão de enriquecimento; e ainda, para os que permaneceram desde Pipa primitiva, na maior parte das vezes, predominou a percepção do ambiente do passado, com o qual provavelmente tiveram uma maior identificação.

A frustração de algumas expectativas, especialmente aquelas associados ao ganho de capital, bem como as grandes mudanças no cenário de Pipa fizeram com que alguns entrevistados ressaltassem os pontos críticos do distrito e a falta de atenção do poder público e moradores em geral.

5.5. Aprendendo com os sentimentos: Amor, Apego e Afiliação

Depois de estudar alguns conceitos pertinentes ao tema abordado, como por exemplo, identidade do lugar, apego, topofilia, satisfação residencial, etc., comentados no item "2.1- Lugar meu, seu e nosso", foi elaborado o instrumento de pesquisa e realizadas as entrevistas. Como na fase de pré-testagem nos deparamos com ajustes inusitados (sugestões dos próprios sujeitos, ressalvas e correções quanto ao uso ou emprego de uma ou outra terminologia para se referir à sua relação afetiva com Pipa), decidimos não partir do pressuposto de que eles

seriam apegados, vinculados a Pipa de alguma maneira. Tal decisão teve por base a constatação de que o uso e significado do termo "apegado" não pareceu claro a todos, de modo que tornou-se mais importante, tentar entender como é sua relação emocional com o lugar, a partir das suas próprias palavras e explicações. Como esperávamos que as entrevistas ocorressem num clima de emoções e afetividade, resolvemos começar explicando à pessoa a sua indicação por outras, que a consideraram amar Pipa. Partindo disso, perguntamos diretamente se o indivíduo considerava amar Pipa, visando coletar seu pensamento a respeito de sua relação com o lugar.

Embora para alguns, uma pergunta tão direta e íntima tenha causado certo constrangimento (especialmente para os estrangeiros, que hesitaram por mais tempo antes de responder), a maioria aceitou a questão de imediato, respondendo-a de modo natural, como se estivéssemos perguntando "qual o seu nome?". Entre aqueles que se sentiram pegos de surpresa, a reação mais evidente foi não querer se comprometer assumindo previamente (e explicitamente) uma situação que poderia ser desmentida ao longo da entrevista, e optando por respostas menos comprometedoras, como:

> Eu não amo, não, eu gosto. Gosto muito. (E-02)
>
> Amar, eu acho que... eu amo meus filhos. (E-04)
>
> A palavra amar é muito forte. Eu acho que eu não amo não. Amar é fazer alguma coisa de bom pra Pipa, e eu não faço. (E-30)

Mas, a maioria das respostas foi afirmativa e enfática, correspondendo a sentenças repletas de certeza e intensidade. Após a confirmação, sucediam-se explicações, relatando o fato de terem nascido e vivido no local a vida inteira, sem sequer ter tido a vontade de deixá-lo, ou de tê-lo conhecido num momento da vida muito especial, guardando essas lembranças até hoje. Percebemos que, mesmo com uma pergunta inicial tão direta, os entrevistados se sentiram à vontade em responder, discorrendo, espontaneamente, sobre sua relação afetiva com Pipa e facilitando o desenvolvimento do diálogo.

> Ah, amo, adoro a minha Pipa. Meu lugar é esse. (E-08)
>
> Amo, amo demais, amo... (E-13)
>
> Amo. Sou apaixonada por esse lugar. (E-17)

> Ah, com certeza! Eu particularmente amo muito a Pipa. Isso eu vim pra aqui há mais ou menos 20 anos, tive aqui casa de praia e no lugar hoje é a pousada. Então eu amo isso daqui de coração. (E-06)

> Com certeza, desde criança, né? Desde criança, que os meus filhos eram crianças, que eu conheci a Pipa. Eu era ainda estudante universitária de Letras quando vim a Pipa. Era recém-casada. (E-05)

> Claro! Sou filho daqui, a mais de 50 anos. Conheço a Pipa, sou da Pipa do carro de boi, sou da Pipa primitiva, quando aqui era uma colônia de pescadores, pescadores e agricultores que viviam da subsistência. (E-07)

Complementando a questão anterior, perguntamos se os mesmos se sentiam apegados ao lugar, de modo que não quisessem deixá-lo ou, que se tivessem de fazê-lo seria com alguma dificuldade. Este momento foi bem mais delicado que o anterior, pois a palavra "apego" demonstrou possuir, muitas vezes, uma conotação negativa, como uma relação de dependência prejudicial, doentia, sem contar que, para alguns religiosos fanáticos, o termo remete a "algo que impede de atingir o Reino dos Céus".

> Eu administro bem isso, em tudo na minha vida. O apego, não sei... Eu amo de paixão muitas coisas, mas, até espiritualmente falando, eu procuro sempre tentar entender a distância, sabe, até a falta. Pra não enlouquecer né? (E-21)

É interessante verificar que entre aqueles que deixaram de morar permanentemente em Pipa, por razões diversas, o apego parece ter sido superado, favorecendo a mudança de lugar e o reajuste emocional na vida dessas pessoas.

> Não, eu ainda gosto de Pipa, mas não quero morar. (...) A Pipa agora, a noite, é 5Km, 5 minutos, pego o carro, deixo lá, canto de cemitério e vou a Pipa. Pipa tava suja demais, quando chovia era água em tudo que era canto, mas era um vilagio bonito demais, a gente era boa, agora tudo ... não sei. (E-22)

> Deixei aqui, que eu não moro aqui mais, venho só visitar. Morei muitos anos, durante 10 anos, (passando mais tempo aqui do que lá) mas faz dois anos que eu venho mais como visitante. (...) mas é que a vida, algumas escolhas na vida é difícil, fala mais alto. Tenho filhos pra criar. Agora, agora esta época não é hora pra ficar aqui, mas eu venho. (E-23)

Há também os que moram em Pipa, mas estão pensando seriamente em mudar, como é o caso do E-19, que se diz místico, com missões a cumprir neste planeta, tarefas para as quais a estagnação e o apego são tidos como empecilhos.

> Sim, no início, há muitos anos atrás, eu tinha uma grande paixão por aqui. (...) Agora não, esse apego, esse apego, eu, por exemplo, não tenho apego de morrer de paixão por aqui, eu tô aqui de passagem você compreendeu? (...) Não é que eu cansei, é que eu tenho alguma coisa pra fazer também além daqui. Muito antes eu já tinha esse

> propósito, eu sou místico, e eu quero ir até a Índia, é lá onde tá o povo que eu gosto. Aí lá eu não sei quanto tempo eu vou ficar. Mas eu volto. (E-19)

Além disso, houve aqueles entrevistados que fizeram questão de explicar por que não eram apegados, reafirmando sua liberdade de ir e vir e sua independência, inclusive emocional, de uma forma bastante orgulhosa, como se, necessariamente, o "ético", o "belo", ou o "heróico" fosse não ter apegos.

> Não, eu não acho que tenha esse apego não. Eu gosto daqui, de ficar aqui, mas esse apego, de não querer sair, não. (E-01)

> Não é apegada, né cara? É gostar do lugar que mora, é gostar das coisas, gostar da vida. (...) Eu gosto das pessoas que moram aqui, gosto da praia, tenho amigos, maravilhosos, tenho uma vida boa, faço o eu gosto, faço o que eu quero. (E-20)

Outros ainda se disseram não apegados por convicção, ou pelos seus próprios conceitos, como por exemplo, o E-04 que afirmou não amar nem ser apegado a Pipa porque está lá com intenção de ganhar dinheiro. Para ele, pessoas que amam e são apegadas verdadeiramente, não visam o lucro, simplesmente, acreditamnuma causa nobre.

> Acho que aquele pessoal lá do Santuário Ecológico. (...) os cara cuidam muito daquele parque, se você for olhar da Pipa dali do santuário, da parte do santuário até aqui, você nunca vê lixo, na Pipa você vê em tudo que é canto. É porque tem dois velhinhos que todo dia andam aquilo dali tudinho e tal, recolhendo o lixo que as pessoas vão jogando, as latinhas de cerveja e tal. (...) Porque fazem as coisas não por dinheiro, fazem por... sei lá... porque gostam. (E-04)

Em contrapartida, como aconteceu na questão anterior, a maioria dos entrevistados se assumiu apegada a Pipa, com o mesmo orgulho dos que não o fizeram.

> Ah, se somo. (E-13)

> Olhe, com certeza! Quem é apegado ama e quer o bem. É tanto que meu marido é tão apegado, que quando ele pensa nos problemas de Pipa, ou dele, ele não pensa no problema isolado, ele não pensa no problema dele com relação a Pipa. Ele pensa no problema da coletividade, né? Por isso eu digo que eu não sou uma pessoa apegada a Pipa, e sim, "apregada" a Pipa. (E-05)

> A tranqüilidade é... a natureza... você convive com a natureza viva, olhando para o mar, diariamente, então tudo isso faz com que a gente se apegue, né? E o relacionamento que a gente tem aqui é muito bom. Sempre tive um relacionamento muito bom com os veranistas e também com os moradores daqui, hoje com os companheiros, digamos, tudo daqui de Pipa. (...) Logo que eu conheci, já comecei a gostar, né? E na proporção que a gente foi implantando os nossos negócios aqui, então juntou o útil ao agradável, aí passou a amar de um outro tipo. E o lazer, que a gente convive com a natureza muito mais, sem aquele estresse do dia-a-dia da capital, né? Então a gente tem tudo pra amar isso daqui. (E-06)

É Interessante notar que, na afirmativa anterior, E-06 refletiu brevemente sobre sua percepção e sentimentos com relação Pipa desde o momento que a conheceu, chegando à conclusão que hoje a ama de uma maneira diferente, por seus negócios estarem locados lá. Esse amor diferente suscita questões relacionadas a: atualmente ele estar envolvido numa relação de maior dependência do lugar, e em função disso, parece adotar posturas e atitudes diferentes daquelas com as quais estava acostumado, como participar mais ativamente das atividades da comunidade, primar pela preservação do meio ambiente e bem-estar dos moradores, e similares, como forma de garantir sua própria qualidade de vida.

Por sua vez, outras pessoas indicaram ter notado a existência de um vínculo emocional apenas quando, frente a necessidade de deixar o lugar (visitar parentes ou a passeio), não o fazem, ou sentem-se desconfortáveis em estar longe, desejando estar de volta o mais breve possível. Vários dos entrevistados saem de Pipa apenas em casos de grandes necessidades, como doenças ou eventos familiares (casamentos, enterros e similares).

> Eu tenho minha família toda no Rio e eu nunca fui. (...) Tem meu pai, morou 25 anos lá e minha mãe 18, e vieram morrer aqui na Pipa. (E-14)

> Sou, eu acho que... eu sou. Eu sinto quando eu viajo. Porque as vezes eu quero sair daqui por achar que aqui é a mesma coisa, essa coisa de praia, aí quando eu viajo, aí eu tô longe assim, dá um mês, dá uns dias aí eu não, eu quero voltar pra lá, é lá, é lá mesmo. Como eu sinto falta e fico tentando ligar pras pessoas pra sentir um pouco a Pipa, aí volto, não dá. (E-17)

> Eu não! Tem dia que eu vou pra Natal, tem dia que eu vou fazer um exame assim, que nem eu fui semana passada, lá do coração, aí a consulta era 9 hora do dia, quando deu doze hora eu já tava doido pra vim embora. (E-13)

Ressalte-se que esse tipo de sentimento foi relatado inclusive por alguns estrangeiros, como o E-24, sueco que costuma viajar a trabalho, segundo o qual, o retorno ao lar é sempre esperado por ele.

> (...) às vezes passo na Suécia, mas sempre quero passar aqui. (...) Não, não, eu não acho que eu não vou deixar não. Este lugar, eu não posso. (E-24)

Reforçando as indicações da literatura em Psicologia Ambiental (Amérigo, 1998; Bow & Buys, 2003; Hummon, 1992), foram freqüentes os comentários sobre as pessoas que compõem o lugar, a relação entre elas e a dificuldade em deixá-las, caso fosse necessário.

> O que mais gosto? Quando tem onda boa lá na lajinha, e também dos meus vizinhos, é uma família que eu adoro. (E-04)

> Eu tem pessoas aqui, tem muitos amigos já, é difícil viajar pra outro lugar, eu tenho,... eu gosto de ficar aqui em Pipa. (E-16)
>
> Conheço... esse lugar é o lugar no mundo que eu conheço mais gente. (E-23)

Para discutir o envolvimento dos entrevistados com a população local, nativos ou não, optou-se por partir de um comentário interrompido: "Pipeiro, pipense,... como é que vocês chamam aqui?" Além da possibilidade de descobrir-se algum dialeto local, como eles se chamam, e se distinguem, a intenção da pergunta foi introduzir a próxima questão, sobre a definição do termo, pois queríamos nos certificar se pipeiro/pipense é apenas quem nasce em Pipa, ou inclui outros moradores, por quaisquer outras razões (ter filhos nascidos no lugar, ter passado boa parte da vida, ter um outro tipo de envolvimento emocional com a comunidade local, e etc.). Assim, essa questão se refere basicamente à forma como eles se percebem e percebem os outros dentro do distrito, e a relação de cada um com o lugar onde vive.

Quanto à toponímia, não houve consenso, entre pipeiro, pipense e até pipiano, embora a segunda opção tenha sido a mais citada, e por isso, adotada neste trabalho para nos referir a comunidade local.

Já com relação a quem pode se encaixar nesta terminologia, percebemos um impasse, um clima tenso, mas não declarado, entre os nascidos e não nascidos em Pipa, como se o fato de terem nascido, e serem, portanto, um verdadeiro pipense, nativo, fosse a única coisa que ainda lhes restasse de sua identidade, e do seu povo, um direito que ninguém poderia lhes tirar.

> Não, eu não me considero. O fato de eu gostar, eu acho que não me dá o direito de invadir o espaço... invadir o espaço de quem é pipeiro. Chegar e dizer "eu sou pipeira", eu não sou né? Gosto, adoro, adoro as pessoas de Pipa, mas acho que seria invadir o espaço. (E-03)
>
> Agora tem muita gente que diz "nós somo nativo". Você não é nativo, que você não nasceu aqui! Nativo é quem nasce aqui. (E-09)

Saliente-se que, ambas as partes aparentam sentir essa dificuldade, de modo que, em alguns casos deixa os ânimos exaltados:

> Não, eu sou local na realidade. Porque aqui existe um lance de nativo,.. a não, eu sou nativo, então eles acham que têm vez, em tudo. Mas agora, ultimamente tem acabado isso, ta menos. (...) É, porque do mesmo jeito que eles contribuem, eu também contribuo e muito mais, porque eu gero emprego, tá entendendo? E dentre outras coisas, porque os nativos, eu sinto um pouco... têm despeito deles mesmos porque eles saíram vendendo tudo que eles têm aqui, tá entendendo? Aí agora tão vendo que as pessoas... porque eles não tinham capital pra poder investir que as

> pessoas teriam, aí vendem aí depois ficam tudo "ah, porque eles vêm pra cá..". vendeu porque quis, porque precisava, né? É complicado demais, mas assim... tem mudado, esse negócio de nativo. (E-17)

Talvez esse tipo de perspectiva tenha influenciado a maior parte dos entrevistados, que definiu pipense como aquele que nasce em Pipa, a não ser para algumas pessoas específicas, cuja definição diferenciada lhes foi conveniente. Por exemplo, para E-07, que nasceu em Natal, pipense são todos os habitantes de Pipa, inclusive ele próprio, e para E-06 são todos aqueles que convivem em Pipa, e, portanto, agora ele passou a ser um deles.

> Sou filho daqui, a mais de 50 anos. (E-07)

> (...) que mora em Pipa, que vive em Pipa, que convive em Pipa. Então a gente passou a ser pipense. (E-06)

Por sua vez, no caso de E-12, cuja família é nativa, mas as filhas não nasceram em Pipa, a definição apresentada tem maior amplitude, aliás, na medida exata do seu interesse em integrar as meninas à comunidade nativa:

> Quem nasceu, como eu nasci, e até hoje, eu tô morando aqui. Agora quem nasce, não aqui, como minhas filhas, nasceram em Natal mas se criaram, tão se criando aqui, é uma pipense. Você veio pra cá com essa idade, então você não é pipense, você é moradora de Pipa. (E-12)

Como o lugar de nascimento não é algo que a pessoa possa escolher, enquanto o lugar de moradia o é, questionamos os entrevistados não nativos quanto ao fato de se sentirem pipenses. Isso possibilitou-lhes falar mais livremente sobre o seu envolvimento com o lugar e as pessoas, seu sentimento de afiliação. Sobre isto, daremos destaque ao depoimento do E-22, que se auto-definiu um "estrangeiro pipense".

O primeiro conta uma história sobre como conheceu Pipa, um acaso que mudou a sua vida:

> Eu não conhecia Pipa em Itália, (...) eu tenho um amigo, em Itália, que ele ficava com o barco, eu tenho um barco em Itália, ele tava sempre fora, na ilha, pesca, perto de Roma. Depois ele foi a ilha Mauricios, em África, e ligava lá em casa, dois, três meses, vem aqui, vem aqui. Um dia com mia mulhe, digo vamo, vamo encontrar lá (...) Aí comprei uma viagem pra ilha Maurícios e ele falou comigo: "liga dois dias antes, porque precisa que com barco, vou pegar você no aeroporto", então tá bom. Liguei, a mulher dele falou: "olha Franco foi a Roma, porque morreu o pai". E agora? "Mas tem tudo pra você o chalé, o barco, o marinheiro". Eu digo: "não, porque feria isso?!" Bom, a agência não deu de volta o dinheiro viagem, ele, o gerente, ele é de Natal. Digo "olha, tudo que posso fazer por você é troco ilhas Maurício por Natal". "Mas o que vou fazer em Natal?" "Ah, lá tem toda a minha família, meu irmão, vai ser muito bom..." Quando cheguei aqui, o irmão dele tava no aeroporto, foi na Pousada

> em Natal, que não lembro onde e digo, amanhã trago vocês a um vilagio muito bonito, muito bom e entregou aqui a Pipa. Comprei, e conheci Salvador, que era o dono da casa. Conheci Salvador e disse: "mulhe, olha a casa que a gente perguntava, olha ali, tá bonita demais, tá vendendo!" Comprei a casa a casa dele e fiquei a Pipa. Eu não conheci Ilhas Maurício porque não quis mais sair daqui. Liguei a ele e disse: "olha, agora moro em Brasil. Deixa lá." (...) eu tenho um barco aqui que faz passeio na lagoa. Tenho uma canoa, aqui vou pescar na lagoa, aqui fica tranqüilo, no meio de todo pescador que gosto demais, tá bom. (...) Sim, sim. Mas se você pergunta tudo pescador aqui, eu sou nativo. Quando chega uma pessoa, Giorgio italiano, ah, sim sim, Giorgio um nativo, ta lá... (E-22)

Primeiro morou em Pipa, nesta casa que comprou de Salvador, onde à frente situava-se um cruzeiro. Após a retirada dele e o devido ao estado caótico em que se encontrava Pipa, E-22 decidiu mudar-se para um pouco mais distante, fora do distrito, quase no centro de Tibau do Sul. Lá ele se diz bastante feliz vivendo mais tranqüilo e envolvido com as atividades em comunidade. E-22 é um bom exemplo do orgulho e prazer que alguns têm em serem vistos como nativos e em conviver com a população local. Entretanto, ele nega que exista um vínculo emocional com o lugar, justificando:

> Eu sempre viajei, por 40 anos. Eu morei 5 anos na África. O meu trabalho era com a Itália. Sou acostumado a ir fora. Quando falei com minha mulher, que vamos fazer? Compramos a casa? Mas se agente compra, vamos ficar. Ah, vamos ficar (faz voz da mulher e bate as mãos, como quem diz, "lavo as mãos"). A gente jogou tudo que ficava lá... Mas este é o meu caso, particular, porque muita gente.(...) Agora fui a Roma, dezembro, tem muito amigo lá. Vai, e deixa tudo lá. Tio avó, primo... você uma vez no ano volta lá, "ah vovô, você voltou smack"... não, não se pode... deixa lá. (E-22)

Também tenta justificar essa relação com Pipa e Tibau do Sul pela idade que tem e pelo estilo de vida que gostaria de levar nessa etapa da sua vida. Entretanto, todo esse discurso parece contraditório, pois ele não deseja deixar o lugar, e quando o faz, sempre retorna com satisfação. Tanto que, embora casado legalmente, o E-22 vive longe da mulher, da filha e neta, que ficaram em Roma, e leva uma nova vida em Tibau.

> Mas não é muito isso. Bom, a gente é gente velha, eu tenho 70 anos, não sou novinho. Mauro chegou a Pipa, pum, parou tem 64. Francesco não é velho, mas tem 50 anos. É a vida diferente da Europa, completamente diferente. Em Europa tudo assim, você tá sempre apressado, sempre... a gente... eu ficava com muito amigo em Roma, mas 40 anos atrás, porque a vida é apressada agora, não só em Itália, mas na Europa, aqui é diferente, ainda... o tempo passa mais devagar... (E-22)

Outros entrevistados não nativos disseram não se sentirem pipenses por não terem incorporado hábitos da população local (E-05), por uma questão de sentimento de comunidade, afiliação à terra natal (E-16), ou por uma questão de convicção (E-19 e E-20).

> Eu não me considero nativa. Não, porque eu não assimilei os hábitos que existem aqui, eu não assimilei. A cultura que eu tinha, eu permaneci com ela, certo? Eu não incorporei nenhum hábito da Pipa. Da praia,... como nativa, não! Da população... não, não. (...) É, porque eles têm aquela cultura deles, aquele pensamento só deles, que eles não querem mudar... (E-05)

> Não... cultura é cultura, não muda. (...) Meu coração fica na Noruega sempre. (E-16)

> É, não... eu me sinto do planeta, ó?! Daqui de Pipa eu não me apego não, ó? Não é retroceder, essa parte aí. (E-19)

> Não, isso daí é muito bairrismo. Não, eu amo Pipa. Basta. (...) eu me sinto "eu amo Pipa". Eu não sinto nada, eu sinto o que eu sou. (E-20)

Apesar disso, E-20 apenas não concordou com a terminologia, o rótulo de pipense, ou qualquer outra, mas admitiu que se sente igual aos moradores nativos em termos de direitos e deveres, por isso, organizou e fundou o Núcleo Ecológico de Pipa.

Apesar da literatura apontar vários conceitos e terminologias, comentadas no item "2.1- Lugar Meu, Seu e Nosso", nesta experiência em Pipa, percebemos a emergência de apenas três sentimentos: Amor, Apego e Afiliação. Mesmo com toda a clareza que os termos sugerem, teceremos algumas definições, com base não apenas na literatura estudada, mas principalmente na experiência de Pipa.

O Amor é caracterizado pela forte representatividade simbólica que o ambiente tem para o indivíduo, contudo, sem existência, consciência ou admissão de vínculo, sendo, portanto, um sentimento que pode ser mantido mesmo à distância e dissociado do desejo de estar presente. Significa basicamente gostar das coisas, das pessoas, e de tudo o que compõe e caracteriza o lugar, sendo, portanto, um conceito que se aproxima da Identidade do Lugar (IL).

O Apego, traduz-se pela dificuldade emocional em se deixar o lugar, um vínculo afetivo que, às vezes, pode ser intermediado, estimulado ou potencializado por investimentos financeiros pessoais ou expectativa de benefícios no futuro. Este conceito é o ponto alvo na literatura em Psicologia Ambiental, que enfatiza o aspecto emocional do vínculo, mas, na experiência em Pipa, verificamos que este aspecto está relacionado a outro, de natureza econômica, como veremos adiante.

Por último, a Afiliação, que também pode ser entendida como Sentimento de Comunidade (SC) se refere ao sentimento de pertença ao lugar e sua comunidade, compartilhando de sua história, cultura, hábitos, etc., independentemente do local de

nascimento. O envolvimento do indivíduo com o lugar e as pessoas pode se dar por vários níveis, desde que ele seja integrado, reconhecido e aceito dentro da comunidade local e vice-versa.

Embora os três sentimentos acima citados estejam ligados ao relacionamento afetivo com o ambiente, percebemos que não há um consenso, ou uma relação clara e direta entre amar, ser apegado e ser afiliado a um lugar. Desta forma, um indivíduo pode só amar, enquanto outro só se sentir apegado, e assim por diante. Por exemplo, E-19 diz amar Pipa, sendo inclusive engajado na luta em prol do meio ambiente, mas não se considera apegado nem afiliado ao lugar. Outro exemplo é o E-22, que diz não gostar mais de Pipa, nem ser apegado, apesar de visitá-la frequentemente, e ser um indivíduo completamente envolvido com o povo, seu estilo de vida, suas ocupações, compartilhando até, um pouco da história do lugar. Ou seja, cada caso é particular, deriva de uma história de vida, de uma experiência própria, que predispõe o indivíduo a se envolver de uma, ou outra maneira com o seu ambiente residencial, e com as pessoas que lá habitam.

Com base nisso, elaboramos um quadro com esses três sentimentos mais salientes, Amor, Apego e Afiliação, para melhor visualizarmos as relações afetivas desses moradores com Pipa (Tabela 03-a e 03-b):

Nativos			
E	**Amor**	**Apego**	**Afiliação**
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			
26			
28			
29			
T	11	11	11
%	100	100	100

Não Nativos			
E	**Amor**	**Apego**	**Afiliação**
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
16			
17			
18			
19			
20			
21			
22			
23			
24			
25			
27			
30			
T	14	12	8
%	73,68	63,16	42,11
T	**25**	**23**	**19**
%	**83,33**	**76,67**	**63,33**

Tabela 03-a e 03-b: Distribuição dos entrevistados quanto aos sentimentos com Pipa.

Observando os quadros acima, verificamos que todos os nativos afirmaram ter os três sentimentos com relação a Pipa; ao mesmo tempo em que a maior parte das respostas dos não nativos envolveu lacunas em um ou outro sentimento. De modo geral, há entrevistados envolvidos com, dois ou três sentimentos, e apenas um, não envolvido com nenhum deles (E-04).

Note-se que, dentre os três sentimentos, os depoimentos dos entrevistados deram ênfase ao Amor, representando 73,68% dos não nativos e 83,33% do total de entrevistados; o Apego se encontra em segundo lugar, com 63,16% dos não nativos e 76,67% do total; e a Afiliação foi o sentimento menos comentado, representando 42,11% dos não nativos e 63,33% do total (Figura 37).

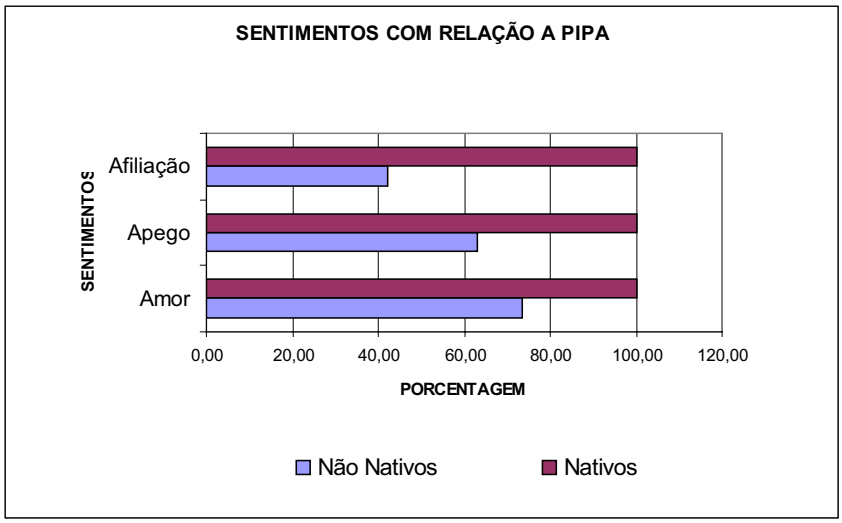

Figura 37: Sentimentos com relação a Pipa.

Com base no arranjo e distribuição de sentimentos dos quadros 03-a e 03-b, identificamos sete situações:

- Situação 01: Não relatou nenhum dos três sentimentos;
- Situação 02: Apenas relatou o Amor;
- Situação 03: Apenas relatou o Apego;
- Situação 04: Apenas relatou a Afiliação
- Situação 05: Relatou Amor e Apego;
- Situação 06: Relatou Amor e Afiliação;
- Situação 07: Relatou os três sentimentos.

Uma curiosidade é que ninguém relatou Apego e Afiliação, o que geraria a oitava situação.

Afim de verificar como os entrevistados estão distribuídos nestas situações buscamos compreender os resultados agrupando-os em função das variáveis indicadas na literatura, tais como gênero, idade, escolaridade (ver tabela 02). Na maioria dos casos, não obtivemos um quadro claro que distinguisse categorias de respostas (como por exemplo, as mulheres são mais apegadas e os homens afiliados, ou, os mais idosos enquadram-se predominantemente na situação 07). De fato, nosso estudo exploratório apenas apontou alguma diferença entre o discurso de nativos e não nativos, incluindo brasileiros e estrangeiros, como contemplaremos a seguir (Tabela 04):

E	Sit. 01	Sit. 02	Sit. 03	Sit. 04	Sit. 05	Sit. 06	Sit. 07
Nativos							
8							
9							
10							
11							
12							
13							
14							
15							
26							
28							
29							
T	0	0	0	0	0	0	11
%	0	0	0	0	0	0	100
Não Nativos							
1							
2							
3							
4							
5							
6							
7							
16							
17							
18							
19							
20							
21							
22							
23							
24							
25							
27							
30							
T	1	4	3	1	3	1	6
%	5,26	21,05	15,79	5,26	15,79	5,26	31,58
T	**1**	**4**	**3**	**1**	**3**	**1**	**17**
%	**3,33**	**13,33**	**10,00**	**3,33**	**10,00**	**3,33**	**56,67**

Tabela 04: Distribuição dos entrevistados quanto às situações afetivas com Pipa.

Note-se que todos os nativos afirmam estar envolvidos com Pipa através dos três sentimentos (100% se encontra na situação 07), opção também foi majoritária entre os não nativos, representando 31,58%, de modo que 56,67% dos entrevistados demonstraram estar envolvidos com os três sentimentos com relação a Pipa, encontrando-se na situação 07. Isto demonstra que, para a maioria dessas pessoas, o seu lugar de residência possui uma forte representatividade e importância em todas as suas dimensões (física, social, econômica e cultural), envolvendo-as através dos sentimentos Amor, Apego e Afiliação.

Dentre as demais situações, obtiveram menor representatividade as de número 01, 04 e 06 (Figura 38). A situação 01 reflete o caso do E-04, comentado anteriormente, no item '5.2- A menina dos olhos" e suscita uma outra questão: embora algum(ns) desses sentimentos fosse(m) subentendido(s) em suas falas, ou evidente(s) em suas atitudes, tanto que foi(ram) percebido(s) por outros, que o indicaram, não o(s) consideramos neste estudo devido ao entrevistado tê-lo(s) negado clara e verbalmente.

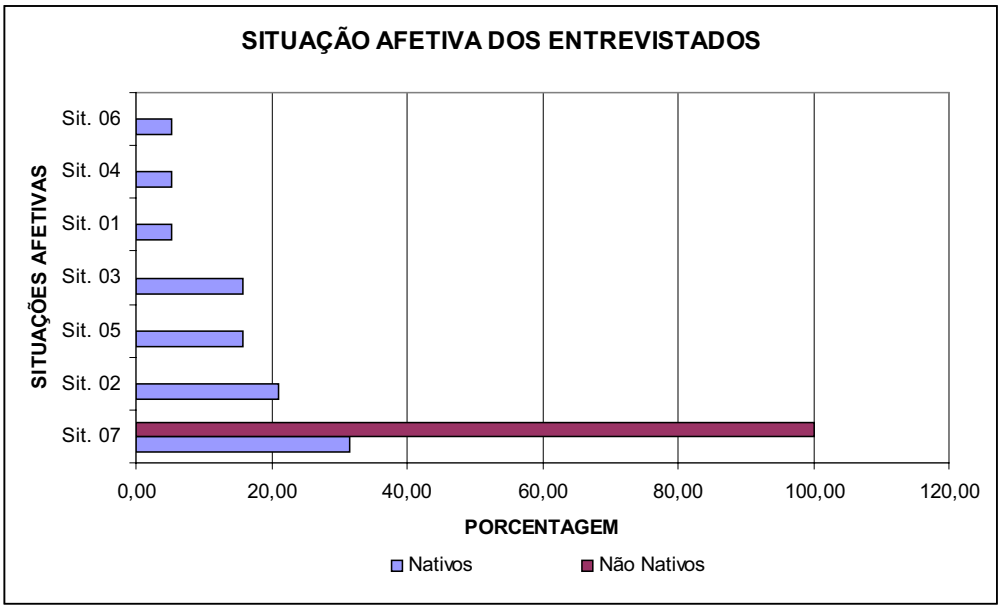

Figura 38: Situação afetiva dos entrevistados.

A situação 04 reflete o caso do E-22, que demonstrou estar muito envolvido com o estilo de vida da comunidade local, em detrimento do apego e do amor ao lugar; já a situação 06, reflete o caso da E-20, comentado anteriormente, que não admitiu o apego, embora tenha dificuldades em deixar Pipa, justificando a necessidade de concluir o trabalho comunitário no NEP.

A experiência de testar os conceitos abordados na literatura em Psicologia Ambiental, no contexto de Pipa, mostrou que tais definições podem ser ainda mais amplas, a partir do entendimento de cada um e da forma como os indivíduos se vêem na relação com o lugar. Desta forma, emergiram deste ensaio três idéias ou sentimentos associados à afetividade com o ambiente, que foram Amor, Apego e Afiliação, que, juntos ou pela combinação deles, resultaram em sete tipos de situações afetivas com Pipa. Após esta descoberta, discutiremos algumas questões com base na literatura estudada.

5.6. Revendo Conceitos, Idéias e Sentimentos

Após discorrer sobre os principais resultados obtidos na coleta de dados, é fundamental retomar algumas questões cruciais destacadas pela literatura estudada, identificando pontos de congruência, divergência ou complementações às idéias dos autores estudados.

Com relação à percepção, podemos afirmar que o ambiente de Pipa é um estímulo aos cinco, e até a um sexto sentido, na medida em que ela congrega cores, formas, aromas, sabores, e muitas outras coisas, dentro de um só lugar. Tal estímulo é proveniente também da morfologia urbana de Pipa, pois, a rua principal é uma das principais referências espaciais para os moradores e visitantes, cortando todo o distrito, sendo é atravessada por inúmeros becos e vielas, que cruzam em direções tortuosas. Alguns desses caminhos encontram seu fim à beira da falésia, com um visual belo e surpreendente do mar. Com isso, e lembrando Cullen (1983), podemos afirmar que Pipa é um ambiente bastante estimulante aos moradores e transeuntes, podendo ser visto, inclusive, um preditor ambiental da relação afetiva destes com o lugar.

No desenvolvimento desta dissertação, consideramos valiosa a participação de todos os tipos de moradores, mas, em especial, dos moradores de segunda residência (Tulik, 2000) e dos idosos. Os primeiros, caracterizados pelos veranistas e estrangeiros, nos forneceram uma percepção do lugar não tão habituada, acostumada, demonstrando estarem mais atentos aos pequenos detalhes e paisagens que compõem o ambiente e o dia-a-dia dos moradores. Um exemplo é a descrição do E-16, que identifica detalhes, como a existência de padarias,

restaurantes (nacionais e internacionais), ruas (com pouco e muito carros), praias (com muita gente e para ficar a sós com a(o) namorada(o)), dentre outros.

Já os moradores permanentes, especialmente os nativos, evidenciaram uma tendência em relatar o ambiente de uma forma mais geral, às vezes até misturados com o discurso da mídia. Nesse sentido, Ferrara (1999) argumentou que as cidades podem se tornar "invisíveis" aos moradores, pela força do hábito; enquanto Tuan (1974) lembrou da importância em se abordar a percepção de visitantes, para contemplar aspectos já comuns, corriqueiros, ou "invisíveis" aos usuários mais antigos ou freqüentes. De fato, tal situação foi assumida por duas entrevistadas:

> Porque meus avós são nativos, meus pais são nativos, todo mundo é nativo. Então a gente já se acostumou. Porque eu já conheço de tudo. (E-12)

> (...) mas aí o cotidiano vem, e vem o desgaste. Quando você mora, porque você trabalha, aí tem o estresse do dia-a-dia, tem o cotidiano, então, eu deixo, tipo assim, no caminho eu não vejo o pôr-do-sol, sabe? Eu perco certas coisas aqui, então é isso que é diferente, é isso que faz a diferença. (E-21)

Os idosos também nos forneceram uma preciosa contribuição, através de percepção que persistiu ao tempo e às mudanças ocorridas no ambiente, relatando as dificuldades e alegrias do tempo em que Pipa era apenas uma vila de pescadores. Da percepção destas pessoas destacamos, os relatos sobre a mudança de nomes dos lugares, atendendo a uma demanda turística: o que antes era "praia dos afogados" hoje é conhecido como "praia do amor", apesar de ser um local com fortes ondas, que continuam a causar muitas mortes por afogamento, agora sem um "aviso prévio".

Além do perigo para os visitantes, a substituição de nomes, por outros alheios à história e cultura da comunidade local, fere a identidade dessas pessoas e o seu sentimento de lugar, soando como um aviso de que esses locais pertencem agora a outros usuários e atividades, das quais eles frequentemente são excluídos.

> Os nativos não gostam muito daquela praia principal não! É porque é muita gente... E eles ficam só ali, na frente... fazendo churrasquinho. (...) Eles gostam mais da baía dos golfinhos, porque lá eles jogam futebol, fazem campeonatos, né? (E-28)

Algumas praias, que costumavam ser visitadas com freqüência por moradores, como a praia do amor, abrangem hoje nova configuração (barracas e bares), público e usos (prática de *surf*, *windsurf*, *kitesurf*, rapel e parapente), que não correspondam aos hábitos da

população em geral. A praia principal, onde há a maior concentração de barracas, também deixou de ser vista como um local de encontro e lazer pelos moradores, conforme demonstraram vários entrevistados. Por outro lado, a baía dos golfinhos, pela impossibilidade de acesso por cima da falésia e de permanência durante a maré cheia, continua a ser freqüentada pelos residentes, favorecendo o descanso, lazer e jogos.

Nesse sentido, até a pracinha, ponto de encontro mais antigo, perdeu sua identidade para a população local, sendo totalmente reformada, ganhando canteiros arborizados e coloridos, novos e melhores bancos de madeira e, inclusive, uma escultura de pescador de aproximadamente 3m de altura. Hoje, ela não é mais "a pracinha" e sim "o mirante", porque passa por cima da ladeira, para se integrar ao shopping do outro lado, evidenciando uma bela visão do mar. Desta forma, fica claro que tal reforma não visou favorecer o convívio e bem-estar dos antigos freqüentadores, e sim atender a uma demanda turística.

> Eu não teria feito aquela ponte na pracinha. (...) Porque não parece com Pipa, não tem nada a ver com ela. (E-05)

Acompanhamos a construção da nova praça, ou do mirante, durante o período de desenvolvimento desta dissertação, e, de fato, ela não possui os mesmos usos e usuários de antes, transformou-se basicamente num lugar de passagem para o shopping, pois é bem mais confortável e seguro do que alcançá-lo pela rua, e parada para fotos de turistas, que apreciam o visual da orla marítima.

Com tudo isso, os moradores vêm perdendo espaço em Pipa, não apenas o físico, mas o espaço social dentro do seu lugar, da sua história e da de seu povo, um fato agravado pelas oportunidades de melhoria de vida que o turismo oferece, fazendo com que esses moradores, especialmente os nativos, tornem-se agentes passivos dessas transformações.

Neste contexto, os signos que anunciam tais mudanças foram percebidos pelos respondentes, que relataram, dentre outras coisas, a existência de cercas/muros, e até edificações, em áreas públicas e de preservação ambiental, significando a restrição do acesso, e, portanto, a privatização delas, uma atitude ilegal. Os moradores também demonstraram estar cientes de que nem sempre os responsáveis por isso são os grandes empresários do ramo turístico; às vezes, por motivos não muito claros, outros civis parecem gozar do mesmo privilégio, do pensamento de que "aqui nós podemos", como comentou o E-

24. A respeito disso, Ferrara (1999) argumentou que a percepção e leitura desses signos são de fundamental importância para que os moradores possam entender as mudanças ocorridas no seu ambiente, serem agentes participativos e exercerem sua cidadania em prol do bem-estar coletivo.

No sentido de lutar/protestar contra as mudanças que julgaram prejudiciais, os residentes se reuniram e organizaram reuniões, campanhas, mutirões de limpeza e outras iniciativas, que retomam o conceito de Funcionamento Territorial (FT) (Taylor & Brower, 1985) e os três tipos de respostas às ameaças no ambiente residencial: expansão, defesa e retirada.

a) Expansão ou reafirmação: sentindo-se ameaçados de perderem definitivamente a área do chapadão, os moradores se reuniram e constituíram uma comissão responsável para lutar/protestar em defesa do livre acesso à área. Esta comissão tinha a tarefa de intermediar as negociações entre a comunidade, o proprietário/investidor do terreno e o prefeito e demais instâncias públicas. Infelizmente, tamanho empenho e esforço não culminaram no resultado desejado: o investidor conseguiu construir seu hotel, restringindo o acesso ao chapadão.

b) Defesa: sempre pensando num estilo de vida saudável, a população local recusa-se a ter de usar artifícios para estabelecer barreiras defensivas, tais como sistema de alarme, cão de guarda, paredes altas, etc., embora a falta de segurança já esteja assustando boa parte dela. Muitos respondentes relataram que, se algum dia, sentissem a necessidade de usá-las, Pipa perderia completamente o encanto, e a abandonaria definitivamente.

> Eu resumo a Pipa nisso: qualidade de vida. Eu tenho qualidade de vida, eu deixo a porta da minha casa aberta, tenho segurança, tanto que eu moro numa casa que eu deixo tudo aberto. Não tenho tranca na minha casa, eu saio, deixo aberto. Quando eu tiver que fechar as portas, aí eu vou pensar em sair daqui. (E-17)

Por outro lado, percebemos que as residências de veranistas e estrangeiros, que passam boa parte do ano fechadas, possuem muros altos, grades nas esquadrias e muros, trancas, cadeados e etc.

c) Retirada: Este tipo de resposta vem sendo mais praticada recentemente, após perdas sucessivas de espaço, como o chapadão e as áreas das falésias, fazendo com que os moradores se sintam impotentes e desestimulados a defender seus direitos, seu território.

Sendo assim, parecem aceitar mais pacificamente a perda de outros espaços, como a pracinha, por exemplo, onde antes era nitidamente um território dos moradores, hoje, é mais um ponto turístico de Pipa.

Resumindo, podemos afirmar que, para seus usuários, Pipa é um lugar, tanto no sentido cognitivo, representando a familiaridade com o ambiente, quanto no emocional, pela carga de significados e sentimentos que os mesmos nutrem com relação a ela. Alguns destes sentimentos são voltados para o passado, como demonstrou a percepção de alguns moradores, especialmente os idosos (item 5.2- Uma Pipa que não volta mais..); outros são dedicados aos elementos naturais do lugar, ao clima e magia, envoltos num certo misticismo (item 5.3- Por baixo dos véus, adereços e enfeites: uma Pipa natural); e outros ainda, são como expectativas com relação ao potencial turístico de Pipa, despertando desejos, anseios e ilusões, principalmente quanto aos benefícios financeiros oriundos de atividades turísticas na região (item 5.4- A menina dos olhos).

Neste último caso, os sentimentos se mostraram confusos e contraditórios: se, por um lado, o indivíduo se identifica com o lugar e as pessoas, o que lhe confere certo bem-estar, por outro, sua expectativa/objetivo quanto a ganhar dinheiro não está sendo atendida satisfatoriamente, gerando um mal-estar ocasionado pela incompatibilidade entre necessidade do sujeito e características ambientais. Entretanto, essa insatisfação ainda não parece ser suficiente para que o indivíduo deixe o local: ele permanece e convive com essa duplicidade de sentimentos e emoções, até que julgue ter chegado ao limite de sua tolerância e rompa o laço afetivo com o lugar. Tal situação, vivida pelo E-04, caracteriza o que Fried (2000) e Guiliani et al. (2003) chamaram de "apego disfuncional", ou seja, quando o apego impede a satisfação de seus objetivos em outro lugar, reestruturando sua vida e identidade pessoal.

Segundo os autores supracitados, nestas circunstâncias, a decisão de deixar Pipa, pode evidenciar a relação afetiva com o ambiente, como aconteceu com os E-22, que se mudou para uma localidade próxima, mas costuma visitar o lugar com freqüência, e E-25, que apesar de não visitá-lo regularmente, ainda nutre bons sentimentos e lembranças com relação a ele. Nesse sentido, Twigger-Ross e Uzzell (1996) argumentaram que a mudança do local de

moradia significa mais do que um deslocamento geográfico, significa uma reavaliação do *self*, do velho "eu", realizando ajustes e organizando a identidade pessoal.

Com tudo isso, Pipa parece ser um caldeirão de misturas, um turbilhão de coisas acontecendo ao mesmo tempo, mas, mesmo assim, parece ter algo, nem sempre explicável, que prende as pessoas, despertando o afeto e o apego, de tal forma que, para alguns, Pipa é a sua "pátria", o seu verdadeiro lar.

> Pessoas de fora são apegado. Quando vêm, não quer sair mais. (E-12)

> A Pipa é um oásis. A Pipa é uma coisa que a gente chega aqui, se enamora, se agrada, se casa, e é um casamento que só dura, não larga mais. (...) O pessoal vem compra um terreno, faz uma pousada e já fica morando aqui direto. (E-07)

> Às vezes passo na Suécia, mas sempre quero passar aqui. (...) Aqui é o meu lar. (E-24)

Apesar da relação afetiva declarada, vimos que há diferentes formas de se relacionar com Pipa. Tal constatação derivou do estudo e testagem de conceitos envolvidos com o tema (SR, SC, DL, IL, ISU, AL, AE, SL e TP- ver item 2.1), de maneira que, quando experimentados no contexto de Pipa, três idéias emergiram de suas definições: Amor, Apego e Afiliação. A primeira possui forte relação com IL, SC e SL, mas ao contrário do que alguns autores sustentam, o Amor não necessita, necessariamente, de vínculos ou presença física, podendo-se amar à distância, como demonstram as situações de entrevistados que já deixaram, ou pensam em deixar Pipa, apesar de continuar a nutrir sentimentos por ela (E-19, E-22, E-25).

A segunda idéia, Apego, está intimamente relacionado aos conceitos de SR, DL, AL e AE, pressupondo a existência de vínculos afetivos e físicos, que, no contexto de Pipa, foi, muitas vezes, intermediado por outro tipo de vínculo: o econômico, demonstrado pela relação entre apegados e atividades econômicas com as quais estão envolvidos (Figura 39) e pelo depoimento de alguns respondentes que assumiram a necessidade do emprego, de ter mais oportunidades de trabalho e/ou de ter feito investimentos financeiros no local.

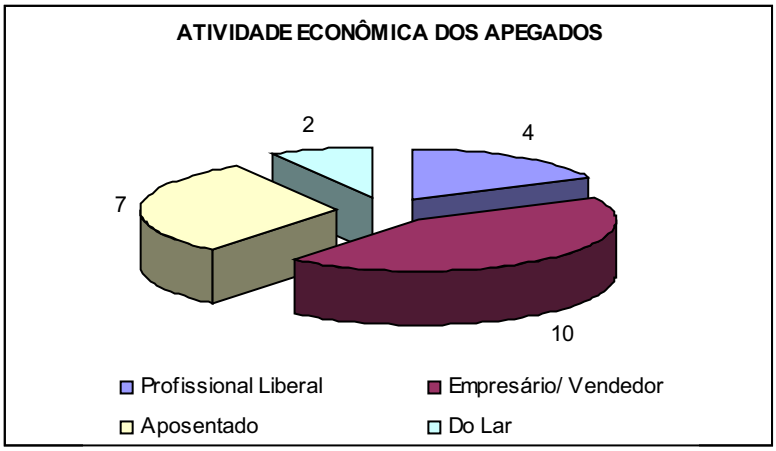

Figura 39: Relação dos moradores apegados e suas atividades econômicas.

Aliás, dois preditores de apego sugeridos pela literatura em geral (Guiliani, 2003; Manzo, 2003; Ruiz, Villodres & Vilela, 1998, dentre outros), idade e tempo de moradia, foram considerados relevantes para a criação de vínculo afetivo. Relacionando os apegados (23 no total) à idade (Figura 40), percebemos que 10 deles possuem mais de 56 anos, seguido por 7 moradores entre 24 e 39 anos, e 6 que têm entre 40 e 55 anos. Isto corrobora o fato de que pessoas idosas têm maior predisposição ao apego, o que pode ocorrer devido à dificuldades locomotivas, e à possibilidade de uma convivência mais íntima com familiares e amigos próximos, os quais costumam se visitar com freqüência.

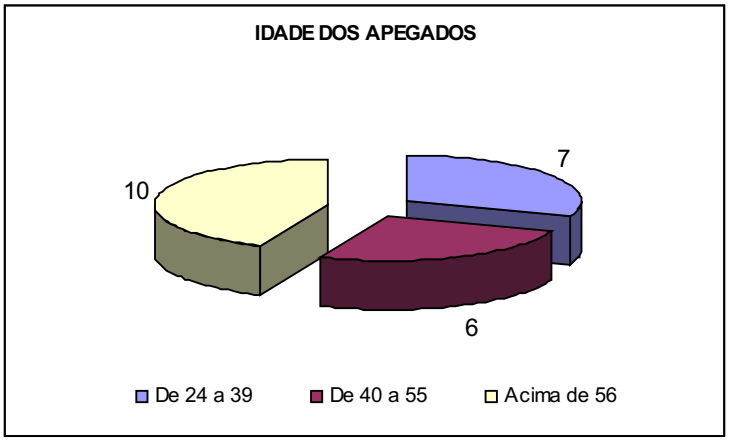

Figura 40: Relação dos moradores apegados com idade.

Tomando como base o tempo de moradia, verificamos a seguinte situação (Figura 41): 11 apegados possuem mais de 30 anos de convívio no local; enquanto que apenas 5 possuem até 10 anos. Isto fortalece a idéia de relação positiva entre tempo de residência e criação de

vínculo afetivo, sustentada por alguns autores (Manzo, 2003; Ruiz, Villodres & Vilela, 1998), embora contestada por outros (Guiliani, 2003).

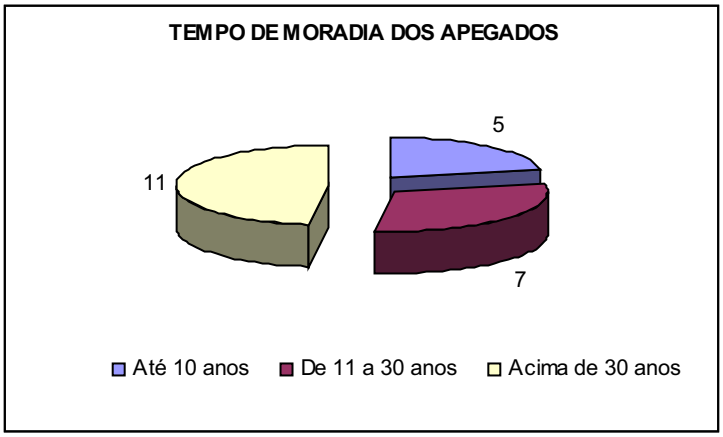

Figura 41: Relação dos moradores apegados com o tempo de residência.

Por outro lado, outros preditores indicados na literatura, como sexo, estado civil, classe social, número de pessoas em casa, número de filhos, regime da residência e número de moradias anteriores não apresentaram relevância nos resultados desta dissertação.

Por último, a Afiliação tem forte relação com os conceitos SC, SL, ISU e TP, na medida em que se dedica predominantemente às questões relacionadas à comunidade e seu estilo de vida. Das três super-categorias, Amor, Apego e Afiliação, a última foi a menos declarada pelos respondentes, provavelmente pela dificuldade, resistência, ou não desejo, de assimilar novos hábitos e costumes. Além disso, detectamos em Pipa um clima tenso com relação a essa questão: os nativos não aceitam que outros se auto-intitulem nativos ou pipenses, porque segundo eles, apenas os que nasceram no lugar têm esse privilégio; enquanto que para outros, pipenses são todos aqueles que moram em Pipa, independentemente do local de nascimento. Para os que não se enquadraram nessas definições, restou o "ser local", uma terceira denominação para o mesmo significado, e o "se sentir pipense", pelo tempo de residência, convívio com a comunidade, ter filhos/pais nativos, etc.

Estas formas de relação afetiva com Pipa, Amor, Apego e Afiliação, não são excludentes, ao contrário, elas podem se complementar, formando combinações: Amor e Apego; Amor e Afiliação, e assim por diante. Não houve a combinação Apego e Afiliação,

ambos estiveram sempre sozinhos ou associados ao Amor. A essas combinações denominamos situações, que variaram de 01 a 07, iniciando com o não envolvimento do entrevistado com esses sentimentos, até com o envolvimento com todos, simultaneamente (ver Tabela 04, item 5.5).

Um dos indícios da complementaridade dessas super-categorias foi a predominância de combinações entre elas (Figura 42), de modo que 70% dos respondentes afirmaram ter pelo menos dois tipos de envolvimento emocional com Pipa; enquanto que 27% afirmaram ter apenas um.

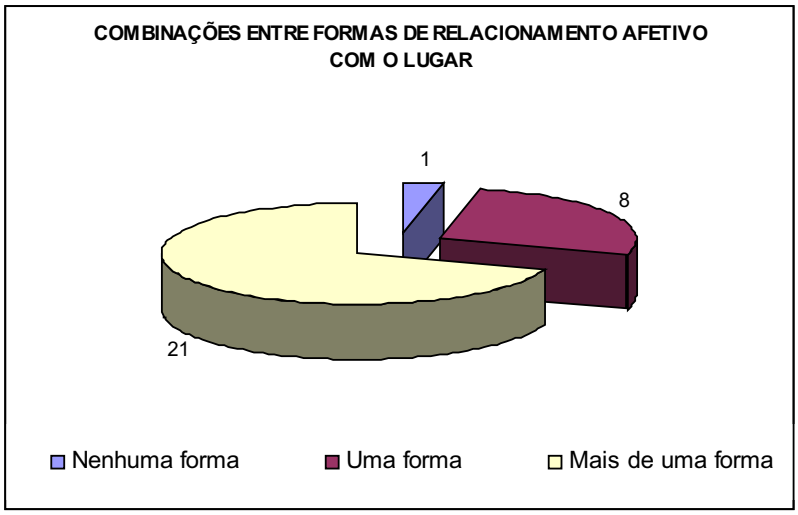

Figura 42: Combinações entre formas de relacionamento afetivo com Pipa.

Numa rápida avaliação dos resultados obtidos com esta dissertação, percebemos o quanto é complexo o tema, tanto em termos de conceituações disponíveis na literatura em Psicologia Ambiental, quanto na utilização/aplicação delas numa realidade qualquer, especialmente num contexto como Pipa, com grandes mudanças, variedade de moradores, culturas, informações, objetivos de vida, etc. Compreendemos que dentro deste arcabouço, que é a relação afetiva com lugares, cabem incontáveis perspectivas, abordagens e direcionamentos de pesquisa, de forma que o estudo exploratório realizado aqui representa apenas uma pequena parte dessa amplitude, que talvez possa vir a auxiliar pesquisas futuras relacionadas ao tema.

Afinal, que(m) é de quem?

"Afinal, que(m) é de quem?" O único lugar que faria essa pergunta parecer sem sentido é a nossa casa, o nosso lar, independentemente da posse ou propriedade legal da moradia, até porque uma questão dessa natureza envolve o nosso sentimento de responsabilidade, compromisso e territorialidade (Taylor & Brower, 1985). Mesmo assim, parece que estamos sempre querendo tomar posse de algum outro lugar, tanto no sentido de apropriação do espaço físico, quanto no de tomar para si, dedicar-se, amar, envolver-se emocionalmente. Esta foi a idéia a partir da qual se desenvolveu esta dissertação.

Tantos são os conceitos e termos relacionados à afetividade com o lugar, na literatura em Psicologia Ambiental, que optamos por fazer deles nosso arcabouço conceitual, de modo que, quando os experimentássemos no contexto de Pipa, os resultados certamente caberiam dentro dele.

Além disso, os estudos realizados nesta área se concentram exclusivamente na questão do apego, da existência do vínculo afetivo entre pessoa e ambiente, e, em função disso, há outros inúmeros estudos, envolvendo a quebra desse laço, a existência de múltiplos apegos, o apego disfuncional e outros. Entretanto, considerando que esta seria uma pesquisa exploratória, não poderíamos partir do pressuposto de que as pessoas necessariamente teriam algum tipo de vínculo emocional com o lugar. Desta forma, estudar as relações afetivas com o ambiente, dentro de um contexto amplo de possibilidades, pareceu-nos mais adequado e pertinente, apesar da literatura não abordar a questão dessa maneira, e sim de forma segregada. Uma das razões disto pode estar na escolha dos procedimentos metodológicos empregados, de modo que o estudo da satisfação residencial requer um tipo de abordagem diferente da apropriação do espaço, por exemplo, embora possa haver pontos em comum entre os mesmos.

Se é difícil definir sentimentos, emoções, avaliá-los parece mais complicado ainda, refletindo na diversidade de procedimentos metodológicos encontrados na literatura, na qual se destacam as entrevistas e escalas de apego. Face aos nossos objetivos, optamos pela realização de: 1) observação comportamental, que, embora não tão sistemática, permitiu uma melhor compreensão da fala dos sujeitos a partir da observação de seus comportamentos

e atividades em determinados lugares; 2) entrevistas, que foram o cerne da dissertação, pois as pessoas puderam falar sem amarras, principalmente teórico-metodológicas, sobre sua relação emocional com Pipa, de forma que cada entrevista foi única; e 3) documentação gráfica e fotográfica, que consistiu nos desenhos realizados pelos respondentes e nas imagens utilizadas para caracterizar o universo de estudo. Apesar de consideramos tais métodos e técnicas abrangentes e pertinentes ao corpo teórico adotado, tivemos dificuldades em sistematizar a enorme quantidade de informações significativas e peculiares.

Ainda com relação aos aspectos metodológicos, a estruturação e realização das entrevistas foram complicadas e dispendiosas, começando pela forma de abordagem, através de uma rede de relacionamentos: como cada um possui uma definição para o que é gostar, amar, ser apegado às vezes acontecia do sujeito ter sido indicado, inclusive por mais de um, mas ele próprio negar tal situação, porque sua noção de gostar é diferente da dos que lhe indicaram. Isto ocorreu com o E-04, que declarou não amar, não ser apegado, nem afiliado a Pipa, mas foi considerado na pesquisa, destoando do todo e do contexto estudado. Por outro lado, esse fato evidenciou que, apesar das indicações, as pessoas não demonstraram predispostas a dar respostas esperadas por saberem que tinham sido indicadas, ao contrário, esforçavam-se para explicar como eram seus sentimentos e envolvimento com Pipa, corrigindo, muitas vezes, a explicação do outro(s).

Além disso, o esquema de indicações teve de ser quebrado algumas vezes, retomando de outra matriz, devido à indisposição/indisponibilidade de pessoas. Apesar de não comprometer o objetivo do esquema, o recomeço teve um custo dispendioso de tempo, pois, depois de fracassada a tentativa, às vezes, por mais de uma vez, era que se decidia iniciar por outra matriz, cuja identificação devesse seguir os mesmos critérios: gostar, amar e/ou ser apegado.

Na análise dos depoimentos percebemos que, dos nove conceitos estudados, SR, SC, DL, IL, ISU, AL, AE, SL E TP, três idéias, ou super-categorias, emergiram da definição e relatos dos próprios respondentes sobre sua relação afetiva com Pipa: Amor, Apego e Afiliação, cujas definições congregam elementos de mais de um daqueles conceitos. Com relação ao Apego, definido pela literatura internacional pela existência de vínculo emocional com o lugar, na realidade, esta definição demonstrou estar intimamente associada à atividade econômica que

o sujeito exerce em Pipa, pois 44% dos entrevistados auto-declarados apegados são empresários ou vendedores/prestadores de serviço, ligados ao ramo turístico.

A partir da combinação de tais categorias, identificamos sete tipos de situações emocionais, com as quais os entrevistados estão envolvidos com Pipa: 1) Nenhuma das três; 2) só Amor; 3) só Apego; 4) Só afiliação; 5) Amor e Apego; 6) Amor e Afiliação e 7) Amor, Apego e Afiliação. Curiosamente, não houve respondentes na situação "Apego e Afiliação"; eles estiveram sempre sozinhos, ou acompanhados pelo Amor, sinalizando uma questão a ser estudada futuramente.

Verificamos também que, embora tenhamos desprezado, de início, o critério "ser nativo", ele foi significativo nos resultados encontrados, já que o envolvimento emocional destes com o ambiente foi relatado de forma muito semelhante; enquanto que para os não nativos isto aconteceu de maneira bastante diferente uns dos outros. Por exemplo, todos os nativos afirmaram amar, ser apegado e afiliado a Pipa, colocando-os na situação 07. Já os não nativos estiveram distribuídos da seguinte forma: 5,26% nas situações 01, 04 e 06; 21,05% na 02; 15,79% nas 03 e 05; e 31,58% na 07. Do total de entrevistados, 56,67% se encontram envolvidos com Pipa pelo Amor, Apego e Afiliação (situação 07).

Ao final da dissertação, constatamos que somos capazes de estabelecer relações afetivas também com lugares de convívio não necessariamente diário, cotidiano, como acontece com os veranistas e estrangeiros, corroborando os estudos de Guiliani et al. (2003), Jonhson (1998) e Vitterso, Vorkin e Vistad (2001). Nesse sentido, perspectivas de pesquisas futuras podem ser vislumbradas, envolvendo múltiplos apegos: "como veranistas e estrangeiros se relacionam com o outro lugar de moradia?", "como seria o comportamento daquelas categorias?", "O apego estaria presente em apenas um deles?", "Ou em ambos?"; ou ainda envolvendo a alta mobilidade da sociedade contemporânea e a capacidade de adaptação do ser humano.

Nesse sentido, Manzo (2003) sugere que se deva abordar novos ambientes, além dos tradicionais residenciais, pois estudos sobre apego a paisagens naturais, por exemplo, podem dar resultados bastante satisfatórios do ponto de vista da sustentabilidade, conforme comprovaram Bricker e Kerstetter (2000, citados por Manzo, 2003), Vitterso, Vorkin e Vistad (2001) e Vickham (2001, citado por Manzo 2003). Eles defendem que o apego a ambientes

naturais significa responsabilidade emocional com a natureza, podendo tornar-se um indicativo de comprometimento ambiental.

Aliás, essa perspectiva de pesquisa, envolvendo uma possível relação entre apego ao lugar e adoção de condutas pró-ambientais, tem se mostrado bastante pertinente ao contexto ambiental atual, além de muito instigante. Segundo Günter et al. (2003), estudos sobre identidade do lugar, apego ao lugar e outros afins, como ambientes restaurativos, são necessários tanto para o bem-estar psicológico dos indivíduos, quanto para a preservação de ambientes e comunidades saudáveis. Por estas razões, uma nova pesquisa no sentido de esclarecer a questão "quem ama cuida?", aproveitando os resultados obtidos com esta dissertação, poderá ser desenvolvida numa próxima oportunidade.

Por fim, a relação afetiva com lugares compreende uma amplitude de situações, locais e pessoas, de forma que não se pode limitar essas experiências a um único cenário ou corpo teórico-metodológico rígido (Bow & Buys, 2003; Manzo, 2001), mas devam ser contempladas nas várias dimensões da vida humana. De fato, há vários aspectos a se estudar, mas acreditamos que esta dissertação deu sua contribuição no sentido de, atendendo seu objetivo inicial, estudar as relações afetivas com o lugar de moradores de Pipa-RN, tratar essas relações como uma questão de qualidade de vida dos moradores.

Entretanto, dada a amplitude do tema, a necessidade de estudos mais integrados e o desejo em prosseguir uma nova pesquisa envolvendo a adoção de condutas pró-ambientais, decidimos não fechar as malas aqui, mas deixá-las sempre abertas, à espera de uma nova viagem.

Os referenciais da viagem

Ahrentzen, S. B. (1992). Home as a workplace in the lives of women. In S. M. Low & I. Altman (Orgs.) *Place Attachment: Human Behavior and Environment. Advances in theory and research*.New York: Plenum Press.

Amérigo, M. (1995). *Satisfacción Residencial. Um análisis psicológico de la vivenda y su entorno*. Madrid: Alianza.

Amérigo, M. (1998). Ambientes residenciales. In J. I. Aragonés & M. Amérigo (Orgs.) *Psicologia Ambiental*. Madrid: Pirâmide.

Araújo, M. C. de. (2002). *Uma Viagem Insólita: de um Território Pesqueiro a um Paraíso Turístico – Pipa/RN*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Arnheim, R. (1977). *The Dynamics of Architectural Form*. California: University of California Press LTDA.

Augé, M. (1994). *Não-Lugares. Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus.

Barker, R. (1968). *Ecological Psychology: Concepts and Methods for Studying the Environment of Human Behavior*. Standford: Standford University Press.

Belk, R. (1992). Attachment to possessions. In S. M. Low & I. Altman (Orgs.) *Place Attachment: Human Behavior and Environment. Advances in theory and research*.New York: Plenum Press.

Boussaa, D. (1999). Dubai: the search for identity. In G. Moser, E. Pol & Y. Bernard (Orgs.), *People, Places and Sustainability*. Paris: Hogrefe & Huber publishers.

Bow, V. & Buys, L. (2003). *Sense of community and place attachment: the natural environment plays a vital role in developing a sense of community*. Social Change in the 21st century conference. Queensland.

Brower, S. N. (1980). Territory in Urban Settings. In I. Altman, A. Rapoport & J. F. Wohlwill (Orgs.). *Culture and Environment. Human Behavior and Environment*. New York: Plenum.

Brown, B. & Perkins, D. (1992). Disruptions in Place Attachment. In S. M. Low & I. Altman (Orgs.) *Place Attachment: Human Behavior and Environment. Advances in theory and research*. New York: Plenum.

Bryant, D. (1992). *A Spatial Representation System in Humans*. Psycoloquy, *16*, 115-128.

Bryant, D., Nancy & Tversky (1992). Internal and external spatial frameworks for representing described scenes. *Journal of Memory and Language*, *31*, 74-99.

Bueno, M. (1995). *O grande Livro da Casa Saudável*. São Paulo: Rocca.

Carlos, A. F. (1996). *O Lugar no/do Mundo*. São Paulo: Hucitec.

Carpman, J. R. & Grant, M. A. (2002). Wayfinding: a broad view. In Robert B. Bechtel & Arza Churchman (Orgs.) *Handbook of Environmental Psychology*, 2a. ed., Nova Iorque: Wiley.

Cascudo, L. da C. (1968). *Nomes da Terra: história, geografia e toponímia do Rio Grande do Norte*. Natal: Fundação José Augusto.

Chawla, L. (1992). Childhood Place Attachments In S. M. Low & I. Altman (Orgs.) *Place Attachment: Human Behavior and Environment. Advances in theory and research.* New York: Plenum.

Corraliza, J. A. (1987). El estudio de las dimensiones afectivas del ambiente. In R. Fernández-Ballesteros (Org.). *El Ambiente, Análisis Psicológico.* Madrid: Pirâmide.

Corraliza, J. A. (1998). Emoción y ambiente. In J. I. Aragonés & M. Amérigo (Orgs.) *Psicologia Ambiental.* Madrid: Pirâmide.

Corrêa, R. B. (1994). Territorialidade e corporação: um exemplo. In M. Santos, M. A. de Souza & M. L. Silveira (Orgs.). *Territorio: Globalização e Fragmentação.* São Paulo: Hucitec.

Cullen, G. (1983). *Paisagem Urbana.* Lisboa: edições 70.

Del Rio, V. (1999). Cidade da mente, cidade real: percepção ambiental e revitalização da área portuária do RJ. In V. Del Rio & L. de Oliveira (Orgs.) *Percepção Ambiental: a Experiência Brasileira.* São Paulo: Studio Nobel.

Dovey, K. (1985). Home and Homelessness. In I. Altman & C. M. Werner (Orgs.). *Home Environments.* New York: Plenum Press.

Elali, G. A. (1995). *Conjunto Rincão: sonho e realidade*. Dissertação de mestrado não publicada. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Feijó, S. T. (2005). *Uma Discussão sobre a relação entre apego ao lugar e tendência à adoção de condutas pró-ambientais*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Feldman, R. M. (1996). Constancy and change in attachment to types of settlements. *Environment and Behavior, 28,* 419-445.

Ferrara, L. (1999). As cidades ilegíveis: percepção ambiental e cidadania. In V. Del Rio & L. de Oliveira (Orgs.) *Percepção Ambiental: a Experiência Brasileira.* São Paulo: Studio Nobel.

Fried, G. (2000). Continuities and discontinuities of place. *Journal of Environmental Psychology, 20,* 193-205.

Guiliani, M. V. (2004). O lugar do apego nas relações pessoa-ambiente. In E. Tassara, E. Rabinovich & M. C. Guedes (Orgs.). *Psicologia e Ambiente*. São Paulo: Educ.

Guiliani, M. V. & Feldman, R. (1993). Place attachment in a developmental and cultural context. *Journal of Environmental Psychology, 13*, 267-274.

Guiliani, V., Ferrara, F. & Barabotti, S. (2003). One attachment or more? In G. Moser, E. Pol, Y. Bernard, M. Bonnes, J. A. Corraliza & M. V. Giuliani (Orgs.) *People, Places and Sustainability*. Paris: Hogrefe & Huber publishers.

Günter, I. A., Nepomuceno, G. M., Sephar, M. C. & Günter, H. (2003). Lugares favoritos de adolescentes no Distrito Federal. *Estudos de Psicologia. 8*, 229-308.

Hay, B. (1998). Sense of place in developmental context. *Journal of Environmental Psychology, 18,* 5-29.

Hombrados, M. V. (1998). Hacinamiento. In J. I. Aragonés & M. Amérigo (Orgs.), *Psicologia Ambiental*. Madrid, Pirâmide.

Honorato, S. (1999). *Se Essa Cidade Fosse Minha*...João Pessoa: editora universitária UFPB.

Hummon, D. M. (1992). Community attachment. Local sentiment and sense of place. In S. M. Low & I. Altman (Orgs.) *Place Attachment: Human Behavior and Environment. Advances in Theory and Research*. New York: Plenum Press.

Ittelson, W. H., Proshansky, H. M., Rivlin, L. G. & Winckel, G. H. (1974). Environmental man. In W. H. Ittelson, H. M. Proshansky, L. G. Rivlin & G. H. Winckel (Orgs.). *An Introduction to Environmental Psychology*. Nova Yorque: Holt, Rinehart & Winston.

Jodelet, D. (2001). A cidade e a memória. In V. Del Rio, C. R. Duarte & P. A. Rheingantz (Orgs.), *O Projeto do Lugar: Colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo: contra capa.

Johnson, C. Y. (1998). A consideration of collective memory in african american attachment to wildland recreation places. *Human Ecology Review, 5,* 5-15.

Jones, R. (1982). *Physics as Metaphor*. Minneapolis: University of Minnesota.

Kohlsdorf, M. E. (1996). *A Apreensão da Forma da Cidade*. Brasília: Universidade de Brasília.

Korpela, K. M. (1989). Place identity as a product of environmental self-regulation. *Journal of Environmental Psychology*, *9*, 241-256.

Korpela, K. M. (1992). Adolescentes' favourite places and environmental self-regulation. *Journal of Environmental Psychology*, *12*, 249-258.

Le Corbusier (1961). *The Modulor*. London: Faber & Faber.

Lima, N. (1990). *Município do Rio Grande do Norte. Flores, Goianinha, Jardim do Seridó, Lajes e Luís Gomes*. Natal: Fac-similar Revista do Instituo Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte.

Low, S. M. & Altman, I. (1992). Place attachment: a conceptual inquiry. In S. M. Low & I. Altman (Orgs.) *Place Attachment: Human Behavior and Environment. Advances in Theory and Research*. New York: Plenum Press.

Lynch, K. (1999). *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins fontes.

Manzo, L. C. (2003). Beyond house and haven: toward a revisioning of emotional relationships with places. *Journal of Environmental Psychology, 23*, 47-61.

Michaelis (Dicionário inglês-português), 1989.

Moore, J. (2000). Placing home in context. *Journal of Environmental Psychology, 20,* 207-218.

Moore, J. & Kellett, P. (1998). Routes to belonging of home and homelessness in contrasting societies [Trabalho completo]. In J. M. Sabucedo, R. García-Mira, E. Ares & D. Prada (Orgs.), *VI Congresso de Psicologia Ambiental*. Libro de comunicaciones (pp. 145-154). Barcelona: Publicacions Barcelona.

Moranta, T. V. (1998). La Apropiación del espacio. [Trabalho completo]. In J. M. Sabucedo, R. García-Mira, E. Ares & D. Prada (Orgs.), *VI Congresso de Psicologia Ambiental*. Libro de comunicaciones (pp. 29-37). Barcelona: Publicacions Barcelona.

Oliveira, F. M. (1998). *O Uso da Paisagem Natural pelo Turismo em Pipa/RN*. Monografia bacharelado em Geografia, UFRN, Natal.

Pinheiro, J. Q. (1998). Enseñanza de la Psicologia Ambiental: vínculo afectivo del alumno y estrategias para su promoción. In J. M. Sabucedo, R. García-Mira, E. Ares & D. Prado (Orgs.). *Libro de Comunicaciones VI Congresso de Psicologia Ambiental* (pp.299-304). A Coruña, Espanha: Universidade da Coruña, Universidade de Santiago de Compostela, Universidade de Vigo.

Pinheiro , J. Q. & Elali, G. (1998). *Comportamento Sócio-Espacial Humano*. Texto de aula não publicado, Natal, RN.

Pinker, S. (1998). *Como a Mente Funciona*. São Paulo: Cia das letras.

Pisani, P. S. & Rizzon, F. (1994). *Temas de Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.

Pretty, G. H., Chipuer, H. M. & Bramston, P. (2003). Sense of place amongst adolescents and adults in two rural australians towns: the discriminating features of place attachment, sense of community and place dependence in relation to place identity. *Journal of Environmental Psychology, 23*, 273-287.

Proshansky, H. M. (1978). The city and self-identity. *Environment and Behavior, 10*, 147-169.

Proshansky, H. M., Fabian, A. K., Kaminoff, R. (1983). Place identity: Physical world socialization of the self. *Journal of Environmental Psychology, 3*, 57-83.

Rapoport, A. (1985). Thinking about home environments: a conceptual framework. In I. Altman & C. M. Werner (Orgs.). *Home Environments. Advances in theory and research*. New York: Plenum Press.

Riley, R. (1992). Attachment to Ordinary Landscape. In S. M. Low & I. Altman (Orgs.) *Place Attachment: Human Behavior and Environment. Advances in theory and research*. New York: Plenum Press.

Rocha Neto, J. M. (1997). *Os Impactos Sociais, Econômicos e Culturais do Turismo em Populações Nativas e Ambientes Naturais*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Ruiz, B. H., Villodres, M. C. & Vilela, L. D. (1998). Predictores de apego al lugar [Trabalho completo]. In J. M. Sabucedo, R. García-Mira, E. Ares & D. Prada (Orgs.), *VI Congresso de Psicologia Ambiental*. Libro de comunicaciones (pp. 39-45). Barcelona: Publicacions Barcelona.

Saile, D. G. (1985). The Ritual Estabilishment of Home. In I Altman & C. M. Werner (Orgs.) *Home Environments*. New York: Plenum Press.

Silva, A. C. da (1991). *Geografia e Lugar Social*. São Paulo: contexto.

Sommer, R. (1979). *A Conscientização do Design: o Papel do Arquiteto*. Califórnia: Brasiliense.

Sommer, B. B. & Sommer, R. (1997). *A practical guide to behavioral research: tools and techniques*. New York: Oxford University Press.

Taylor, R. B. & Brower, S. (1985). Home and Near-Home Territories. In I. Altman & C. M. Werner (Orgs.). *Home Environments*. New York: Plenum Press.

Tuan, Yi-Fu. (1974). *Topofilia*. São Paulo: Difel.

Tuan, Yi-Fu. (1980). *Rootedness Versus Sense of Place. Landscape, 24,* 3-8.

Tuan, Yi-Fu. (1983). *Espaço e Lugar: a Perspectiva do Lugar*. São Paulo: Difel.

Tulik, O. (2000). Do conceito à estratégias para o desenvolvimento do turismo rural. In A. B. Rodrigues (Org.). *Turismo Desenvolvimento Local*. São Paulo: Hucitec.

Twigger-Ross, C. L. & Uzzell, D. L. (1996). Place and identity process. *Journal of Environmental Psychology, 16*, 205-220.

Valera, S. (1997). Estúdio de la relación entre el espacio simbólico urbano y los procesos de identidad social. *Revista de Psicologia Social*, *12*, 17-30.

Villodres, M. C. & Ruiz, B. H. (1998). Dimensiones de apego ao lugar [Trabalho completo]. In J. M. Sabucedo, R. García-Mira, E. Ares & D. Prada (Orgs.), *VI Congresso de Psicologia Ambiental*. Libro de comunicaciones (pp. 47-52). Barcelona: Publicacions Barcelona.

Vitterso, J., Vorkinn, M. & Vistad, O. (2001). Congruence between recreational mode and actual behavior: a prerequisite for optimal experiences? *Journal of Leisure Research*, *33*, 137-159.

Yázigi, E. (2001). *A Alma do Lugar. Turismo, planejamento e cotidiano.* São Paulo: Contexto.

Weidemann, S. & Anderson, J. R. (1985). A conceptual Framework for Residential Satisfaction. In I. Altman & C. M. Werner (Orgs.). *Home Environments*. New York: Plenum Press.

Werner, C., Altman, I. & Oxley, D. (1985). Temporal Aspects of Home. In I. Altman & C. M. Werner (Orgs.). *Home Environments.* New York: Plenum Press.

Wicker, A. (1979*). An introduction to Ecological Psychology*. Belmont: Brooks Cole.

Wiesenfeld, E. (1994). La evaluación residencial en edificios de interes social com diferentes alturas. In Comisión de Estúdios de Postgrado (Org.). *Contribuciones Iberoamericanas a la Psicologia Ambiental*. Caracas: Universidad Central de Venezuela.

Williams, D.R., Anderson, B.S., McDonald, C.D. & Patterson, M.E. (1995). *Measuring Place Attachment: More Preliminary Results*. P. 78 in Abstracts of the 1995 Symposium on Leisure Research. National Recreation and Park Association, Arlington, VA.

www.natal.com.br/mapa.htm

www.guianet..com.br/rn/maparn.htm

Apêndices

Apêndice A: Modelo do roteiro de entrevista exploratória

Nome: _____ Idade: _____ Sexo: _____
Escolaridade:_____
Naturalidade: _____ Freqüência com que vem a Pipa: _____
Filhos:_____ Netos: _____ Tempo de residência em Pipa: _____
OBS.:
_____

Passado:

1. Quando foi a primeira vez que você veio a Pipa? Por que você veio?
2. Como era Pipa? E os lugares de Pipa?
3. Como as pessoas viviam?
4. Qual é o lugar que você mais lembra daquela época?
5. Quais os lugares que você mais gostava e menos gostava?
6. Como adquiriu o terreno para construir a casa?

Presente:

1. Pipa ainda é a mesma? Em que sentido? Por quê?
2. Como é Pipa?
3. O que você costuma fazer?
4. Que lugares tem aqui?
5. Quais os lugares que você mais gosta e menos gosta?

Futuro:

1. Você pensa em continuar aqui? Por quê?
2. Como você imagina Pipa daqui a 10 anos? Por quê?
3. Como vai estar o meio natural? A cidade e as pessoas?
4. Você gostaria que alguma coisa mudasse em Pipa? Por quê?
5. Quais os lugares que você lembrará e esquecerá? Por quê?

Apêndice B: Modelo do roteiro de entrevista

1. Você ama Pipa? Por que você acha isso?
2. Mas você é uma pessoa apegada a Pipa? O que fez você se apegar à Pipa?
3. Você conhece alguém que seja apegado a Pipa? Quem? Como você sabe se elas são apegadas?
4. Por que você veio morar em Pipa? Se nasceu: Já morou fora? Então porque voltou para cá?
5. Por que você ainda mora em Pipa? Ou: Então,... por que você não vai embora de Pipa? (Ocasional)
6. Você sente saudade de alguma coisa em Pipa? O quê?
7. Por que você acha que tantas pessoas querem vir morar aqui?
8. Isto prejudica alguma coisa para você? O quê?
9. Você está satisfeito morando aqui? Já pensou em ir morar em outro local?
10. Qual a primeira coisa que você lembra quando se fala em Pipa?
11. Como é Pipa? Explique-me. Desenhe.
12. O que você mais gosta aqui?
13. Pipense é aquele que...
14. Você é pipense? Mas se considera/ se sente pipense?
15. Como você imagina Pipa daqui a 10 anos?

Como tudo tem o seu lado bom e seu lado ruim...

16. Pipa tem problemas ambientais? Cite exemplos: De quem é a culpa disso?
17. Se você pudesse, modificaria alguma coisa em Pipa? O quê?
18. O que você menos gosta em Pipa?
19. Quais são as principais dificuldades em morar em Pipa?
20. Apesar das dificuldades você ainda mora aqui. Por quê?
21. O que faria você abandonar Pipa e ir morar em outro local? Em que outro local você moraria?

Dados pessoais:
Nome: _____ Idade: _____ Sexo: _____
Estado civil: _____ Filhos: _____ Netos: _____
Naturalidade:_____Escolaridade: _____
Profissão:_____ Atividade: _____
Local de residência: _____
Situação da residência: ( ) Própria ( ) Alugada ( ) Emprestada
Mora em Pipa há _____anos. Morou fora de Pipa? ( ) Não ( ) Sim Onde?_____
Quanto tempo? _____ Tem outros parentes morando em Pipa? ( ) Sim ( ) Não

Mora o ano inteiro em Pipa? ( ) Sim ( ) Não Onde mora também? _____
Mora quanto tempo por ano em Pipa? _____
OBS: _____
_____
____
Desenhe Pipa:

Apêndice C: Exemplo de entrevista

Sujeitos 13, 14 e 15

13) João Peixinho, 66 anos (60 anos nos documentos para servir ao exército. Já era para estar aposentado.), casado, 16 filhos (apenas oito vivos), 20 netos, é nativo, analfabeto, não vive mais da pesca, vai se aposentar. Mora no Largo de São Sebastião.
14) Zilda, 69 anos, casada, estudou até a 3 série primária.
15) Domitila, 80 anos, viúva, 6 filhos, 10 netos, nasceu na Pipa mas filhos e netos nasceram em Natal e se criaram na Pipa, estudou até a 5 série, morou em Natal 10 anos depois de aposentada. Foi professora e diretora de uma escola da Pipa. Lecionou por 35 anos e mora no Largo de São Sebastião.
Você ama Pipa?
Amo, amo demais, amo..(JP)
Por que você acha que ama Pipa?
Porque acredito que seja tranqüilo. (JP)
Só tem o senhor por aqui por baixo, agora.
É, tem aqui minha vizinha só. (JP)
Ela é nativa?
É, também. Ela é minha madrinha. Tem 82 anos, né, Zilda, Domitila? Tem 80 anos e nunca saiu daqui não. Ela vai aqui pra Natal, tem casa em Natal também, ela vai, mas toda vida ela volta.A família dela é de Natal também. (JP)
E o senhor, também nunca saiu da Pipa?
Não, aqui eu nasci e daqui eu não saio. Acho que daqui só pro cemitério mesmo. (JP)
Então vocês são pessoas apegadas a Pipa?
Ah, se somo. (JP)
Eu tenho minha família toda no Rio e eu nunca fui. (Z)
A senhora nunca foi para o Rio?
Não, a família todinha morando no Rio e nunca foi. (JP)
Tem meu pai, morou 25 anos lá e minha mãe 18, e vieram morrer aqui na Pipa.(Z)
É mais fácil morrer pra lá, né? Aquela violência pra lá, né? Eu acho bom aqui porque eu me sinto, tem noite aqui que eu inté esqueço de fechar a porta, Durmo inté com a porta aberta. (JP)
Por que vocês acham que d. Domitila é uma pessoa apegada?
Porque toda vida, nunca deixou aqui pra ir morar noutro canto, né? (JP)
Não, morou. (Z)
Morou em Natal, mas voltou toda vida. (JP)
Pelo jeito, pela qualidade...
Vocês estão satisfeitos em morar aqui na Pipa?
To, to muito satisfeito, to mesmo.
Qual é a primeira coisa que você lembra quando alguém fala na Pipa?
Antigamente eu ouvia falar que Pipa mudou sabe? Aqui antigamente chamava Cabo Verde.(JP)
O senhor era vivo nesta época?
Era não. Agora, devido Pipa, foi i apelido que botaram, não foi minha tia?Por causa de uma pedra que tem lá no moleque. Antigamente quando aquele pessoal de viagem vinha, quando

chegava acolá que via, aí dizia que parecia uma pipa, aquelas pipa de antigamente, daqueles engenho, de botá cachaça dentro. E assim ficou. (JP)
Foi, foi, aí começaram a chamar Pipa, porque, foi quando descobriram. (D)
Aí mudou muitas coisas aqui, né, tia? Antigamente ali tinha um curral, a gente dizia, vamo pra praia do canto né,aqui, por causa dum recanto assim, aí acabou, aqui ninguém chama mais, chama de praia dos golfinhos, acabou-se. (JP)
Como é que você prefere?
Eu não queria que tivesse mudado não, eu queria curral do canto, que é daqui, né? Se a gente fosse pra acolá, dizia vamo pra onde? Vamo pro curral. Ali, tem uma pedra que a gente chamava da vovó, a gente dizia vamo pra pedra da vovó,que era uma pedra que tinha. Hoje em dia ninguém chama mais, chama afogado. (JP)
E a praia do amor já existia nessa época?
Não, foi botado agora também. (JP)
E a pedra do moleque?
Aí essa daí ficou. Mas as outras foram mudando né? Era pra ficar o que era antigamente, tinha mais importância os nomes das coisas. (JP)
Por que mudou?
Ah, sei lá, o pessoal que, sei lá, quis mudar... Antigamente a gente dizia assim: fulano vai pra onde? Vai pro curral do canto num era minha tia? Hoje em dia não, vai pra onde? Pra baía dos golfinhos. (JP)
Foi que nem o padre disse naquele dia: pra que mudar? Por que se era praia do madeiro... (D)
Num tem doutor Teles Barabalho tá pescando... (JP interrompendo-a).
Escuta João, o que ela vai falar (Z)
Começaram pela praia do madeirinho, então depois praia do madeiro, depois, o curral, depois tinha a baixinha, depois tinha a Pipa que é a Pipa mesmo, que tinha aquela pedra. Ali não tinha nome não. (...)(D)
É porque se chegasse um turista aqui e dissesse quer conhecer a praia dos afogados, ninguém ia quere ir, e se disser a praia do amor, todo mundo vai querer ir, não é?
Justamente. Ali todo ano morre gente afogada. Por que o caba que vai pra lá que num conhece aqui, aí, quem sabe já, que é conhecido daqui, já sabe que lá tem puxão muito grande, que as vezes a gente tá com a vara, ta pescando, com a água mesmo no imbigo, aí na mesma hora hora você toma uma amarradinha aqui nos pés, aí a carrera de água é muito grande, aí pra quem não sabe, vai nadar contra a carrera d'água aí cansa e morre, e pra quem já sabe aquilo dali, aí nada pra fora, chegar lá fora aí a água fica parada, a gente sai pra onde quer, não é? (JP)
Mas já botaram a praça, já botaram a praça. (Z)
Agora quem vai falar é a minha madrinha. Que antigamente, a Pipa não tinha energia, não tinha essas beleza que tem agora. Antigamente, ela era professora, então ela ensinou a gente, aí vem o pessoal de uma casa grande que tinha ali embaixo e perguntou o que significava Pipa, ela vizinha a mim disse: fale, o que tinha de bom nessa Pipa, maravilhoso. Eu, não tenho palavras mas eu vou dizer, aí eu respondi pra eles que a Pipa era uma praia muito linda, que nela existia uma capela em frente ao Oceano Atlântico que era uma maravilha. A Pipa tinha um porto de navegações, curral de peixe e casa de farinha, e muitos coqueirais, mangueira, muitas árvores de fruta, e etc. A Pipa tem barreira de barro tintoriais. Aí eles perguntou quem era a minha professora eu disse era ele. Ela ensinou muito bem. Que antigamente a Pipa não tinha nenhuma paleta. Aí ele perguntou a mim por que a Pipa tem barro tintorial... (Z)
Barro o quê?
Barro tintorial. (Z)
São as barreiras. Barro de toda cor. A gente não comprava antigamente cal nem nada não. A vila de pescadores aí a gente retirava do barro as lasquinhas, com um barro novo que tem lá que se chama a cal né? Aí você queria botar uma pá na casa assim, aí você botava ou de roxo, ou de azul, de qualquer cor. (D)
Quando eu fui estudar em Natal, fui estudar em escola particular, mas quando deu 6 meses meu pai ficou doente e eu vim trabalhar na agricultura(...) (Z)
Você tava falando de Pipa antigamente, e hoje, como ela tá?
Hoje, a Pipa, eu quero dizer a você que ta, a pessoas viverem melhor, pra as pessoas que vivem hoje na Pipa, sobre a pobreza de antigamente aí hoje em dia ta superior, ta melhor.

Agora, o tempo que volta a ser a Pipa do jeito do sossego que era aqui, dormir de porta aberta... os primeiros surfistas que chegaram aqui, armavam a rede de um coqueiro pra outro, não tinha quem mexesse, deixava as bolsas em baixo, não tinha quem fosse lá, mexer em nada. Hoje em dia não ta mais assim não. Esse sossego acabou. Agora aqui ta aparecendo já muitas coisas diferentes, que nunca houve... (D)
... muita gente de fora (JP)
Muita gente de fora, muita gente de mau costume, chega aqui querendo botar as unhas de fora. A droga foi trazida por essas pessoas de fora. A droga que tinha aqui antes era bebida, cachaça essas coisas, mas essas outras qualidade de droga, não havia. Agora depois que começou desses surfistas a entrarem pra aqui, aí foi que houve essas outras drogas. E aqui já tem muitas pessoas que estão... gente daqui.(D)
De uns anos atrás, ninguém nunca ouviu falar de ir a polícia matasse um traficante e agora já aconteceu. (JP)
Do que vocês mais gostam na Pipa?
Olhe, eu gosto da Pipa, viu? Eu gosto dela toda. (D)
Eu nasci aqui, me criei, casei, trabalhei 35 anos. Toda vida, foi tudo aqui. Eu muito daqui. (Z)
Hoje em dia, não tem quem goste mais daqui do que eu, agora, hoje em dia eu tenho abuso de umas tantas coisas, que aparece na Pipa, né? (D)
Como o que por exemplo?
Como o desassossego a noite, muita gente... (D), que nem o padre pode celebrar a missa no outro dia do reveillon. (D)
Aqui vocês chamam pipeiro ou pipense?
A palavra certa é pipense. (D)
Pipense é aquele que...
Aquele que nasceu aqui. (D)
Quem nasceu noutro lugar e veio pra aqui desde pequeno?
É, eu acho que é, se ele tirou os documentos aqui, ele é pipense. (D)
Algumas pessoas podem não ser pipenses, mas podem se sentir pipenses?
Certo, pode. (D)
Pelo tempo que tiver já aqui morando né? (JP)
Num tem tanta gente que chega de Portugal, desse meio de mundo e mora num lugar como Natal e ele quer que seja natalense? (D). Teles diz toda vez, que só não nasceu aqui, mas se criou aqui.
O pipense tem alguma coisa diferente das outras pessoas?
Eu acho que se distingue assim, porque aqui, quase todo mundo é analfabeto. Hoje em dia não é mais, esses jovens já são tudo alfabetizado, mas esses mais velhos quase tudo é analfabeto. (D)
Eu sou um, eu não sei fazer um "a", eu não sei. Porque no tempo no tempo que eu era pra estudar aí eu tinha meu pai e minha mãe, aí naquele tempo como as coisas era mais difícil, aí eu tinha que trabalhar pra mó de dar de comer a meu pai e minha mãe. Dar de comer a meu pai e minha mãe tinha mais futuro do que estudar. Mas esses de hoje em dia tudo já sabe assinar o nome. (JP)
Quais são as principais dificuldades de morar na Pipa?
Dificuldade hoje em dia tem mais não. Agora antigamente, porque a gente trocava, negociava, meu esposo era, negociava quando tinha uma mercearia, nem sequer um carro pra fazer entregar tinha aqui. Se não possuísse um carro, ou não tivesse um animal que fosse comprar ou em Goianinha, ou em Canguaretama, aí não tinha nada pra botar na mercearia aí... e hoje em dia não, o povo anda oferecendo nas portas, é a maior facilidade. E pra tudo hoje em dia aqui na Pipa ta mais fácil. (D)
E com relação a hospital?
Aqui tem um posto de saúde, quase todo dia tem médico, quase todo dia. E em Tibau tem um mini-hospital. Tem quarto... é bom, é eficiente... tem logo duas ambulâncias... Graças a deus agora ta amaior facilidade. (D)
Vocês gostariam de mudar para outra cidade?
Pra outra cidade não, não quero sair daqui não. (Z)
Eu já morei dez anos em Natal e não gostei, voltei pra aqui. (D)

Eu não, tem dia que eu vou pra Natal, tem dia que eu vou fazer um exame assim, que nem eu fui semana passada, lá do coração, aí a consulta era 9 hora do dia, quando deu doze hora eu já tava doido pra vim embora. (JP)
Quando eu era moça eu queria morar em Natal. Quando meu pai mandou me buscar eu chorei agarrada no pescoço das minhas amigas, e chorou todo mundo, mas chegou o tempo de meus pais ficarem doentes, me mandaram me buscar aí eu tive de voltar assim com uns seis, sete meses . (Z)
Nunca tive vontade de sair daqui por causa de meu pai e minha mãe. (JP)
Vocês gostariam que apenas as pessoas que vocês gostam se mudassem pra outro lugar?
Não. Não queria que ela (Domitila) fosse pra outro lugar não. (Z) Olhe eu as vezes, olho pra essa casa daqui e me dá uma saudade tão grande dessa mulher, quem quiser acreditar, acredite. Eu não quero que ninguém saiba que eu to dizendo a verdade, eu quero que Deus saiba e eu, o quanto eu amo essa família. (Z) (Se emociona).
E se d. Domitila fosse viver noutro lugar, vocês gostariam de ir atrás dela?
Olhe, quando essa mulher foi pra Natal, a gente olhava pra casa dela, deu uma falta... (Z)
O único vizinho que nós tem aqui é ela. Quando ela foi pra Natal, nós ficou abandonado, sem tem um vizinho. (JP)
Aqui todo mundo é uma família só. Até o pessoal de Goianinha que ta aqui a muito tempo é mesmo que ser uma família só. (D)
Vamos falar do futuro. A Pipa daqui a dez anos, como vai ser, o número de moradores vai aumentar ou diminuir?
Vai aumentar mais. (JP)
Do jeito que vai, vai aumentar, apesar de que pode cair, mas eu não tenho idéia não. (D)
E a quantidade de turistas?
Turistas, daqui a dez anos, eu não tenho essa...
Eu tenho pra mim que daqui a dez anos o turista vai diminuir mais, viu? (JP)
Eu acho também. Porque toda praia é assim. O Ceará era assim. (D)
Quem começa assim, muita gente assim... não vê Canoa Quebrada? (JP)
Por que? Será que eles enjoam, o que acontece?
Às vezes a praia vai ficando suja... (D)
Olhe, Canoa Quebrada dizem que uma das praias mais sujas, gente, né? Agora, minha fia foi pra lá disse que era bem pouquinha gente, e eu acho que Pipa vai ser assim também, sabe? (JP)
Eu não sei não, é tanta gente aqui... (Z)
Não mas isso daqui pode cair, mas vai custar um pouco. (D)
Daqui a dez anos cai. (JP)

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo